

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA COGNITIVA**

**JOSÉ HUGO GONÇALVES MAGALHÃES**

**O que as Pessoas Experienciam quando a Morte vem à Mente?  
Explorando Aspectos Cognitivos e Fenomenais da Experiência Interna  
Dirigida à Morte entre Sujeitos Inseridos na Cultura Heavy Metal**

**Recife**

**2014**

**JOSÉ HUGO GONÇALVES MAGALHÃES**

**O que as Pessoas Experienciam quando a Morte vem à Mente?  
Explorando Aspectos Cognitivos e Fenomenais da Experiência Interna  
Dirigida à Morte Entre Sujeitos Inseridos na Cultura Heavy Metal**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de mestre em Psicologia Cognitiva.

Área de concentração: Psicologia Cognitiva

Linha de Pesquisa: Cultura e Cognição;  
Desenvolvimento Cognitivo

Orientador: Prof<sup>o</sup> Alexsandro Medeiros do Nascimento

**Recife**

**2014**

Catálogo na fonte

Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva CRB4-1291

M188q Magalhães, José Hugo Gonçalves.

O que as pessoas experienciam quando a morte vem à mente? Explorando aspectos cognitivos e fenomenais da experiência interna dirigida à morte entre sujeitos inseridos na cultura Heavy Metal / José Hugo Gonçalves Magalhães. – Recife: O autor, 2014.

130 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Medeiros do Nascimento.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva, 2014.

Inclui referências e anexos.

1. Psicologia Cognitiva. 2. Processamento Cognitivo. 3. Morte - Aspectos psicológicos. 4. Atitude frente à morte. 5. Cultura. I. Nascimento, Alessandro Medeiros do (Orientador). II. Título.

153 CDD (22.ed.)

UFPE (BCFCH2014-139)

## FOLHA DE APROVAÇÃO

José Hugo Gonçalves Magalhães

“O que as Pessoas Experienciam quando a Morte vem à Mente? Explorando Aspectos Cognitivos e Fenomenais da Experiência Interna Dirigida à Morte Entre Adeptos do Heavy Metal”.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de mestre.  
Área de concentração: Psicologia Cognitiva.

Aprovada em: 27 de Fevereiro de 2014

### Banca Examinadora

Dra. Sandra Patrícia Ataíde Ferreira  
Instituição: U.F.PE

Assinatura: \_\_\_\_\_

Dra. Estefânea Élide da Silva Gusmão  
Instituição: U.F.P.I

Assinatura: \_\_\_\_\_

Dr. Antonio Roazzi  
Instituição: U.F.PE

Assinatura: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, **José Adelmo Magalhães** e **Rejane Gonçalves Magalhães**. Por seu amor incondicional, pelo apoio e incentivo nesses anos todos.

Aos meus irmãos, **Ricardo** e **Pedro**, pelo companheirismo e amizade.

À **Dani**, minha namorada, pelo apoio, compreensão e amor desprendido nos últimos tempos.

Ao meu orientador, **Alex**, por seu apoio e paciência durante todo o processo de supervisão da presente dissertação. Por ter me dado a oportunidade de iniciar minha vida na pesquisa.

Aos colegas de mestrado, **Mussa, Francisco, Fernanda, Andresa, Aline, Denise, Pâmela, Edson e Laila**, pela descontração no ppg. A todos os “cachaceiros cognitivos”; à professora **Sandra Ataíde**.

Aos colegas **Rafael Bezerra** e **Gabriel Fortes**, pelas longas e aproveitáveis discussões.

Ao **cnpq**, pela concessão de bolsa de mestrado.

*Existe um processo através do qual adquirimos o conhecimento de eventos datados em tempos estreitamente contíguos a eles; este é o processo chamado “percepção” ou “introspecção”, segundo o caráter dos eventos tratados. Existe sem dúvida a necessidade de muita discussão com relação à natureza deste processo, e de ainda mais discussão com relação à natureza do conhecimento que se deriva dele; porém não pode existir nenhuma dúvida acerca do amplo fato de que adquirimos o conhecimento desse modo. Levantamos e verificamos que amanheceu, ou que ainda é noite; ouvimos a batida de um relógio; vemos uma estrela cadente; lemos o jornal e assim por diante. Em todos esses casos adquirimos conhecimentos de eventos, e o tempo em que adquirimos o conhecimento é o mesmo, ou aproximadamente o mesmo, que aquele em que os eventos ocorrem.*

**Bertrand Russel, A análise da matéria, 1927.**

## RESUMO

MAGALHÃES, J.H.G. **O que as Pessoas Experienciam quando a Morte vem à Mente? Explorando Aspectos Cognitivos e Fenomenais da Experiência Interna Dirigida à Morte entre Sujeitos Inseridos na Cultura Heavy Metal.** 130 f. Dissertação (Mestrado) – Pós Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

A morte é reconhecida por sua alta responsividade às variantes culturais. No ocidente, a morte tem sido representada a partir de uma via onde significados aparentemente antagônicos como os da finitude e da imortalidade convivem lado a lado (Cave, 2012). Ocorre que, a cultura, compreendida em seu aspecto simbólico, abriga uma ampla gama de interfaces semióticas que constituem, em níveis do funcionamento cognitivo humano, os processos de significação dos objetos do mundo (Valsiner, 2000). Inseridos nesta conjuntura, encontram-se as elaborações semióticas operadas no tema da morte, no âmbito da cultura heavy metal. Considerando este fenômeno, a presente pesquisa procurou investigar o que as pessoas experienciam quando a morte toma o centro de suas atenções e se constitui enquanto objeto em seus estados subjetivos. Ao todo, trinta participantes responderam a entrevistas semi estruturadas de caráter introspeccionista, visando a identificação das três dimensões fundamentais da experiência consciente, a saber: pensamento, afetividade e sensorialidade (Hektner, Schmidt & Csikszentmihalyi, 2007). A fenomenologia dessas dimensões foi identificada a partir da exploração de construtos como fala interna, visualização interna, sentimento, entre outros (Chalmers, 1996; Hurlburt & Heavey, 2008; Paivio, 2007). A partir dos objetivos da pesquisa, os dados foram submetidos à análise de conteúdo (Bardin, 2006), no intuito de identificar e quantificar as categorias de conteúdos que emergiram da amostra. Em síntese, os resultados referentes à dinâmica cognitiva, sugerem que não obstante à integração entre os sistemas cognitivos, verbal e não verbal, na constituição desse tipo de experiência interna, houve a prevalência de processamento cognitivo através da atividade do sistema não verbal. No que se liga ao conteúdo da fenomenologia geral desses estados conscientes, foram encontradas dimensões ligadas a visualizações de pessoas da família, amigos, cenários e objetos fúnebres como velórios, cemitérios, caixões; a rememoração de acidentes pessoais, ocorrência de sentimentos pesados como tristeza, saudade, ansiedade; bem como a ocorrência de memórias olfativas, táteis e alterações no agenciamento proprioceptivo. Em termos sóciocognitivos, evidenciou-se o desenvolvimento de teorias da mente, durante a imersão na experiência, e além disso, os dados sugerem que, na constituição da fenomenologia composta pelo todo dos conteúdos associados à morte entre os participantes, residem impactos mais expressivos de elementos tanáticos provenientes do cotidiano da cultura ocidental em geral, do que dos elementos tanáticos diretamente presentes na cultura heavy metal em particular. A partir da realização pesquisa, sugere-se a criação de um programa de pesquisa cognitivofenomenológico dos estudos da morte na psicologia, bem como, o delineamento de um campo de pesquisa temático da consciência, no âmbito dos estudos de primeira pessoa na contemporaneidade.

**Palavras chave:** consciência; cultura; experiência interna; morte; processamento cognitivo.

## ABSTRACT

MAGALHÃES, J.H.G. **What People Experience When Have Death in Mind? Exploring Cognitive and Phenomenal aspects of the Inner Experience Directed to Death Among Heavy Metal Followers.** 130 p. Dissertation (Master's Degree) – Graduate Program on Cognitive Psychology, Federal University of Pernambuco, Recife, 2014.

Death is recognized by its high responsiveness to cultural variants. In the Western culture, death has been represented from a route where apparently antagonistic meanings, as finiteness and immortality, live side by side (Cave, 2012). Culture, understood in its symbolic aspect, houses a wide range of semiotic interfaces that constitutes, in the levels of human cognitive functioning, the processes of signification related to the world objects (Valsiner, 2000). Inserted at this juncture, there are semiotic elaborations operated on the theme of death within the heavy metal culture. Considering this phenomenon, the present study sought to investigate what people experience when death takes the center of their attention and constitutes as an object in their subjective states. Thirty participants answered semistructured interviews that followed a introspectionist character, aiming to identify the three fundamental dimensions of conscious experience, namely: thought, feeling and sensoriality (Hektner, Schmidt & Csikszentmihalyi, 2007). The phenomenology of these dimensions was identified from the exploitation of categories such as inner speech, inner seen, feeling, among others (Chalmers, 1996; Hurlburt & Heavey, 2008; Paivio, 2007). So, considering the research aims, the data were submitted to content analysis (Bardin, 2006), in order to identify and quantify the content categories that occurred in the sample. The results regarding the cognitive dynamics, suggest that, despite the integration between verbal and nonverbal cognitive systems in the formation of this type of inner experience, there was a prevalence of cognitive processing through the nonverbal system activity. In that binds to the contents of the general phenomenology of these conscious states, dimensions related to the inner view of family members, friends, scenarios and funeral objects such as cemeteries, coffins, etc. were found, and yet, the imagery related with the recollection of personal injury. In the feeling side, we can see the occurrence of sorrowful feelings such as sadness, homesickness, anxiety. In the sensory way, could be seen the occurrence of olfactory and tactile memories, as well proprioceptive alterations in the sense of agency. In socio-cognitive terms, we can see the development of theories of mind, during the individuals immersion in these inner experiences. In addition to the social aspects, the data suggest that in the contents that compose the phenomenology associated with death among participants, resides more significant impacts of everyday elements of death found in the general semiotics of death encountered in the western culture, than the in particular death elements directly present in heavy metal culture. The future prospects that can be created from performing the present research, suggest the creation of a phenomenal-cognitive approach for the study of death in the field psychology, as well, the constitution of a first-person research program that propose a thematic research of phenomenal consciousness, based in the induction of specific states of consciousness, by means of introspective technics that aimed to direct the conscious attention to the concepts that arise from cultural constructions, in preference, these concepts that are existentially significant in the people everyday lives, such as “death”, “spirituality” and “happiness”.

**Keywords:** cognitive processing; consciousness, culture; death; inner experience.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b>	Esquema Estrutural da Teoria do Código Dual .....	<b>30</b>
<b>Figura 2.</b>	Tabela de relações ortogonais entre os sistemas cognitivos.....	<b>33</b>
<b>Figura 3.</b>	Capa “Left Hand Path”, Entombed (1990) .....	<b>60</b>
<b>Figura 4.</b>	Capa “Macabre Eternal”, Autopsy (2011) .....	<b>61</b>
<b>Figura 5.</b>	Capa “The Upcoming Terror”, Assassin (1990) .....	<b>62</b>
<b>Figura 6.</b>	Capa “Darkness Descends”, Dark Angel (1987) .....	<b>63</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Categorias de conteúdo de experiência interna direcionada à morte e porcentagem de suas ocorrências na amostra pesquisada .....	<b>89</b>
--	-----------

## ANEXOS

<b>Anexo A.</b> Entrevista Cognitivofenomenológica do Estado Consciente Dirigido à morte.....	<b>124</b>
<b>Anexo B.</b> Parecer do comitê de ética.....	<b>126</b>
<b>Anexo C.</b> Termo de consentimento livre e esclarecido.....	<b>129</b>

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS .....	
EPÍGRAFE .....	
RESUMO .....	
ABSTRACT .....	
LISTA DE FIGURAS .....	
LISTA DE TABELAS .....	
ANEXOS .....	
<b>PARTE I: MARCO TEÓRICO .....</b>	<b>16</b>
<b>Capítulo 1. A Consciência como Experiência Consciente: Considerações Sobre sua Ontologia e Estudo .....</b>	<b>17</b>
1.1. Experiência Consciente: Aspectos Estruturais .....	17
1.1.2. Elementos Ocorrenciais .....	20
1.1.3. Elementos Causais .....	25
1.1.4. A Teoria da Codificação Dual .....	29
1.1.5. Implicações desta Perspectiva para a Pesquisa Fenomenal da Experiência Consciente .....	35
1.2.1. O início do Estudo Empírico da Experiência Consciente.....	39
1.2.2. Estudos da Experiência Consciente na Contemporaneidade .....	42
<b>Capítulo 2. Morte, Heavy Metal e Cultura .....</b>	<b>50</b>
<b>2.1. Heavy Metal: Conceito, História e Cultura .....</b>	<b>50</b>
<b>2.2. Considerações Acerca do Estatuto da Cultura nos Processos de Significação e o Caso da Representação da Morte na Cultura Heavy Metal .....</b>	<b>57</b>
<b>2.3. A Morte Como Objeto de Estudo em Psicologia .....</b>	<b>64</b>
<b>PARTE II: ESTUDO EMPÍRICO .....</b>	<b>76</b>
<b>Capítulo 3. Explorando os Aspectos Cognitivos e Fenomenais do Estado Consciente Direcionado à Morte entre Adeptos da Cultura Heavy Metal .....</b>	<b>77</b>
<b>3.1. Introdução .....</b>	<b>77</b>
<b>3.2. Método.....</b>	<b>81</b>
3.2.1. Participantes .....	81
3.2.2. Procedimentos .....	81
3.2.3. Instrumentos .....	82
3.2.4. Análise de Dados .....	85
3.2.5. Resultados e Discussão.....	87
<b>3.3. Considerações Finais .....</b>	<b>116</b>
<b>3.4. Perspectivas Futuras .....</b>	<b>118</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>121</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>126</b>

## APRESENTAÇÃO

O presente estudo propõe uma abordagem introspeccionista ao estudo dos modos de subjetivação da morte. Especificamente, objetiva estudar como a morte se constitui como objeto cognitivo responsivo a variantes culturais, a partir da realização de uma incursão empírica através dos eventos subjetivos emergentes dos estados conscientes direcionados à morte entre adeptos do heavy metal.

Esta proposta surge no cenário dos estudos tanatológicos, como uma alternativa empírica de compatibilização de exploração das facetas cognitiva, sensorial e afetiva responsáveis pela constituição do fenômeno. Neste sentido, tem-se a própria experiência interna (Hurlburt & Heavey, 2008) ou experiência consciente (Chalmers, 1996) como locus o empírico de nossa exploração.

A experiência interna/consciente dirigida à morte é aqui entendida como o conjunto de pensamentos, sentimentos, percepções e sensações corporais emergentes do ato de direcionamento intencionalidade consciente à morte, enquanto objeto simbólico (Chalmers, 1996 & 2010; Hurlburt & Heavey, 2008).

De acordo com o levantamento de literatura realizado (capítulo 2), com algumas exceções na área clínica (Widera-Wysoczańska, 1999<sup>1</sup>), inexistem pesquisas de natureza cognitiva que proponham investigar como as pessoas apreendem o espectro da morte em seu significado subjetivo integral, isto é, que proponham investigar, de um ponto de vista fenomenal e cognitivofuncional, como as diferentes dimensões da cognição humana se integram no processo de construção do modo como as pessoas

---

<sup>1</sup> Nossa pesquisa possui afinidades de ordem teleológica com o estudo em questão. Contudo, difere no mesmo ponto, quando de um ponto de vista êmico, está preocupada em abordar a integração cognitiva subjacente ao ato de experienciar conscientemente a morte.

subjetivam a morte, aqui mais especificamente compreendido como *o modo através do qual os indivíduos experienciam a morte enquanto objeto de suas consciências na vida cotidiana, durante o tempo em que passam imersas em um estado consciente caracterizado pelo direcionamento da atenção às suas possíveis formas de representação cognoscente, podendo gerar aliciamento de eventos subjetivos envolvendo as dimensões dos pensamentos, afetos, sensações, percepções; bem como de outras representações mentais ligadas ao âmbito das memórias olfativas, táteis, gustativas, etc.*

Com o intuito de preencher esta lacuna, propõe-se uma pesquisa cognitiva de recorte fenomenológico acerca da subjetivação da morte, que em sentido integrativo, significa o empreendimento de exploração integrada dos elementos cognitivos e fenomenológicos emergentes da sistêmica experiencial e cognitiva constituída a partir da apreensão da morte, enquanto objeto de significação.

No capítulo 1, apresentamos as bases epistemológicas de nossa compreensão do fenômeno da consciência, em termos da constituição de uma perspectiva que abarque uma interpretação cognitivafenomenológica de suas propriedades psicológicas e fenomenais, segundo preconiza Chalmers (1996), e que ao mesmo tempo, seja compatível com a operacionalização de pesquisas psicológicas da consciência (vide Hurlburt & Heavey, 2008).

No capítulo 2, o leitor é apresentado ao universo heavy metal, com especial enfoque ao modo como a morte é retratada nesta cultura, salientando o papel do universo semiótico cultural no processo de construção das significações humanas, inclusive, das significações relativas à morte. Ao final do capítulo, é traçado um breve panorama dos estudos contemporâneos sobre a morte no campo da psicologia.

No terceiro e último capítulo, consta o estudo empírico da dissertação, que conforme explicitado, aborda a subjetivação da morte entre sujeitos inseridos na cultura heavy metal a partir dos dados de sua experiência interna.

## **PARTE I: MARCO TEÓRICO**

## Capítulo 1

### A Consciência como Experiência Consciente: Considerações Sobre sua Ontologia e Estudo

#### 1.1. Experiência Consciente: Aspectos Estruturais.

A qualidade subjetiva que acompanha o curso de nossos pensamentos, sentimentos, sensações; bem como as múltiplas possibilidades de associações entre eles no decorrer de nossa atividade cognoscente cotidiana, é um aspecto central da consciência (Chalmers, 1996 & 2010; Nagel, 1974; Searle, 1994), permanecendo como o maior dos enigmas impostos à solução pela racionalidade humana.

O conhecimento humano diante da natureza da consciência é marcado por um intrigante paradoxo: se por um lado a experiência consciente é o aspecto mais familiar de nossa vida mental cotidiana, por outro, é o aspecto de nossa vida mental mais difícil de ser elucidado. Terminamos por conhecer a consciência mais do que conhecemos o resto do mundo, contudo, continuamos a entender o resto do mundo melhor do que entendemos a consciência (Chalmers, 1996).

Nossa experiência consciente é marcada de um lado pela vividez com a qual experienciamos o mundo, e por outro, pela intencionalidade que demarca os nossos processos cognitivos. Segundo Chalmers (1996; 2003) este primeiro aspecto caracteriza a sua fenomenologia subjetiva – composta por propriedades fenomenais – ou o que a consciência *sente*; enquanto o segundo aspecto representa a sua funcionalidade cognitiva, ou que a consciência *faz* – composta por propriedades psicológicas.

As *propriedades fenomenais (qualia)* constituem os conteúdos da experiência consciente *per se*, inalienáveis ao sujeito da experiência e impassível à "introspecção direta" por um terceiro. Exemplos de tais tipos conteúdo, encontramos na vivacidade

interna das sensações que acompanham a nossa experiência de "vermelhidão" do vermelho, a "dolorosidade" de uma dor ou o êxtase de um orgasmo, por exemplo.

As *propriedades psicológicas* são as propriedades funcionais da experiência consciente, consubstanciadas junto a processos cognitivos subjacentes à organização mental e à causação do comportamento. Um exemplo pode ser encontrado em Searle (1995), quando o autor relata o estatuto que uma crença (e.g. *vai chover*) possui na causação de um comportamento (*fechar as janelas da casa*).

Para Chalmers (2003; 2010) a realidade mental é fundamentalmente constituída por ambos os tipos de propriedades, por vezes coocorrentes no fluxo da experiência consciente. No exemplo acima poderia-se encontrar uma coocorrência, caso a pergunta pelo *o que é como ter uma crença de que vai chover e em seguida agir no ambiente fechando as janelas da casa* demandasse resposta que contivesse o tipo de conteúdo experiencial (e.g. *sentir ansiedade*) ocorrido durante esta ocorrência cognitiva/comportamental (isto é, durante o ato cognitivo de *acreditar* que estava chovendo e agir no ambiente *fechando* a janela).

Nossa experiência consciente possui um caráter eminentemente sistêmico, sendo o fruto de uma série de incursões entre processos cognitivos, neurais, sensoriais e afetivos, que mutuamente engendram um sem número de conteúdos e processos subjetivos interrelacionados (Chalmers, 1996, 2010; Hurlburt & Heavey, 2006; Searle, 1994).

Os estados de consciência, ou experiência consciente/interna<sup>2</sup>, vêm sendo conceituados de um ponto de vista qualitativo, como sendo a vivência de um atual estado subjetivo qualitativo "que é como" tal, constituído pelos conteúdos desse atual

---

<sup>2</sup> Aqui, utilizaremos os três termos em um mesmo sentido, como se referindo sempre à qualidade experiencial e funcional da consciência.

estado subjetivo (Chalmers, 1996; Nagel, 1974)<sup>3</sup>. Este "como é", denota o aspecto privado da experiência subjetiva de um organismo, uma perspectiva que caracteriza os estados mentais em termos do modo de *como é* tê-los.

Disso se segue que a experiência consciente é estruturalmente nucleada por dois tipos de elementos, os processuais (relacionados às propriedades psicológicas, i.e, ao que a consciência faz) e os constituintes (relacionados ao conteúdo da experiência consciente, i.e, às suas propriedades fenomenais). O primeiro relacionado aos processos necessários para o funcionamento da maquinaria existente por detrás de toda a manifestação das qualidades que acompanham os nossos episódios mentais diários, cujos conteúdos constituem-se como a matéria componente dos elementos do segundo tipo.

Aceitando a referida distinção, trabalharemos doravante com a noção de que há dois elementos gerais envolvidos em sua estruturação, atribuindo aos elementos do primeiro tipo a nomenclatura de *elementos causais*, relacionados aos mecanismos que tornam possível a experiência consciente, e aos elementos do segundo tipo, a nomenclatura de *elementos ocorrenciais*, relacionados aos tipos de ocorrências que propriamente constituem a vivência de estados qualitativos de consciência, isto é, o conteúdo manifesto da experiência consciente *per se*.

Assim sendo, na sequência das próximas três seções, trabalharemos em cima do que são tais elementos, considerando, em ambos os casos, tanto a sua faceta fenomenológica quanto a sua faceta psicológica, nos termos demonstrados nos parágrafos anteriores. No que se refere aos aspectos causais envolvidos na estruturação consciente, busca-se uma via paralela à perspectiva funcional clássica. Na última seção,

---

<sup>3</sup> "What is likeness". Denota a pluralidade fenomenal dos conteúdos constitutivos da experiência consciente.

é apresentada uma posição que torne desejável a adoção esta via, no que concerne ao estudo empírico de tais aspectos estruturais.

### **1.1.2. Elementos Ocorrenciais**

A tese que enuncia a necessidade de existência de bases neurofisiológicas que tornem possível toda a imensa gama de episódios mentais vivenciados por um agente cognitivo humano, parece ser ponto pacífico entre as mais distintas teorias contemporâneas sobre a consciência, visto que estas, invariavelmente; adotam alguma versão de naturalismo, quer mais minimalista, quer mais extremado. Neste ponto, as diferenças entre perspectivas fisicalistas/funcionalistas e perspectivas fenomenais são de certa forma, diferenças de grau, e não diferenças de gênero.

Decerto, essas bases são partes fundamentais na construção do todo estrutural que suporta o fenômeno aqui apresentado como objeto de investigação, contudo, alertamos que devido ao escopo do presente trabalho ser restrito à exploração do fenômeno da experiência consciente do ponto de vista de sua estruturação psicológica, nesta seção será apresentada a descrição das facetas cognitivas e fenomenais circunscritas na composição de seus *elementos ocorrenciais*, deixando suas contrapartidas físicas em segundo plano.

Estão sendo aqui considerados como *elementos ocorrenciais* da experiência consciente, aqueles relacionados ao conteúdo mesmo que se faz presente a um sujeito no decorrer do fluxo da vivência de um estado qualitativo de consciência. No curso consciente, esses elementos subsidiam o "what is it likeness" da experiência (Nagel, 1974), ou seja, as variedades de qualidades internas que acompanham sucessões de episódios mentais.

Uma multiplicidade de conteúdos constitui o núcleo desses estados subjetivos, fluindo a partir de uma ampla rede de associações profundamente significativas para um

dado sujeito, dada as possibilidades combinatórias das ocorrências - inclusive em face de influências exercidas por variáveis ambientais/culturais - no modo segundo o indivíduo irá vivenciá-las.

É bastante intuitiva a proposição de que nossa experiência consciente cotidiana se dá através de diferentes acontecimentos mentais, muitas vezes interligados em termos das relações de significado entre seus conteúdos. No ato de um sujeito recordar a morte de um ente querido, por exemplo, podem ser presentificadas à sua consciência imagens mentais ligadas ao dia do funeral, que por sua vez podem se associar a sentimentos como tristeza e saudade, que por sua vez poderão gerar uma conversação interna do sujeito consigo mesmo, ou à audição interna de sons presentes no dia, que por sua vez poderão fazê-lo sentir no presente a sensação passada de ter tocado o corpo frio e inerte que estava a sua frente, etc.

Frente às variedades da manifestação consciente, alguns autores têm trabalhado na elaboração de uma espécie de taxonomia dos principais tipos de ocorrências que são geradas em seu continuum. Levando em conta os objetivos deste estudo, será empregada a catalogação elaborada por Chalmers (1996) e Hurlburt & Heavey (2008), a fim de classificar quanto às formas de sua expressão, a variedade de conteúdos compositores do fenômeno da experiência consciente.

A classificação preparada por Chalmers (1996) conta com doze tipificações distintas, que são:

1) *Experiências Visuais* - Relacionadas à infabilidade dos componentes de nossa percepção visual, tais como: forma, tamanho, brilho, intensidade, profundidade, e sobretudo, à percepção dos espectros das cores, objeto preferido de discussão entre filósofos.

2) *Experiências Auditivas* – Relacionam-se às qualidades da percepção acústica, presente na fala, no discernimento de sonoridades e especialmente, à riqueza subjetiva da experiência musical.

3) *Experiências táteis* - Estão relacionadas com às sensações de textura provenientes da exploração tátil, e aos contrastes emergentes da exploração entre elas. As experiências táteis geradas pela sensação de contato com a água, com o veludo, com o algodão, com superfícies rochosas, de ferro, concreto ou de madeira, e assim por diante.

4) *Experiências olfativas* - Relacionam-se às sensações de cheiro, suas qualidades intangíveis e quase indescritíveis provocadas pelo trabalho de receptores sensíveis a vários tipos de moléculas.

5) *Experiências gustativas* – Dizem respeito às quatro dimensões independentes do sabor: doce, azedo, amargo e salgado, que combinados entre si e com os dados provenientes de nosso sentido olfativo, produzem uma grande variedade de experiências gustativas possíveis.

6) *Experiências de quente e frio* – Se relacionam as diferenças qualitativas presentes em nossas impressões de quente e frio, como as sensações corporais provocadas em um dia quente e úmido típico do verão, e as sensações corporais provocadas em um dia frio de inverno. Ou às diferenças qualitativas presentes nas sensações de tocarmos em superfícies quentes ou geladas, ingerirmos um líquido quente ou gelado, etc.

7) *Dor* – Refere-se à distintiva classe de experiências qualitativas proporcionadas por diversos graus e tipos de dor: as distintas qualidades que acompanham a dor de uma enxaqueca, dores musculares, dores causadas por queimaduras, cortes, entre outras.

8) *Outras experiências corporais* - Relacionam-se aos aspectos qualitativos que acompanham outras sensações corporais que acompanham a fome, o coçar, as cócegas, os orgasmos, a sensação de gargalhar, etc.

9) *Imagens mentais* – Relacionadas à qualidade das imagens e cenários representados na consciência, a despeito da presença de objetos no campo perceptivo, sua intensidade, brilho, cor, cinética, etc.

10) *Pensamento consciente* – Diz respeito às sensações qualitativas que acompanham ocorrências cognitivas, relacionadas a algo que é como ter pensamentos.

11) *Emoção* – Está relacionada ao aspecto afetivo da experiência consciente, como a ocorrência de emoções/sentimentos como tensão, melancolia, angústia, alegria, felicidade.

12) *O senso de Self* – Se refere a algo da experiência consciente que transcende as ocorrências acima listadas, um tipo de zumbido que permanece no campo consciente mesmo quando da ausência das mesmas. É uma espécie de elemento transcendental que mesmo sendo de difícil apreensão conforma uma fenomenologia do self.

A taxonomia elaborada por Hurlburt & Heavey (2008) possui cinco tipificações, e como poderá ser percebido, algumas das quais subsumem certas tipificações de Chalmers. Nesse sentido, é uma classificação mais enxuta, mas não menos acurada, e no que se segue, podem ser abaixo conferidas:

1) *Visão interna* – Está relacionada à representação imagética na mente, isto é, da presentificação de um objeto à consciência na ausência do objeto no campo perceptual.

2) *Fala interna* - Ocorre quando, sem que haja uma vocalização externa da própria fala, o sujeito fala para si em sua própria voz, geralmente preservando as mesmas características vocais presentes em sua fala externa.

3) *Consciência sensoria* - Ocorre quando o sujeito, ao focar sua atenção em um aspecto do ambiente, torna a sua experiência sensória, isto é, a experiência que se relaciona à qualidade das sensações provocadas pelos dados dos sentidos ou por reações do corpo, um tema primário ou o foco de sua atenção, à parte de um objeto de percepção.

4) *Sentimento* – Relaciona-se àquelas experiências acompanhadas de intensa mediação afetiva, como nos casos da tristeza, da alegria, do medo, do constrangimento, do nervosismo, etc.

5) *Pensamento não simbolizado* – Está relacionado àquele tipo de pensamento que não se transmite por intermédio de palavras, imagens ou quaisquer outros tipos de símbolos, durante o fluxo da experiência consciente.

Descritos sucintamente os principais tipos de ocorrências conscientes, observamos algumas similaridades. De 1 a 8, os itens de Chalmers podem ser considerados como ocorrências de tipo semelhante ao que Hurlburt denomina consciência sensória. E o conceito que se liga à ocorrência de emoção está para Chalmers assim como o conceito relacionado à ocorrência de sentimento parece estar para Hurlburt.

O conceito de ocorrência de pensamento consciente em Chalmers e de pensamento não simbolizado em Hurlburt tem como subjacentes a ideia de um tipo de ocorrência muito propriamente do âmbito cognitivo funcional (propriedades psicológicas) mas, que são passíveis de serem acompanhadas por qualidades fenomenais, com a diferença de que no caso do pensamento não simbolizado não se admite a presença de mediadores simbólicos entre o sujeito e o objeto de sua consciência, enquanto no caso do pensamento consciente, não se trata da questão da mediação simbólica.

Como mencionado anteriormente, durante o fluxo consciente são muitas as possibilidades de associações entre um, dois ou mais tipos de ocorrências como as acima descritas. Haja vista os elementos ocorrenciais do fenômeno nos perguntamos: o que causa tudo isso? Que processos originam a vivência de estados qualitativos de consciência?

### **1.1.3. Elementos Causais**

Nesta seção, serão tratados os aspectos processuais basilares da constituição da experiência consciente, das engrenagens presentes no maquinário cognitivo por detrás da geração de toda a fenomenologia consciente descrita anteriormente. Para isso, traçamos uma via alternativa frente ao argumento funcionalista acerca da causação da experiência consciente, cedendo à aceção intuitiva de que a consciência pode ser capaz de causar mudanças em níveis físicos, cognitivos e comportamentais.

Através de quais mecanismos cognitivos se gera a experiência consciente? O'Brien & Opie (1997) tocam no dilema passível de ser enfrentado por cientistas cognitivos, quando pretendem estudar a consciência fenomenal utilizando o aporte das "teorias processo" (*process theories*) da consciência. As teorias processo da consciência possuem como objetivo em comum a explanação da consciência a partir de sua redutibilidade a processos cognitivos e cerebrais, maximizando uma visão computacionalista da mente. Como exemplos, teríamos principalmente o funcionalismo desenvolvido por Daniel Dennet (1991), a teoria do espaço de trabalho global de Baars (1988) e o materialismo eliminativo dos Churchland (1995).

Afinadas com tais perspectivas, encontram-se diversas abordagens teóricometodológicas inseridas no rol das neurociências cognitivas. A tese de que propriedades da experiência fenomenal são redutíveis a efeitos de processamento de informações no cérebro foi em grande parte inspirada por uma série de experimentos

realizados em laboratório, segundo os quais, a atribuição de intencionalidade realizada por via de auto relato por um sujeito frente a uma ação dirigida a um determinado fim era precedida por uma série de eventos cerebrais, os quais seriam suas causas reais.

Assim sendo, a experiência fenomenal seria resultante de um composto de efeitos cognitivos provindos do processamento de informações no cérebro, que por sua vez, seriam operações definidas acima de estados neurais envolvendo a manipulação de algoritmos e símbolos, como as operações que ocorrem em um computador.

A consciência seria então fruto de um pandemônio resultante das competições entre veículos representacionais do cérebro visando o controle de cada comportamento cognitivo, não havendo espaço para que as propriedades fenomenais pudessem atuar como causalmente responsáveis no sistema cognitivo/cerebral, visto que toda a sua estruturação seria contingente ao fluxo informacional constituído na concatenação entre instâncias não conscientes/inconscientes de processamento de informações (Baars, 1988; Dennet, 1991; O'Brien & Opie, 1997).

Segundo Baars (1988), conteúdos mentais se tornam conscientes, i.e, ganham acesso ao espaço global de trabalho, quando transportados por veículos de representação constituídos por ricas relações de processamento de informações no sistema cognitivo. E no cerne da argumentação dennettiana, por exemplo, reside a assertiva de que um estado consciente depende de *acesso informacional*, entendido como um conjunto de relações entre níveis de processamento de informações desfrutadas em certos estados cerebrais, cujos veículos representacionais computacionalmente privilegiados desencadeiam efeitos cognitivos que, por seu turno, geram estados qualitativos de consciência (Dennet, 1991).

Tomando a distinção realizada por Block (1995) entre P- Consciousness e A-Consciousness, O'Brien & Opie (1997) pontuam que o acesso informacional (relações

entre níveis de processamento de informações no sistema cognitivo) pode ser visto como uma forma de explicar a consciência apenas como um tipo de consciência.

Semelhantemente a Chalmers (1996), Block (1995) ressalta a existência de dois tipos de consciência. P-consciência (consciência fenomenal) e A-consciência (consciência de acesso), a primeira ligada aos aspectos experienciais da consciência, i.e, as propriedades subjacentes aos sentimentos, sensações e percepções; e a segunda, relacionada aos aspectos cognitivos da consciência, subjacentes às habilidades de raciocínio, fala, construção de crenças, atitudes proposicionais, etc. A consciência de acesso é a parcela processual da consciência, manifesta quando a representação de seu conteúdo é: 1) inferencialmente heterogênea, i.e, passível de ser usada como uma premissa no raciocínio, 2) disponível para o controle racional da ação e 3) disponível para o controle racional do discurso (Stich, 1978).

O problema, é que da aceitação incondicional da tese funcionalista causal, decorre que o cientista cognitivo se vê diante da atitude de ceder a aceções contra intuitivas acerca da natureza da experiência consciente, precisamente, a aceção de que a consciência não interfere no comportamento (O'brien & Opie, 1997).

O dilema se instaura entre os cientistas cognitivos quando lhes restam duas opções: ou abandonar a ideia intuitiva relacionada à causalidade da consciência (i.e, consciência produz efeitos), ou ficar sem teoria. Aderir à primeira opção não se caracterizaria como uma estratégia empírica produtiva, pois implicaria em trabalhar tão somente com hipóteses contra intuitivas e ainda mais, eliminativistas, na pesquisa sobre consciência.

Aderir à segunda opção seria igualmente uma escolha contra produtiva, visto que, ao abandonar as teorias processo, estaria se abandonando junto a possibilidade de

explicar a consciência em termos computacionais, principal argumento explanatório das ciências cognitivas.

Oferecendo uma rota de fuga para os cientistas cognitivos que desejam explicar a experiência fenomenal usando recursos computacionais sem, contudo, abdicarem da utilização de hipóteses de estudo baseadas em aceções intuitivas sobre a consciência; O'brien & Opie (1997) argumentam que, do fato de os cientistas lançarem mão de uma teoria computacional da mente não se segue necessariamente que tenham de explicar a consciência em termos de processos computacionais, sugerindo que o foco das investigações esteja nos veículos representacionais responsáveis pela codificação de informações no cérebro, tomando por base o paradigma conexionista.

Esta abordagem alternativa para o estudo empírico da consciência permitiria ao mesmo tempo fazer jus às intuições padrão sobre a consciência fenomenal (e.g. estados fenomenais podem causar efeitos no sistema cognitivo e cerebral), e garantir a permanência da pesquisa dentro dos limites da ciência cognitiva.

Se partirmos da perspectiva de primeira pessoa, isto é, da perspectiva do agente cognitivo da ação, parece ser incontestável a tese da atribuição de causalidade ao próprio pensamento consciente. Deste modo, sendo a própria consciência a causa de comportamentos e pensamentos, e não somente uma composição de efeitos de processamento de informações.

O exemplo tomado emprestado de Searle (1995) oferecido na introdução deste capítulo, acerca da influência que a crença de que vai chover exerce no comportamento de agir no ambiente fechando as janelas da casa, ilustra o caso. Essa questão envolve o problema da vontade livre nos processos volitivos, e ao que parece, no presente estado da arte de pesquisa empírica e filosófica, é precipitado levar até as últimas

consequências uma posição funcionalista strictu sensu como a defendida pelas teorias processo.

Nesse sentido, tendo sido reforçada a diferenciação entre duas facetas existentes da consciência, e tendo sido apresentada a perspectiva funcional clássica de estruturação causal da experiência consciente, chegamos à conclusão de que permanece empiricamente viva a proposição de que, no atual estado da arte, os limites causais constituintes das relações entre fluxo de consciência fenomenal e processamento neural/cognitivo merece atenções mais ponderadas.

Também é verdadeira a proposição de que a existência de estados conscientes dependem da existência de estados cognitivos e cerebrais, o problema, é o modo como são feitas as incursões visando explorar as relações estabelecidas por tais estâncias. Desse modo, propomos uma via alternativa, que se relaciona com o caminho connexionista proposto por O'Brien & Opie (1997) e não subsume à causalidade consciente necessariamente a efeitos provindos da cognição, mas interpreta o sistema cognitivo como um sistema intergeracional, no qual, haveria espaço inclusive para a causalidade consciente.

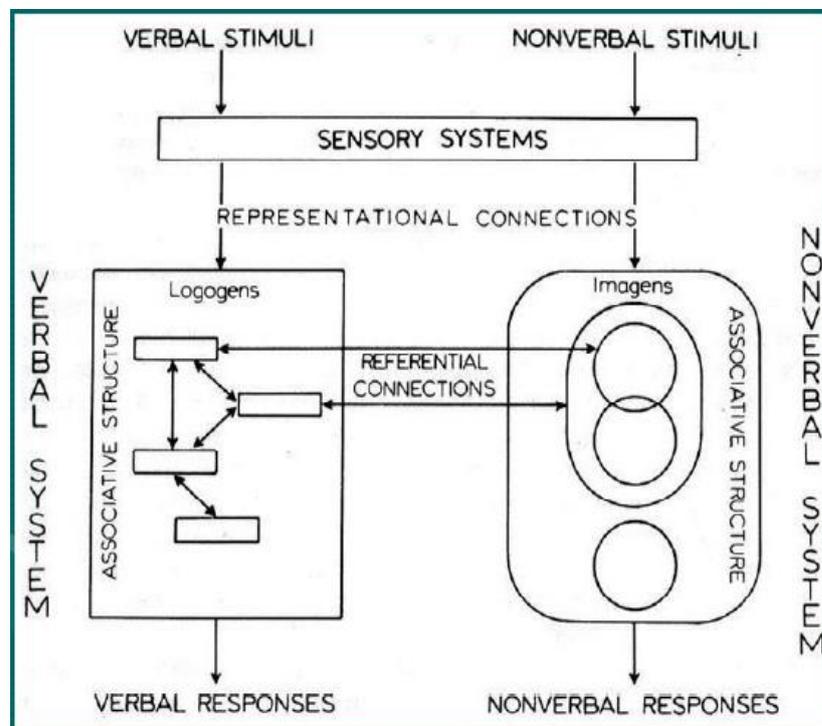
Trata-se da teoria de codificação dual proposta por Allan Paivio (1990; 2007), segundo a qual os esquemas da memória possuem um papel causal na conformação cognitiva e fenomenal conciente, ao passo que a consciência, por seu turno, também o possui, quando interliga dados dos sentidos aos dados da memória e então aos dados correntemente processados nos subsistemas verbais e não verbais da cognição.

#### **1.1.4. A Teoria da Codificação Dual**

Os estudos de Paivio (1990, 2007) visando a fundamentação do seu modelo de codificação dual giram em torno da busca pela natureza das entidades mentais e dos processos que as tornam possível. O modelo de codificação dual é uma teoria

desenvolvida no campo da psicologia cognitiva, centrada na sistematização teórica e empírica de investigações acerca de como o mundo mental humano parece ser estruturado a partir da interrelação entre um sistema cognitivo representacional de caráter propriamente verbal e outro sistema cognitivo representacional de caráter propriamente não verbal.

A diferenciação entre os dois sistemas é motivada pela tese de que os dados provenientes dos sentidos (visuais, hápticos, auditivos, etc.) e da motricidade seriam representados na cognição por meio de dois tipos básicos de "codificações", um de tipo verbal (linguagem visual e linguagem auditiva por exemplo) e outro de tipo não verbal ("imagens", "sons", memórias olfativas e gustativas, etc.); os quais traduziriam segundo suas especificidades representacionais, determinadas modalidades de informações procedentes dos dados motores e dos sentidos. O modelo estrutural da teoria pode ser visto abaixo:



**Figura 1.** Esquema estrutural da teoria do código dual (retirada de Paivio, 2007, pg.59)

Apesar da conexão entre os sistemas ser considerada um fator fundamental na estruturação da nossa vida mental em geral consciente em particular, e, ao mesmo tempo, um aspecto imprescindível da cooperação entre tarefas cognitivas, estes são constitutivamente e funcionalmente distintos, na medida em que, como frisado acima, cada um irá trabalhar conforme suas especificidades funcionais no processo de "decodificação" dos dados sensório-motores em dados representacionais no mundo cognoscente.

Dizendo de outro modo, os sistemas irão representar a realidade por caminhos diferentes. O sistema não verbal fazendo trabalho de modo relativamente direto, segundo as formas da percepção e cognição humanas, tendo-se que a representação interna do objeto/fenômeno percebido aparenta ser uma quase-cópia do próprio objeto/fenômeno, isto é, o símbolo do que é representado parece ser o próprio objeto representado, uma espécie de "forma figurada" ou um "isomorfo" do objeto.

Certamente, esta "forma figurada" representacional não possuindo o mesmo grau de qualidade e vividez da percepção/sensação direta do objeto. No momento em que nos representamos a imagem ou o som de algo que não está presente à nossa percepção visual/auditiva ou relembramos a emoção que sentimos em um dado momento de nossas vidas, percebemos e sentimos, contudo, não com a mesma intensidade que percebemos e sentimos o próprio objeto quando de sua presença concreta.

Especificamente, nos casos em que lembramos de uma música buscando "ouvir" mentalmente o seu som ou imaginamos nossa casa procurando resgatar sua imagem à nossa mente, temos a própria coisa como parâmetro para a representação da coisa. Mesmo que ainda seja teoricamente incerto o modo como recuperamos da memória a forma representacional da experiência de gostos, cheiros, emoções e toques, é certo que representações correspondentes a estes tipos de modalidades devem também ser de tipo

isomórfica (Paivio, 2007). O exemplo da memória olfativa/gustativa parece subsistir tal tese, sobretudo, quando se trata da descrição de episódios relatados nos estudos em psicopatologia, durante os quais, o sujeito ao experienciar alucinações olfativas/gustativas parece sentir de fato o cheiro/gosto do objeto, sem, no entanto, que esse esteja presentificado.

Por outro lado, o sistema verbal representa indiretamente o mundo externo, na medida em que seus constituintes não são espécies de isomorfos como no caso de representações internas não verbais; mas antes, símbolos convencionalmente instituídos por usuários de um determinado tipo de linguagem, cujo papel está em representar objetos e fenômenos possíveis. Nenhum aspecto de um nome/símbolo garante a sua ligação com um objeto a não ser as convenções da linguagem que o sustenta, o traço mais marcante do processo de construção de uma linguagem sendo a arbitrariedade com a qual seus usuários nomeiam/simbolizam objetos. Um dado termo utilizado fora de suas regras de uso não garante por si a ligação com um dado objeto.

Isso parece se aplicar a quaisquer tipos de linguagens que utilizem símbolos como mediadores em processos comunicativos. No caso da linguagem de sinais dos surdos, que utilizam símbolos e gestualidades para se comunicarem, e, mesmo no caso de linguagens mistas, isto é, linguagens que adotam em sua cadeia simbólica além de símbolos linguísticos também símbolos icônicos/imagéticos, representações não verbais são embebidas dentro de um dado sistema geral de comunicação. Imagens, sons, emoções e outros tipos de representantes de tipo não verbal se tornam comunicáveis em níveis intra/intersubjetivos por meio de palavras, gestualidades, etc. É neste sentido, de cooperação cognitiva mútua, que exatamente o sistema verbal e não verbal estão entrelaçados na constituição estrutural da experiência consciente.

O processo de construção simbólica da realidade é então, neste sentido, ordenado através de *relações ortogonais* estabelecidas entre os sistemas sensório-motores e os sistemas representacionais verbais e não verbais, à medida que cada um desses sistemas segue traduzindo os dados dos sistemas sensório-motores em representações mentais internas, conforme ilustrado abaixo:

Sensorimotor	Symbolic Systems	
	Verbal	Nonverbal
Visual	Visual words	Visual objects
Auditory	Auditory words	Environmental sounds
Haptic	Writing patterns	“Feel” of objects
Taste	—	Taste memories
Smell	—	Olfactory memories

**Figura 2.** Tabela de relações ortogonais entre os sistemas cognitivos (retirada de Paivio, 2007, pg 23)

Como se pode notar pela tabela, representações verbais e não verbais são compostas por elementos sensório-motores específicos (Paivio, 2007). Desta forma a relação entre os sistemas sensório-motores e representacionais obedece uma espécie de compatibilidade de conteúdo, ou seja, uma compatibilidade entre *modalidades* específicas de informações. Determinados tipos de representações mentais devem ser, neste sentido, ontologicamente compatíveis com determinadas modalidades de dados sensório-motores.

Não obstante, ainda segundo Paivio (2007), nossas esferas simbólicas de conhecimento verbal e não verbal não apenas se organizam *modalmente* como também segundo *unidades* representacionais respectivamente verbais e não verbais. Esta maneira de compreender a dinâmica da composição cognoscente se relaciona a assertiva de que, para que possam ser estabelecidas relações do tipo intersistema, é necessário que hajam unidades representacionais estruturalmente integradas.

Sua perspectiva acerca de como tais unidades se constituem de baseia no associacionismo britânico, segundo o qual, ideias simples originadas a partir de sensações elementares se organizam hierarquicamente dentro de ideias complexas, e então, essas ideias complexas podendo combinar-se entre si, formam totalidades de ideias mais complexas que funcionarão como unidades<sup>4</sup>. Neste processo, ocorre uma espécie de sumarização dos dados obtidos através da experiência, possível pelo o que Locke denominou de a qualidade da mente em colocar juntas ideias simples que não estavam inicialmente unidas no momento da experiência.

As unidades representacionais verbais são chamadas de *logogens* e as não verbais, de *imagens*. Ambas as unidades se referem a formas representacionais que quando ativadas são responsáveis pelo reconhecimento de conteúdos de tipo verbal e não verbal, sendo sequencialmente e hierarquicamente constituídas, com as unidades maiores sendo compostas por diferentes combinações de unidades menores. Podemos pensar então que, analogamente, uma logogen referente a um determinado poema se constitui na medida em que em sua totalidade é uma unidade estrutural lexical sequencial e hierárquica estruturada por unidades lexicais maiores (versos e frases) que por sua vez são compostas por unidades lexicais menores (palavras e sílabas).

Retomando brevemente a forma pela qual Paivio compreende a noção de unidade, isto é, a partir do conceito de unidade tal como concebido pelo empirismo britânico, podemos basicamente conceber que as logogens e as imagens como unidades representacionais constituídas por conjuntos de representações ("ideias") cognitivas complexas, estes conjuntos de representações complexas por sua vez constituídos por representações mentais mais simples geradas a partir da associação de decodificadores

---

<sup>4</sup> No caso da apropriação paiviana (i.e, naturalista) desta tese, são originadas a partir da experiência sensível, a partir de interações sensório-motoras com o mundo externo (Paivio, 2007).

cognitivos com modalidades de dados sensório-motores ("sensações"), tais unidades inseridas, respectivamente, em um sistema representacional verbal e não verbal, incumbidas da tarefa de integrar fenomênica e cognitivamente o nosso mundo mental. Deste modo, a teoria de Paivio busca especificar como a nossa mente representa o mundo externo através de dois sistemas cognitivos complementarmente constituídos, e como essa constituição necessita dos dados dos nossos sentidos e motricidade para estabelecer uma ligação necessária entre as formas de representação constituintes de nossa experiência consciente e o mundo dos objetos do mundo externo.

#### **1.1.5. Implicações desta Perspectiva para a Pesquisa Fenomenal da Experiência Consciente**

Segundo Velmans (2009), a polissemia instalada em torno do conceito de consciência é devida, sobretudo, a escassez de estudos visando relacionar resultados de pesquisas empíricas com resultados de investigações teóricas em torno de uma definição mais satisfatória. Quando se fala, por exemplo, de percepção ou de aprendizagem, por mais que sejam recorrentes as discordâncias em torno do uso apropriado desses conceitos, de modo geral, há um acordo mínimo a respeito da gama de fenômenos aos quais estes conceitos se referem, e aos quais não se referem.

Em filosofia são demasiadamente variadas as noções de consciência. Aqui tratamos somente de uma diminuta porção dessas, por questões de espaço. Na tradição dualista ocidental clássica, cujos principais representantes são o idealismo platônico (as ideias são entes não corporais) e o dualismo de substâncias cartesiano (a mente/consciência constitui-se como 'substância pensante' - *res cogitans*- de natureza distinta da substância corporal/material -*res extensa*) a consciência parece ser concebida como uma entidade não física, sem extensão no espaço, apenas no tempo. Como principal variedade de dualismo na contemporaneidade temos o *dualismo de*

*propriedades*, sendo a visão de que a consciência é superveniente a uma base física, sendo constituída por propriedades fenomenais não redutíveis à propriedades físicas.

Em neurociências, uma gama de teorias fisicalistas (forma mais branda de materialismo), defende que tal como os estados mentais são estados físicos do cérebro, a consciência é daí "emergente", possuindo identidade com tais estados. Nesse sentido, acredita-se que a consciência surge como nada mais do que o resultado de uma complexidade ordenada de neurônios, e por vezes, assistimos a uma redução de ontologias da consciência a ontologias cerebrais a partir do uso de um vocabulário funcionalista, que por vezes equipara padrões de estados conscientes a padrões de estados cerebrais. O problema com essa definição é que não há como se determinar que um estado consciente x ocorre se e somente na ocorrência ao mesmo tempo de um estado cerebral x.

Certas perspectivas se caracterizam pela utilização de um vocabulário ligado à redução da consciência às formas de processamento de informação, como é o caso daquelas teorias processo que tratamos na seção 2. A partir disso, quando se toma como parâmetro da consciência o fato de por exemplo o sujeito estar consciente por estar prestando atenção em determinada tarefa, deixa-se de lado outros aspectos conscientes envolvidos na atividade de realizar esta tarefa, como àqueles que tratamos na seção 1. Ou, por vezes, "consciência" é empregado como sinônimo de "mente". No entanto, "mente" tipicamente se refere a estados psicológicos e processos que podem ou não ser "conscientes".

Por exemplo, a memória é um aspecto da mente, mas nem sempre algumas memórias se tornam conscientes em um dado momento. O termo consciência também é usado como sinônimo de autoconsciência, que na realidade é uma forma especial de consciência reflexiva, na qual o objeto da consciência é a própria consciência de si

mesmo, isto é, o self ou um aspecto dele. Contudo, um estado consciente não é necessariamente um estado autoconsciente, na medida em que na experiência consciente cotidiana o sujeito pode estar tanto mergulhar em estados autoconscientes, como estar consciente de outras pessoas e do mundo exterior.

No senso comum encontramos "consciência" significando "estado de vigília". Quando uma pessoa dorme ou está em coma, diz-se que não está "consciente". Porém, estar desperto, dormindo ou em algum outro estado, como o de coma, também influencia a maneira pela qual se tem consciência. Estes estados influenciam a maneira como se constituem diversidades da experiência consciente, no sentido de que a imersão em tais estados influenciam funcionalmente e constitutivamente o conteúdo fenomenal dessa experiência.

"Consciência" também costuma ser utilizado como sinônimo de "conhecimento", no sentido de que se alguém está consciente de alguma coisa, também tem conhecimento desta coisa. Contudo, é comum interpretar que muito conhecimento é inconsciente ou implícito (por exemplo, o conhecimento acumulado na memória ao longo da vida). Portanto, 'consciência' e 'conhecimento' (em sentido cognitivo strictu sensu) não podem ser necessariamente co-extensivos.

Enfim, segundo preconiza Velmans (2008 e 2009) deveríamos basear o nosso entendimento cotidiano acerca do que significa exatamente dizer "consciência" a partir da consideração da presença ou da ausência de um fenômeno subjetivo experienciado durante um estado mental consciente, significando um estado mental composto por uma instância intencional (cujo conteúdo é cognitivo e voltado para um dado objeto) e outra experiencial (cujo conteúdo é fenomenal e caracterizado pela qualidade que acompanha os nossos estados subjetivos conscientes).

Nesse sentido, parecem ser bem vindos os estudos dos elementos ocorrenciais e causais da experiência consciente que tomem como aporte epistemológico central, uma articulação de teorias não dogmáticas quanto à questão da causação consciente e a real ontologia da consciência, como é o caso das teorias dualistas naturalistas (Chalmers 1996; Nagel 1974) e da teoria da codificação dual de Paivio.

O elo entre ambos os aportes reside na abertura à fenomenologia consciente e na consideração da necessidade cognitiva/neural na geração de tal fenomenologia, contudo, no que se refere ao problema da causação, conservando a proposição intuitiva de que a experiência consciente é um elemento fundamental na arquitetura cognitiva, capaz de interferir tanto na volitividade quanto na fenomenalidade de sua edificação.

Ainda no que se refere ao estudo psicológico dos aspectos fenomenais da experiência interna, um último relacionado ao estatuto mediador da linguagem no compartilhamento de informações subjetivas merece ser mencionado.

Retomando Chalmers (1996; 2003), assumimos aqui, como base epistemológica de nossa pesquisa empírica, o seu realismo fenomenal acerca do conteúdo da experiência consciente, que é a visão de que há propriedades que caracterizam os estados mentais pelo *o que é como* tê-los, numa perspectiva de acesso privilegiado do sujeito ao seu próprio estado mental. Contudo, existem modos bastante peculiares de expressão de conteúdos subjetivos em uma comunidade linguística, desenvolvidos através dos jogos de linguagem de uma comunidade específica de falantes, que constituem as diversidades de folk psychologies.

A transposição linguística dessas propriedades acaba constituindo uma *semântica fenomenal*, composta por conceitos fenomenais, que seriam conceitos responsáveis por denotar qualidades de estados subjetivos de consciência. Nesse

sentido, é aceitável que falar do "como" é ter uma experiência, no caso do ser humano, pode ser passível de uma descrição a partir do emprego semânticas de primeira pessoa.

Esta semântica fenomenal seria composta por conceitos fenomenais, que nada mais seriam do que conceitos ligados à definição de *crenças fenomenais*, isto é, crenças cujos conteúdos proposicionais são sobre as crenças dos sujeitos a respeito de suas próprias experiências. Como essa semântica é constituída a partir de uma linguagem pública (isto é, uma linguagem comunicável em dado contexto de usuários), é possível que em alguma medida o pesquisador tenha acesso ao conteúdo fenomenal experiencial de outrem, especificamente, um acesso indireto.

Sendo assim, da aceitação do caráter privado da experiência consciente não se segue que necessariamente não possamos estudá-la por meios discursivos (por exemplo, pela análise da fala do sujeito a seu respeito), já que podemos identificar o conteúdo de primeira pessoa por analogia com os conceitos fenomenais que numa linguagem pública denotam a qualidade de um estado de consciência.

No caso do presente estudo, busca-se fazer isso com os conceitos fenomenais referentes à experiência interna constituída no sujeito a partir do estímulo "morte". Ao que tudo indica, só temos um acesso de terceira pessoa à experiência em primeira pessoa de outrem, através do compartilhamento de significados linguísticos entre as pessoas numa linguagem pública. Se segue então que não temos acesso às propriedades fenomenais da experiência de outrem, mas tão somente, à semântica fenomenal composta pelo sujeito para falar de sua experiência, e será a partir dessa ontologia objetiva do dado subjetivo que faremos a pesquisa.

### **1.2.1. O início do Estudo Empírico da Experiência Consciente**

Os interesses pelo estudo empírico da experiência consciente humana datam do início do projeto de fundamentação da psicologia científica, de tal modo, que se por um

lado a tentativa de seu estudo sistemático configurou a criação do primeiro programa de pesquisa empírico na psicologia, por outro, também demarcou o direcionamento investigativo daquela então incipiente ciência, o que permitia diferenciá-la, por exemplo, da também então nascente sociologia<sup>5</sup>.

A consciência figurou durante um certo tempo como o objeto de estudo oficial no projeto de fundação inicial de uma psicologia científica, mais especificamente, no que se convencionou mais tarde ser chamado de introspeccionismo clássico. O introspeccionismo foi oficialmente a primeira escola científica de psicologia (Danziger, 1980), datando de meados do século dezenove com os primeiros estudos conduzidos por Fechner na área de psicofísica, que buscavam estabelecer a relação entre o físico e o mental a partir da mensuração da correspondência entre estímulos físicos externamente gerados e as sensações internas provocadas por eles, principalmente a partir de experimentos psicológicos nas áreas de acústica e luminosidade.

O introspeccionismo foi assim denominado, devido ao grande foco internalista presente na abordagem de seu objeto de estudo, que se valia da larga empregabilidade de autorelatos na geração dos dados da pesquisa, muitas vezes contrastados com dados eletrofisiológicos, semelhantemente ao que encontramos hoje no âmbito das pesquisas nas neurociências cognitivas.

Via de regra, esse estudo implicava a exploração dos chamados dados imediatos da consciência, e envolviam a investigação dos mecanismos fisiológicos, motores, afetivos e volitivos implicados no processamento cognitivo de informações responsáveis pela organização da chamada experiência interna imediata, compreendida

---

<sup>5</sup> Vide Durkheim (2007), quando diferencia a sociologia da psicologia, atribuindo à primeira o estudo das leis que regem funcionamento dos grupos, e à segunda, o estudo das leis que regem o funcionamento dos indivíduos.

como o locus de expressão subjetiva das qualidades intrínsecas aos acontecimentos da vida psíquica ou vida mental.

Nesse sentido, eram realizadas pesquisas de natureza descritiva e mensurativa sobre a organização e geração dos processos cognitivos em geral na sua relação com a consciência, ligados aos domínios dos chamados processos psicológicos inferiores, ao âmbito da sensação, percepção, motricidade; bem como dos chamados processos psicológicos superiores, que ligavam aos processos imaginativos e de raciocínio em geral (habilidades do que mais tarde se chamou de cognição de alta ordem), entre outros.

Os estudos de Fechner mantinham um foco nitidamente mensuralista na pesquisa das sensações geradas por estímulos físicos, dando pouca ênfase à exploração dos aspectos qualitativos do processo (Mandler, 2007). O estudo do aspecto qualitativo da consciência, em termos de interesse pela reconstituição empírica da natureza e qualidade da experiência consciente em seus próprios termos, isto é, em termos de identificação e análise da fenomenologia decorrente desses estados conscientes foi inicialmente um dos objetivos fundamentais da psicologia introspeccionista experimental desenvolvida por Wundt em seu laboratório em Leipzig, e na sequência, por seus ex-orientandos, bem como os ex-orientandos de seus ex-orientandos.

Somente para citar dois exemplos eminentes, Edward Titchener, ex-orientando de Wundt e responsável pelo desenvolvimento do estruturalismo na Inglaterra; e Oswald Külpe, que foi ex-orientando de Titchener, e que atuou no laboratório de Würzburg/Alemanha. Além disso, encontramos contribuições de trabalhos de cunho teórico desenvolvidos por filósofos que à época se preocupavam com a fundamentação epistemológica da psicologia, como no caso de trabalhos de Franz Brentano e William James acerca da possibilidade empírica de estudo da consciência (Danziger, 1980).

De acordo com algumas revisões historiográficas (Araújo, 2009; Boring, 1956; Danziger, 1980), o movimento introspeccionista começou a perder sua força diante do apelo positivista imposto pelo nascente behaviorismo watsoniano, que creditava ao comportamento o estatuto de objeto de estudo da ciência psicológica. Para o behaviorismo, o aspecto privativo dos estados conscientes impedia o seu estudo a partir do método científico, que deveria ser rigoroso o suficiente para assegurar a objetividade de seus fenômenos.

Com o crescimento do behaviorismo nos Estados Unidos, foi somente uma questão de tempo até que os laboratórios de estudos experimentais de base introspeccionista fechassem as portas, o que configurou em um hiato quase quarenta anos no estudo da consciência.

### **1.2.2. Estudos da Experiência Consciente na Contemporaneidade**

Nas últimas duas décadas assistimos a um reacendimento sistemático dos interesses sobre o estudo da consciência<sup>6</sup>, englobando a cooperação multi/interdisciplinar na criação de ferramentas metodológicas e conceituais que embasem abordagens empíricas, teóricas e metateóricas à pesquisa sobre consciência.

Estão envolvidos nesse empreendimento os mais variados ramos das neurociências, ciências cognitivas (nesta inclusa a psicologia cognitiva), alguns ramos das ciências naturais e sociais como a biologia, a química e a antropologia, e da filosofia, como a filosofia analítica da mente e a fenomenologia. Atreladas aos programas de pesquisa, encontram-se não menos as contribuições das tradições filosóficas e meditativas orientais à compreensão do tema.

---

<sup>6</sup> A publicação desde 1992 do periódico *Consciousness and Cognition* e desde 1994 do periódico *Journal of Consciousness Studies*, e a realização das conferências anuais e bienais *Tucson: toward a science of consciousness*, no Arizona/EUA, desde 1994, além dos encontros da ASSC (*Association for the scientific studies of consciousness*), caracterizam o atual momento de desenvolvimento dos estudos empíricos da consciência.

Chalmers (1996) classifica como *easy problems* (problemas fáceis) e *hard problem* (problemas difíceis), os problemas a serem trabalhados no estudo da consciência. Os *easy problems* estão atrelados à investigação do estato da consciência nas mais diversas escalas e dimensões do processamento cognitivo de informações; e são passíveis de pesquisa através dos métodos das neurociências e ciências cognitivas. Liga-se à pesquisa sobre como o cérebro processa estímulos ambientais, sobre como nós produzimos reportes sobre estados conscientes, sobre quais são os correlatos neurais de estados conscientes diversos, etc.

O *hard problem* é colocado pela experiência subjetiva ela mesma. É "o" problema da consciência, e se relaciona ao caráter qualitativo da experiência consciente, seria o problema posto pela pergunta sobre *como são possíveis estados qualitativamente subjetivos de consciência*. Esta pergunta gera questões sobre porque e como funções cognitivas são acompanhadas de caráter fenomenal, e abre como sinais cerebrais geram qualidades subjetivas.

Segundo Velmans (2008), Chalmers (1996) aceita que mesmo esses chamados problemas "fáceis" (empiricamente pesquisáveis) podem, na prática, serem muito difíceis de resolver. No mesmo texto, Velmans propõe rapidamente que também possa ser que o problema "duro" (empiricamente não pesquisável) somente possa aparentar ser de natureza extraordinariamente difícil por pensarmos sobre ele de maneira equivocada. Nesse sentido, poderia ser que o reexame das premissas por detrás de sua exposição junto à adoção radical a alguma versão de fisicalismo terminasse por torná-lo um problema fácil.

O fato é que não existem subsídios empíricos ou teóricos capazes de satisfazer as condições empíricas/teóricas impostas pelo problema, que de partida não assume como pressuposto uma versão redutiva de fisicalismo, conseqüentemente não aceitando uma

explicação que incorra em se aceitar que as propriedades fenomenais da experiência consciente possam ser redutíveis às suas propriedades físicas cerebrais (vide argumentos desenvolvidos em Chalmers, 1996 e 2010).

Segundo Chalmers (2010) e Velmans (2008) atualmente têm-se as seguintes linhas de pesquisa como carros-chefes da pesquisa sobre consciência:

- Explanação das diferenças envolvidas no processamento cognitivo e cerebral durante estados de sono e vigília.
- Busca pelos correlatos neurais envolvidos nas variações da experiência consciente visual, auditiva, reflexiva e sensorial em geral.
- Busca pelas condições neurais subjacentes à experiência de alterações da consciência, em estados alterados patológicos e não patológicos; como encontrados em estados hipnóticos, induzidos por substâncias psicoativas, estados meditativos, etc.
- Exame do surgimento e tempo de experiência consciente no decorrer do processamento de informações.
- Determinação das condições funcionais suficientes para acarretar em um estado consciente, das diferenças funcionais entre o processamento inconsciente e consciente.

Um aspecto que caracteriza esse campo de estudos é a frequente complementaridade entre métodos de primeira pessoa e terceira pessoa (Velmans, 2000). Os métodos de primeira pessoa possuem o foco é direcionado à análise de dados subjetivos acerca da experiência consciente, a partir do emprego de métodos introspectivos de coleta de dados baseados em reportes de conteúdos da experiência subjetiva, e consquente análise de protocolo.

Os métodos de terceira pessoa direcionam o seu foco na análise de dados objetivos acerca da experiência consciente, a partir do emprego de métodos que visem

abordar o comportamento e os processos cerebrais de uma perspectiva observacional/mensurativa.

Devido aos seus interesses fenomenológicos, a presente pesquisa insere-se no primeiro tipo referido de abordagem. Na pesquisa sobre consciência, as metodologias de primeira pessoa são conhecidas por se inspirarem na atitude da filosofia fenomenológica, cuja finalidade reside na investigação da experiência consciente humana naquilo que lhe é inerente, ou seja, naquilo que lhe institui uma singularidade ontológica (Pickering, 2000).

Neste sentido, os procedimentos de primeira pessoa lançam mão à produção de experimentos e autorrelatos objetivando a descrição, por parte do participante, daquilo a que Nagel (1978) se refere como sendo o *what is it likeness* da experiência consciente, isto é, *ao que é como* estar imerso em um dado estado qualitativo de consciência, em um tempo e espaço particulares.

Com efeito, boa parte das estratégias de primeira pessoa possuem como finalidade a investigação do que a consciência *sente*, preocupando-se em investigar os seus *aspectos fenomenais*. Busca-se com este tipo de abordagem, portanto, a investigação da experiência consciente em seus próprios termos, a partir da promoção de incursões em profundidade visando o detalhamento sistemático da experiência vivida do sujeito. Isto permite a identificação do que é comum, e ao mesmo tempo, do que é idiossincrático, em tais experiências. Neste sentido, métodos de primeira pessoa provêm dados que não podem ser obtidos através de outros meios (Pickering, 2000).

Nos anos sessenta, a crescente onda de estudos sobre os elementos componentes do fluxo de consciência em contextos naturais constitui espaço para a reentrada da consciência nos estudos psicológicos. Os estudos pioneiros de Singer na área de divagação mental e viagem mental no tempo (Singer, & Antrobus, 1963; Singer,

1993) desenvolvidos ao longo do fluxo de consciência em ambientes do cotidiano, como parques, ruas, escritórios, entre outros, foram o grande pontapé para esta reentrada.

O objetivo desses estudos residida em explorar dados a respeito do modo como as pessoas parecem estar imersas em estados de vigília semelhantes a estados de como se estivessem "sonhando acordadas", durante alguns momento do dia.

Seguindo-se aos estudos de Singer, vieram os de Pope (1978), explorando como a postura corporal e circunstâncias do tipo estar andando sozinho ou com outras pessoas relacionam-se às características do tipo de pensamento desenvolvido no cotidiano. Klinger (1978), estudou as variações por contexto ambiental das fenomenologias do fluxo consciente.

Csikszentmihalyi e colaboradores desenvolveram o método de amostragem de experiência (experience sample method, ESM, Csikszentmihalyi & Larson, 1987; Csikszentmihalyi, Larson & Prescott, 1977), utilizando sinalizadores para explorar o pensamento, humor e suas relações com o contexto social em vários grupos.

Mais recentemente, Hurlburt e seu grupo de pesquisa (Hurlburt & Heavey, 2008), tem empreendido esforços no sentido da padronização de um método que decorre do ESM, o DES, bastante reconhecido por sua fidedignidade no estudo da experiência interna em ambientes naturais.

O DES utiliza bipes, que tocam randomicamente ao longo dos dias em que são deixados e poder do participante da pesquisa. Quando o bipe toca, o participante da pesquisa deve descrever o que está passando em sua experiência. Após a transcrição dos dados das gravações do bipe, o pesquisador realiza então uma entrevista em profundidade com o participante, formulada a partir das questões da pesquisa. A partir

das respostas a essas questões, é empreendida uma tentativa de reconstruir exploratoriamente os aspectos fenomenais da experiência interna dos participantes.

Contemporaneamente o estudo da experiência consciente baseado no enfoque de primeira pessoa também tem se voltado para a exploração da experiência interna decorrente de viagens mentais no tempo (D'Argembeau & Van der Linden, 2004), tipo de estudo em que se visa rastrear as fenomenologias atreladas à experiência interna instaurada em distintos momentos do dia em que o sujeito tem seus pensamentos assaltados por rememorações do passado e pensamento sobre o futuro.

Também existem inúmeras pesquisas com base em métodos de primeira pessoa interessadas na exploração das fenomenologias decorrentes dos estados alterados da consciência, como o estudo de Polito, Langdon & Brown (2010) que buscou estudar a fenomenologia afetiva dos estados alterados de consciência em contextos de ritual xamânico, e os estudos de Shannon (2003), que investigaram a ampla fenomenologia atrelada às imagens mentais produzidas durante a ingestão de ayahuasca.

Somados a este quadro, estão estudos que buscam investigar a dinâmica funcional da experiência consciente em sua associação com um sistema cognitivo específico, como o levado à cabo por Reber, Wurtz & Zimmermann (2004), que pesquisaram a fenomenologia da experiência consciente desenvolvida ao longo da fluência perceptual visual.

Existem estudos na área de psicopatologia, como o de Sass, Pienkos & Nelson (2013), cujo foco reside diretamente na qualidade da experiência consciente, com intenções de rastrear a qualidade consciente das experiências anômalas de agenciamento do self, encontradas nos conhecidos estados de alteração cinestésica produzidos em indivíduos portadores de doenças como esquizofrênia.

Por mais que seja notável esta diversidade de estudos com foco na qualidade da experiência consciente, atualmente esse campo de estudos segue assistemático, contando com publicações esparsas na área. Se pudéssemos falar atualmente de um programa de pesquisa sistemático de base fenomenal sobre os elementos experiência interna na atualidade, poderíamos citar o programa desenvolvido por Hurlburt e colaboradores, focado no rastreamento dos tipos de ocorrências conscientes universais e suas confluências.

A despeito deste fator assistemático, é possível observar que o estudo psicológico da experiência interna, sobretudo na psicologia cognitiva contemporânea, se caracteriza direta ou indiretamente pela retomada do projeto inicial de uma psicologia moderna da experiência interna, levada à frente nos primeiros laboratórios de psicologia experimental.



## Capítulo 2

### Morte, Heavy Metal e Cultura

#### 2.1. Heavy Metal: Conceito, História e Cultura.

O Metal é uma cultura e subgênero descendente do Rock, estilo musical que por sua vez, têm suas raízes no jazz e blues estadunidenses das décadas de 1930 e 1940 do século passado (Wenstein, 2000; Christie 2010). No fim dos anos 1970, a expressão Heavy Metal era utilizada para designar grupos de rock que trajavam visual mais carregado, e apresentavam uma musicalidade mais agressiva do que a usualmente apresentada pelas britânicas de rock "normais", afeitas a prática de um rock mais "leve" (Christe, 2010).

O heavy metal, muitas vezes referido apenas como "metal", enquanto um subgênero independente do rock, constitui suas próprias regras, rituais e conjuntos conflitantes de ideologias e tendências.

As origens do termo "heavy metal" é bastante controversa. Geralmente se aceita que o gênero tenha começado em meados dos anos 1960, dependendo de qual banda se toma como ponto de partida. Enquanto muitos críticos e estudiosos olham para bandas como Blue Cheer, Iron Butterfly, MC5, e Steppenwolf como sendo metal, no fundo, estas bandas poderiam ser mais apropriadamente classificados como proto-metal (Philips & Corgan, 2009).

O jornalista americano Sandy Pearlman afirmou ter cunhado o termo em 1968, em uma revisão da música do Byrds chamada "Artificial energy", do álbum "The Notorious Byrd". Outros jornalistas (Philips & Corgan, 2009; Christie, 2010), afirmam ter utilizado o termo para descrever músicas de bandas da era proto-metal, como o MC5 e Sir lord Baltimore. O termo também aparece na conhecida música da banda Steppen Wolf, "Born To Be Wild": "I like smoke and lightning, Heavy Metal thunder".

Não obstante à relevância desta discussão para a historiografia do heavy metal, no que concerne à classificação do evento que de fato marcou o verdadeiro início do heavy metal, os críticos musicais e historiadores são unânimes em afirmar que foi o surgimento das bandas Black Sabbath e Led Zeppelin o evento que oficialmente marcou o início do heavy metal. Estas bandas demarcaram os primórdios da identidade estética, musical e ideológica do heavy metal, ajudando a definir o modelo para as bandas de metal que se seguiram, especialmente em termos de musicalidade e atitude.

O Heavy Metal começa a ganhar vida própria com o nascer do movimento NWOBHM (New Wave of British Heavy Metal/Nova Onda do Heavy Metal Britânico), canalizando suas produções a um público cada vez mais específico. Em português, o termo significa "Metal Pesado", o termo fazendo referência ao níquel utilizado na fabricação dos acordoamentos das guitarras, instrumento chave do estilo, e pesado em alusão à tipificação do som, caracterizado por timbragens distorcidas e graves (Christie, 2010).

Com o suporte da grande mídia, já nos inícios da década de 1980 a NWOBHM desbrava as fronteiras da Europa e ganha o mundo. Com a progressiva inserção do Heavy Metal mundo afora, o movimento ganhou forma e quanto mais adeptos e bandas surgiam em outros lugares, mais o Heavy Metal se reconfigurava como cultura e estilo específico de música (Christie, 2010).

Tais reconfigurações originaram subestilos dentro do próprio Heavy Metal, sendo instituídas denominações como Speed Metal, Thrash Metal, Death Metal, Black Metal, de acordo com as inovações apresentadas nas letras e no som das novas bandas que surgiam. Tal atitude teve o intuito principal de estabelecer determinados pressupostos que definissem o estilo tocado por determinadas bandas, que as diferenciariam ou as assemelhariam a outras, do mesmo estilo.

Nesse processo, o próprio termo Heavy Metal passou por uma espécie de isolamento, ao ser correlacionado à maneira como se consagrou ser tocado pelas bandas que formaram a NWOBHM. Sendo assim, hoje há um consenso acerca da nomenclatura "metal" ser a responsável por indicar um estilo e categoria geral "metal" que subsume os estilos que foram anteriormente citados<sup>7</sup>.

Ao longo do tempo, o metal evoluiu e transformou-se como expressão musical e cultural, desdobrando-se em uma grande diversidade de subgêneros e submovimentos culturais dentro da própria cultura metal, cada um deles marcado por características identitárias específicas.

A seguir apresentaremos os três principais subestilos que, juntamente com o "heavy metal" propriamente dito, compõem a dimensão musical e semiótica do metal. Nossa apresentação será baseada na pesquisa de Philips & Corgan (2009), e irá se deter nos aspectos mais gerais desses subgêneros

### ***Thrash Metal***

O termo thrash metal refere-se a uma versão mais pesada e acelerada do heavy metal praticado pelas bandas da NWOBHM, afim aos ritmos punk hardcore praticado nos meados no início dos anos oitenta. Suas letras versam sobre temas como violência, guerra, política.

Os primeiros de bandas americanas e alemãs marcaram o pontapé inicial do estilo. Dos EUA, podemos citar como principais referências o disco "bonded by blood", da banda Exodus (1983), "Show no mercy" do Slayer e "Kill'em" (1983) do Metallica. Do lado alemão, são referência neste subgênero os primeiros álbuns de bandas alemãs como

---

<sup>7</sup> O leitor que for leigo em matéria de música pesada deve compreender que utilizamos o termo "metal" nos referindo ao que comumente ele pode entender como "rock pesado", "rock paulista" ou "rock porrada". Para informações mais específicas ver Philips & Corgan (2009). É característico ao fã de metal referir-se a "metal" como um termo/categoria geral, que indica um estilo musical que subsume determinados subestilos, tais como o thrash metal, speed metal, death metal, black metal, death/black metal, etc. E serão estes sujeitos os quais iremos explorar suas experiências tanatológicas.

o “Sentence to death” (Destruction/1984); “Endless Pain” (Kreator/1985) e “In the sign of evil” (Sodom/1985).

### ***Death Metal***

O death metal é um sub-gênero do metal que evoluiu a partir do thrash metal no início dos anos oitenta. Em grande parte mantém a velocidade, intensidade e frequência do thrash metal, contudo, tomando um rumo muito mais mórbido em suas letras, que geralmente apresentam temas ligados à degradação e sofrimento humano, a violência, a crítica ao cristianismo e a um universo amplo de temas macabros que terrificam as pessoas em geral.

Musicalmente, apresenta um ritmo rápido e pesado, com abuso dos graves das guitarras, apresentando uma atmosfera mórbida nas linhas de composição. O death metal surgiu e se popularizou em meados dos anos 1980, principalmente através dos americanos do Possessed, que cunharam o termo em sua canção "Death Metal", presente em sua demo de 1984, e em seu disco “Seven Churches”, lançado no ano seguinte. Dos anos 80 até os dias atuais, o death metal passou por várias reformulações, principalmente no início dos anos 90, momento marcante do desenvolvimento do death metal na escandinávia, estados unidos e em alguns países europeus como Holanda e Alemanha.

### ***Black Metal***

O Black metal é um subgênero do heavy metal marcado por uma musicalidade de atmosfera lúgubre. Tematicamente, o estilo aborda questões relativas principalmente ao ocultismo, satanismo e anticristianismo.

A primeira banda a ser rotulada como black metal foi o Venom, banda inglesa do início dos anos oitenta, cujo segundo disco, Black Metal, inclui várias odes a um tipo de satanismo alegórico. Embora muitas bandas tenham flertado com este tipo de

temática, inclusive as precursoras Led Zeppelin e Black Sabbath, as raízes desse subgênero começaram com o Venom.

Por vezes, o movimento black metal esteve associado à questões sociais de ordem concreta, como aos assassinatos de homossexuais e queimadas de igrejas na Escandinávia, em meados da década de 1990. Tais atos foram realizados por membros de bandas mundialmente conhecidas no meio metal, tais como Mayhem, Burzum e Satyricon, que afirmam ter cometido tais atos motivados por uma fidelidade às antigas religiões da Noruega.

Em anos mais recentes, algumas bandas de black metal vem relacionando suas posturas ideológicas à ideologias nacionais socialistas, e conseqüentemente, a associações com movimentos de orgulho ariano. Isto vem ocorrendo, sobretudo, em países como Bulgária e Polônia.

A despeito de questões mais concretas no espectro social, o black metal segue como sendo um estilo de música e ideologia bastante peculiar no metal, sendo que a maioria de seus adeptos vem demonstrando rejeição frente ao movimento nacional socialista dentro do black metal, que é constituído por uma minoria de adeptos.

Atualmente, coexistem dois tipos de cenas distintas no cenário musical/cultural metal: a cena mainstream e a cena underground.

A cena mainstream é onde acontecem shows de grande porte, as bandas conseguem substituir os seus gastos e de fato "viver de metal", agendando turnês e vendendo em boa quantidade os seus discos. Do mesmo modo, produtores de shows, gravadoras e revistas especializadas tem seus empregos garantidos. O público desse cenário é formado em sua maioria por jovens e adolescentes de classe média/alta. O alto

nível de dispersão<sup>8</sup> caracteriza de certo modo o estatuto passageiro da relação afetiva/ideológica estabelecida pelo público desse tipo de cena, com a cena. E de forma semelhante, assiste-se nessa cena, a uma relação público-banda do tipo que se vê em demais estilos musicais, como o axé, o country americano, a música clássica, etc.

A cena underground é onde acontecem shows de pequeno/médio porte, poucas bandas conseguem subsistir os seus gastos e em sua maioria os seus integrantes possuem atividades/empregos fora da banda para pagar as suas contas (e em muitos casos, também, as contas da banda).

As publicações são confeccionadas em pequenas tiragens e em formas de fanzines. Os produtores dos shows quando não são formados por integrantes das bandas, são pessoas que participam da própria cena e que se organizam para manter um fluxo de shows underground na cidade, seja trazendo bandas que estejam em turnê, seja realizando shows apenas com bandas locais. Em geral tais produtores não possuem maiores interesses financeiros, buscando fazer a cena acontecer por questões de ordem afetiva/ideológica.

Neste cenário não há grandes gravadoras, existem os "selos", que se responsabilizam por lançar os discos das bandas em pequenas tiragens, realizando trocas e vendas com/para outros selos e para os participantes da cena. Diferentemente do público da cena mainstream, o público da cena underground é caracterizado por sua fidelidade estética/afetiva/ideológica aos estilos que gostam do metal e ao movimento underground em si. Traçando um comparativo, a menos dispersões na cena underground do que há na cena mainstream.

---

<sup>8</sup> Assiste-se a poucos casos de pessoas com mais de 5, 10, 15 anos de cena que frequentam apenas show do tipo mainstream. Quando se assiste a casos desse tipo, em geral, é porque o sujeito possui maiores ligações com a cena underground, frequentando shows e adquirindo materiais da cena mainstream de modo inconstante.

A cena underground parece de fato concentrar sujeitos que gostam dos mais variados subestilos de metal, que se envolvem de modo mais intenso com o cotidiano da cena e com o metal em geral, de modo que o estilo parece fazer parte da sua vida não só como música, mas como leitura filosófica de mundo. A cena underground, por sua independência quanto a publicações, shows e lançamentos<sup>9</sup> abriga bandas dos mais variados subestilos do metal, sobretudo, dos subestilos mais "pesados", leia-se, com letras, som e estética mais "pesados".

Bezerra et. al (2012) em estudo recente sobre a cena metal underground recifense no contexto pós movimento mangue beat, com base no conceito de "campo" de Pierre Bordieu (2002), definem o conceito de cena de modo bastante particular e coerente com o que de efetivo se assiste como prática cultural em um cenário metal underground:

*Entendemos como cena cultural uma rede de relações sociais ancorada em espaços de convivência, troca de informações especializadas e eventos artísticos e culturais ligados a uma proposta estética, política e comportamental mais ou menos definida. Os indivíduos que participam desta rede de relações compartilham referências culturais e estéticas e constroem a partir delas um universo simbólico comum, no qual essas referências são hierarquizadas conforme critérios de valoração sujeitos à mudança (...) (pg. 3).*

Assume-se aqui tal conceito, na medida em que parece abarcar a ideia de cena metal underground como uma cena cultural em seu sentido simbólico (semiótica).

Os participantes desta pesquisa foram os headbangers da cena metal underground do Recife. Em uma cena metal underground, tais sujeitos se identificam mutuamente como "headbangers" ("batedores de cabeça"), uma alusão ao tipo de

---

<sup>9</sup> Por não precisarem da grande mídia para se promover, divulgando shows, bandas, lançamentos, etc. através de uma mídia paralela que a subsiste, hoje principalmente via canais da internet.

corporeidade/gestualidade presente nos shows e encontros, caracterizada como tal, devido ao movimento da cabeça se estabelecer em ritmo de "para frente e para trás".

## **2.2. Considerações Acerca do Estatuto da Cultura nos Processos de Significação e o Caso da Representação da Morte na Cultura Heavy Metal**

Segundo Valsiner (2000), a cultura compreendida em seu aspecto simbólico, abriga uma ampla gama de interfaces semióticas que constituem, em níveis do funcionamento cognitivo humano, os processos de significação dos objetos do mundo. Este tipo de entendimento ante o estatuto pragmático da cultura na vida cotidiana das pessoas parece ser bastante razoável, frente à importância que os saberes cotidianos ocupam na construção da multiplicidade de realidades subjetivas.

Essas interfaces semióticas, compreendidas como os campos de compartilhamento de significados construídos pelos sujeitos diante das coisas do mundo, através da mediação por artefatos, tecnologias, discursos e objetos quaisquer que em geral suportem dotação de significado, terminam por gerar, replicar e reconstruir o conhecimento cultural em geral.

No que concerne à produção de conhecimento cultural frente ao fenômeno da morte, uma breve mirada no modo como as pessoas respondem à demandas tanatológicas no mundo ocidental é reveladora de uma interface semiótica permeada por significações pesadas, macabras, metafísicas e espiritualistas construídas em seu entorno (Ariés, 1977).

A morte no mundo ocidental é vista como o impedimento à realização da vida, e nesse sentido, um objeto do mais alto temor (Ariés, 1977). De fato, a cultura atua como um demarcador importante dos significados tanatológicos, estando presente desde a defesa da finitude biológica inerente à existência de todas as formas de vida, até a criação de histórias acerca de uma imortalidade utópica da alma (Cave, 2012).

Nos últimos anos, esforços advindos do âmbito acadêmico têm sido direcionados à criação de novas interfaces semióticas relativas ao fomento de uma espécie de pedagogia da morte, preocupada com a criação de espaços de discussão sobre a morte e o morrer junto à sociedade (Kovács, 2008). Esta preocupação advém sobremaneira de setores como os da bioética, medicina, tecnologia, e educação, que seguem abrindo discussões a respeito do tema nos meios de comunicação e grupos sociais em geral.

Não obstante a tais esforços, e seus prováveis impactos em níveis da intersubjetividade a médio/longo prazo, decerto a abordagem a temas tanatológicos no cotidiano permanece como um tabu quer seja pelas interdições religiosas, políticas, sociais e institucionais que ainda se cumprem, ou por sua significação ser intrinsecamente permeada, no ocidente, por teores existencialmente pesados (Ariés, 1977; Kovács, 2008).

É neste cenário, que a morte encontra-se aberta às múltiplas possibilidades de sua significação. Incluso neste, permanece a correspondência semiótica peculiar à mútua reciprocidade existente entre o sujeito e a cultura que o abriga/habita.

A relação entre sujeito e cultura é aqui compreendida, portanto, ao modo de seu desenvolvimento enquanto um continuum de significações e ressignificações demarcadoras da dialética própria às mudanças e permanências simbólicas intersubjetivas estabelecidas mediante o movimento de estendimento semiótico, que é o equacionador próprio da interdependência entre ambas as instâncias, no processo de demarcação dos processos psicossociais tipicamente humanos (Magalhães, 2014).

Inseridos nessa conjuntura, encontram-se as elaborações semióticas operadas no tema da morte, no âmbito da cultura heavy metal. Essas elaborações se concretizam principalmente por meio das manifestações estéticas e discursivas que são inerentes à

expressão da morte no universo metal, ou seja, através das capas dos discos, letras dos discos, tatuagens, vestimentas e indumentárias em geral.

A título de ilustração para o leitor não versado em questões relativas ao heavy metal, iremos fornecer a partir de agora algumas informações gerais acerca de como a morte é representada neste meio. Apresentaremos alguns excertos de letras de músicas, bem como, algumas capas de discos de bandas representativas de gêneros importantes do metal, que tenham tido a morte e temas correlatos como base de inspiração na composição dos referidos trabalhos.

Nossa exposição será realizada de forma sucinta, uma vez que a realização de uma etnografia completa da morte no metal acarretaria em esforços antropológicos que fugiriam aos limites impostos pelo escopo da pesquisa.

Aqui seguem dois exemplos. Primeiro, o de uma banda escandinava, chamada Entombed (Suécia); e na sequência, o exemplo do Autopsy, também de death metal, só que originária dos Estados Unidos.



**Figura 3.** Capa “Left hand path”, Entombed (1990).



**Figura 4.** Capa “Macabre Eternal”, Autopsy (2011).

Encontramos em ambas as artes, estéticas tanatológicas bastante presentes nos conceitos dos discos de metal em geral, e no subgênero death metal em particular. Trata-se da representação da iminência de sofrimento e penúria diante da concretude da morte, tratada como o caminho absoluto para o martírio espiritual.

Na capa do disco do Entombed, podemos vislumbrar uma clara alusão ao caminho da mão esquerda, que segundo a tradição esotérica ocidental, relaciona-se com a prática da magia negra, conhecida por produzir uma série de efeitos maléficos na vida do sujeito praticante.

De acordo com essa perspectiva, uma vida no caminho da mão esquerda seria permeada por tormentos, pesar e agonia, frutos de um acordo firmado entre o praticante de magia e forças espirituais ocultas, em troca da realização de prazeres mundanos. Esta ideia reforça a representação da morte enquanto castigo e redenção, o que revela uma visão metafísica/espiritualista pessimista diante da morte.

Como exemplo de letra de música que retrata esse aspecto, temos “*But life goes on*” (1990), presente no referido disco do Entombed:

*“Morto - falecido, mas a vida continua  
Eu vou ser o único que ganhou  
Meu corpo carbonizado irá decair  
Mas minha alma estará flutuando de qualquer maneira*

*Visualmente um cadáver  
Mas o que está dentro da minha cabeça  
Não considera que certa feita eu estivera morto  
Então eu acho que eu vou voltar dos mortos  
Morrendo a minha morte  
Em um desgosto implacável  
Morto em um caixa de madeira  
Este não pode ser só o meu destino*

*Morto - falecido, mas a vida continua  
Eu vou ser o único que ganhou  
Continua a procurar e você vai ver  
Que a vida é o seu pior inimigo” (Entombed, 1990)*

As representações da morte no metal não se restringem ao locus do death metal. Encontramos conceitualidades tanatológicas ao longo de todos os sub gêneros do metal. No thrash metal, por exemplo, é lugar comum encontrar a morte sendo representada através do espectro da violência da vida cotidiana e das guerras.

Nas palavras do Assassin, grupo de thrash metal alemão, em música homônima (1987):

*“Ele vem através da noite  
Pronto para lutar  
Sua espada vai matar toda vez que for a sua vontade  
A morte que o levou pode ver a raiva em sua face  
O ódio e o destino estão agora confusos, porque é tarde demais*

*Vá assassino, lute assassino*

*Mate assassino, assassine a vida” (Assassin, 1987)*



**Figura 5.** Capa “The upcoming Terror”, Assassin (1990)

Ainda no thrash metal, é bastante comum as bandas abordarem a questão da finitude de um ponto de vista pessimista/materialista, focando na dimensão universal e biológica inerente ao morrer, sobretudo, no que toca à inevitabilidade da morte. Esse aspecto se faz representar de diferentes formas.

O conceito do disco “Darkness Descends”, da banda norte americana de thrash metal Dark Angel, é um exemplo típico deste tipo de abordagem no metal. A capa deste álbum, contendo a imagem de um túmulo, pode ser visualizada logo abaixo:



**Figura 6.** Capa “Darkness Descends”, Dark Moor (1987)

Na faixa “*Death is certain, life is not*” (a morte é certa, a vida não é), é relatada uma situação de desejo de eutanásia, na qual, segundo o narrador, a vida perde o seu sentido por completo, diante da falência gradativa das funções vitais básicas do organismo. A letra segue abaixo:

*“Respeitando seus desejos  
Meu irmão, você quer morrer  
Numa cama rodeada por tubos  
A imobilidade te lança às sombras  
Em seu corpo o torpor reina  
Você já calculou o seu desaparecimento  
Seu futuro está dilacerado pela dor  
Eu vou levar a vida por detrás dos teus olhos*

*Houve um tempo de quando a morte era distante  
E o fogo da vida queimava brilhante  
Agora nós percebemos, a vida não é constante  
Sem desejo pela vida, a morte é um direito  
A eutanásia, não assassinato  
Ato de misericórdia para escapar  
A forma de tortura da sociedade*

*Para deixá-lo viver nesse caminho*

*A morte é certa  
A vida não é  
Sua mente está em tormento  
Esperando para apodrecer  
A cortina final  
Sempre o chama de perto  
Quando a morte é certa  
O fim se revela” (Dark Angel, 1987)*

Os exemplos oferecidos acima passam longe de esgotar as variedades de representações da morte no metal. As expressões da morte no metal, às quais nós nos referimos acima, são encontradas em um sem número de outras bandas. Através desta pequena ilustração, o leitor pode vislumbrar um panorama geral acerca das representações da morte que figuram no centro das produções de heavy metal.

Os elementos estéticos e musicais atrelados ao conteúdo das letras transparecem uma gama extensa de significados ligados à morte, quais sejam, vinculando-se a temáticas que vão desde o universo do macabro, do mórbido e do terrorífico, até temáticas acerca do universo melancólico, metafísico e existencial.

### **2.3. A Morte Como Objeto de Estudo em Psicologia**

Segundo Davies (2005, citado em Nascimento & Roazzi, 2007) inúmeras disciplinas contribuem para o desenvolvimento da tanatologia. As abordagens históricas tendem a focalizar as mudanças de atitudes no que tange à sensibilidade à morte ao longo do tempo nas distintas sociedades, sobretudo, nas ocidentais. A reflexão filosófica, por seu turno, tem abordado os sistemas culturais em larga extensão e como em cada um deles o self responde às demandas tanáticas. Além disso, a abordagem da teologia tem sido importante nos estudos da morte, uma vez que a religião, enquanto sistema simbólico, ocupa um lugar de destaque no desenvolvimento das formas de se lidar com a morte nas sociedades humanas.

No âmbito da pesquisa psicológica, a morte tem sido um fenômeno investigado principalmente nos contextos da psicologia clínica, cognitiva, social e do desenvolvimento. Persistem como obras de referência nos estudos psicológicos da morte, por seu pioneirismo, as publicações de Kastenbaum e Aisenberg (1983) e Feifel (1959). Feifel (1959) oferece um panorâma dos aspectos psicossociais da morte na sociedade pós guerra, e Kastenbaum & Aisenberg (1983), propõe em sua obra um projeto de psicologia desenvolvimental da morte, demarcando seu escopo geral e oferecendo relatos de estudos empíricos realizados com adolescentes e adultos acerca da personificação da morte, e acerca da qualidade do morrer em pacientes hospitalizados.

Os primeiros interesses de natureza clínica no tema datam dos escritos psicanalíticos de Freud (1917) e Jung (1934), voltados à exploração do estatuto da morte na edificação da arquitetura psíquica. Ainda no âmbito clínico, destaca-se o trabalho de Elizabeth Kublër-Ross (1992) no mapeamento e descrição dos "estágios" de perda e luto, caracterizando o que ficou conhecido como o modelo dos cinco estágios de Kublër-Ross, amplamente utilizado na área da psicologia hospitalar.

O modelo propõe que pacientes com enfermidades irreversíveis em particular, e pessoas que passam por momentos de luto e perda em geral, vivenciam em geral cinco estágios de elaboração psíquica, indo da negação até a aceitação da morte. Estes estágios seriam: 1) negação; estágio caracterizado por ser uma defesa temporária do sujeito relacionada à recusa da situação em que se encontra; 2) a raiva; estágio subsequente à negação, se caracteriza pelo sentimento de aversão dirigido às circunstâncias em que o sujeito se encontra; 3) barganha; que envolve a esperança do indivíduo em atrasar ou deter a morte, a partir da crença em reformar o estilo de vida em troca de mais tempo com vida; 4) a depressão; fase em que o sujeito começa a aceitar a morte como inevitável, recusando visitantes e objetos que lhe transmitam amor e afeto;

e 5) a aceitação; neste último estágio, o sujeito aceita que não pode lutar contra a inevitabilidade da morte, chegando em acordo com sua condição de mortal, preparando-se para a mesma.

No âmbito dos estudos que resguardam interesse nos processos psicossociais de subjetivação da morte, têm sido especialmente explorados as imagéticas associadas ao tema, em populações compostas por adolescentes e adultos, incluindo-se ainda, o conteúdo das visões dos sujeitos que passaram por experiências de quase morte, e dos significados das imagens da morte produzidas por profissionais que lidam com a morte em seu cotidiano laboral (profissionais da área de cuidados à saúde) (Nascimento & Roazzi, 2008).

Em pesquisas desse tipo, os teores das imagens são interpretados à luz dos possíveis impactos dos elementos culturais em sua constituição. O corpus imagético produzido é diversificado, passando desde unidades simbólicas que se atrelam à dimensão do macabro, da pesaresidade, do metafísico, do espiritual e do erótico, até a produção de imagens que denotam significações de serenidade produzidas ante à representação da morte (Kastenbaum & Aisenberg, 1983; Nascimento & Roazzi, 2008).

Entre os estudos que visam explorar a interface entre morte e religiosidade, encontramos em Nascimento & Roazzi (2007) uma investigação acerca do papel de variáveis religiosas na estruturação da representação social da morte em integrantes de equipes multidisciplinares de saúde. Os dados revelaram uma interferência expressiva das crenças religiosas na estruturação da representação da morte na amostra investigada, em termos da relação semântica emergente das facetas semânticas subjacentes à representação estabelecida com as afiliações religiosas dos participantes.

Tomando a religiosidade como variável, e com o objetivo de levantar as principais razões que levam estudantes universitários a doarem seus órgãos para

transplante, Bendassolli (2001), desenvolve estudo correlacional acerca da relação entre medo da morte, doação de órgãos, percepção do corpo e religiosidade. A partir de três estudos interdependentes, somando ao todo a participação de 192 estudantes, foram obtidos resultados que sugerem, como sendo as principais razões para a doação: 1) o desejo de continuar a vida do outro; 2) o reaproveitamento dos órgãos; 3) dar qualidade de vida aos que necessitam de um transplante e 4) inutilidade do corpo após a morte.

Já no que se refere à não doação, os principais motivos foram: 1) crítica à lei dos transplantes; 2) crítica ao sistema de saúde brasileiro; 3) razões bioéticas em geral, tais como receio de morte premeditada e contrabando de órgãos. Não foi encontrada relação significativa entre religião e doação de órgãos nos estudos, no entanto, encontrou-se correlação entre o medo da morte e a não doação.

Uma pesquisa típica no rol dos estudos psicológicos da morte, é a pesquisa da atuação do próprio psicólogo como profissional que lida com a mesma. Essas pesquisas são realizadas sobretudo no contexto hospitalar, e geralmente focam tanto na exploração da atuação do psicólogo enquanto agente propiciador de saúde diante da morte, quanto no psicólogo como pessoa aberta aos impactos da experiência propiciada pelo contato constante com a morte.

Nesse sentido, recentemente, Schmidt, Gabarra & Gonçalves (2011) investigaram a atuação do psicólogo em situações de morte no contexto hospitalar, e além disso, o processo de terminalidade/despida respectivamente para as pessoas enfermas e seus familiares. Os resultados evidenciaram reconfiguração das relações familiares nos diferentes papéis e funções, na perspectiva de maior autonomia. O ritual de despedida constitui-se em vivência possibilitadora de mudanças e resgates das relações familiares, bem como de elaboração do processo de luto, tanto para o sujeito

doente e família, quanto para a equipe de saúde, incluindo nesta, o profissional psicólogo.

Em geral, segundo Kovács (2008), no Brasil, é possível verificar cinco grandes temas de estudo da morte a partir de esforços multidisciplinares estabelecidos entre a psicologia e outros campos da saber, sendo: 1) impactos da mídia na construção do imaginário da morte; 2) cuidados a pacientes enfermos e a formação de profissionais de saúde; 3) perspectivas contemporâneas da morte e do morrer, e a estatuto da educação para a morte; 4) os impactos ocasionados pela tecnologia no tratamento de doenças terminais e sua relação com a bioética do suicídio assistido e eutanásia; e 5) aspectos psicossociais e fisiológicos da da qualidade de vida na terceira idade.

Os resultados de uma revisão sistemática de literatura elaborada por Barbosa, Melchiori e Neme (2011b), visando compreender como a experiência da morte dentro do seio familiar tem sido abordada por estudos realizados na perspectiva fenomenológica de investigação, apontaram que os estudos tanatológicos realizados com base na fenomenologia abordam três grandes temas, que são: 1) as experiências, os significados e o enfrentamento do luto e das perdas pelas sujeitos; 2) a relação da família com o paciente terminal e 3) as vivências das famílias diante de mortes repentinas.

Ainda no âmbito da pesquisa fenomenológica da morte brasileira, Veras & Moreira (2012) a partir do uso de aporte de coleta e análise qualitativo de base fenomenológica, desenvolveram pesquisa visando explorar como o sertanejo nordestino com câncer lida com a morte, entrelaçando três temáticas: a morte em seus aspectos históricos e psicológicos; a realidade histórico-cultural do homem do sertão nordestino brasileiro; e a pessoa com câncer na sociedade.

Os resultados concluem que a população pesquisada percebe a morte com familiaridade, e que as formas de enfrentamento perpassam os domínios da fé religiosa. Além disso, para o sertanejo com câncer, o tema morte é menos interdito, em relação às sociedades urbanas contemporâneas, ele a percebe como um dever, doloroso, mas inevitável e esperado. Sua compreensão de adoecimento e morte envolve aspectos psicossociais e o caráter universal do morrer é confirmado por meio de suas sucessivas vivências de perda.

No Brasil, tem crescido uma nova linha de pesquisa em psicologia da morte, preocupada em investigar a influência negativa exercida por determinantes sócio-demográficos e educacionais na construção de significados ligados à morte.

Nesse sentido, Jucá et al (2007) desenvolve estudo com o objetivo de explorar como um grupo de crianças pré-escolares em situação de vulnerabilidade social compreendem a morte. No contexto investigado, as crianças se encontravam expostas a mortes decorrentes de conflitos relacionados ao tráfico de drogas, e nesse sentido, o intuito primordial do estudo não foi descrever os significados associados pelas crianças à morte, mas compreender como o contexto vivenciado, intermediado pelas relações com os pais e outros educadores, promoviam o surgimento de determinadas falas e comportamentos associados à morte por parte das crianças.

Como resultado, observou-se que as falas das crianças trazem consigo os reflexos da banalização da violência nos centros urbanos, e a dificuldade encontrada pelos pais em abordarem o tema com seus filhos, que não obstante trazem, principalmente para a escola, através da fala e das brincadeiras, experiências associadas a morte vividas no cotidiano de sua comunidade.

Ainda abordando a morte no cotidiano do Brasil e sua interface com a educação, Kovács (2012) propõe investigar como a instituição escolar e os educadores veem a

morte, e as implicações de suas visões no processo de tratamento da morte em contextos educacionais, atentando as necessidades e dificuldades inerentes a este processo. São apresentadas de intervenção, na forma de propostas para inclusão do tema da morte nas atividades pedagógicas regulares, em instituições especiais e em contextos de formação de educadores.

De um ponto de vista desenvolvimental, Barbosa, Melchiori e Neme (2011a) investigaram o significado da morte em diferentes faixas etárias, entre adolescentes, adultos de meia idade e idosos. Entre os participantes, os adultos foram os que mostraram mais aflição e inquietação ao falarem sobre a própria finitude e sobre a possibilidade de perda de pessoas queridas.

Entre os adolescentes, a morte foi percebida de modo impessoal, como um acontecimento distante; enquanto entre os idosos, a morte foi tratada como um objeto de maior proximidade, sendo referenciada com maior aceitação. Ao final do estudo, sugere-se a realização de maiores investigações visando aprofundar as compreensões diante do significado da morte em cada uma dessas fases da vida, utilizando-se a religião, classe social e experiências com perdas como variáveis.

No contexto dos estudos da morte na psicologia social experimental internacional, Zaleskiewicz et al (2013) investigou o conceito de morte e sua relação com o dinheiro, a partir da hipótese de que a angústia da morte poderia amplificar o valor atribuído ao dinheiro, e que a presença de dinheiro poderia aliviar a ansiedade direcionada à morte. O estudo concluiu que além de sua utilidade pragmática, o dinheiro possui um forte significado psicológico, que ajuda a amortecer a ansiedade existencial, a partir de resultados que indicaram que os indivíduos lembravam de sua mortalidade a partir da super estimação do tamanho das moedas e notas de dinheiro, reportavam menor temor associado ao conceito de morte quando este era associado à estímulos

monetários e também que as pessoas lembravam da morte desejando a renúncia do pagamento imediato de dinheiro.

Ainda no âmbito dos estudos da morte na psicologia social experimental, só que dentro da interface entre a psicologia cognitiva e as neurociências, encontram-se estudos interessados na identificação das bases cerebrais do processamento de informações cognitivas direcionadas à morte, tendo como base a teoria de gestão do terror.

Em psicologia social, a teoria de gestão terror (terror management theory, Pyszczynski, Solomon & Greenberg, 1999) sugere que um conflito psicológico básico surge do ato de o sujeito possuir um desejo de viver, percebendo que a morte é inevitável. De acordo com a teoria, este conflito é exclusivo de seres humanos, e sua solução é construída na cultura, que tem por função atuar como sistemas simbólicos que proporcionariam a sustentação da crença de que a vida é dotada de significado e valor. Os valores culturais, portanto, serviriam para gerenciar o terror da morte, proporcionando vida com significado aos sujeitos.

Seguindo este paradigma, Graupmann et al. (2013) criaram uma situação experimental de gestão de terror, numa pesquisa sobre os correlatos neurais da morte, investigando os padrões neurais de ativações cerebrais correspondentes às atitudes quanto à morte e sua relação com visões de mundo acerca da morte que são culturalmente compartilhadas. Os resultados demonstraram que o conteúdo cultural foi distintamente elaborado em uma base neural quando do enfrentamento de cognições relacionadas com a morte; concluindo-se que a pesquisa de natureza neurocientífica acerca das bases da representação neural das estratégias de enfrentamento cultural da morte lançam luz sobre os mecanismos imediatos de compensação do medo humano da morte.

Também pesquisando as bases neurocognitivas dos significados atrelados à morte, Han, Qin & Ma (2010), investigaram os mecanismos neurocognitivos envolvidos no processamento de sinais linguísticos especificamente relacionados com morte. O estudo abordou a questão, submetendo 20 adultos do sexo feminino a imageamento cerebral, utilizando aparato de ressonância magnética funcional.

A tarefa experimental consistiu da nomeação de cores relacionadas com a morte, sob três categorias: relacionadas à morte; valência negativa e valência neutra. Os resultados da ressonância magnética sugeriram que o processamento de sinais linguísticos, em termos das palavras relacionadas à morte e as palavras de valência negativa estão associadas com a modulação da atividade na região insular, responsável pela representação neural do self senciante, bem como, estão também associadas à atividade de regulação emocional.

Na interface entre psicologia cognitiva e psicologia do desenvolvimento, encontra-se uma variedade de estudos sobre a formação do conceito de morte em crianças, a partir da identificação da teoria da teoria (theory theory) a partir das quais as mesmas constituem o conceito de morte (Roazzi, Dias & Roazzi, 2010), bem como em adultos com déficit cognitivo (Speece & Brent, 1984), e crianças em contextos de vulnerabilidade social (Torres, 2002), a partir da utilização de referenciais piagetianos. Segundo esses referenciais, para que o conceito de morte evolua cognitivamente, é necessário que lhes sejam subjacentes três componentes cognitivos básicos: irreversibilidade, não funcionalidade e universalidade.

A irreversibilidade se refere ao entendimento de que uma coisa com vida, uma vez morta, não pode voltar a viver, estando relacionado com a ideia de que a morte é um acontecimento permanente. A não funcionalidade diz respeito à compreensão de que as funções vitais cessam devido a morte. E a universalidade, tem a ver com a ideia de que

a morte é um evento inevitável, final; tem a ver com a ideia de que todas as coisas vivas inevitavelmente morrem em um momento (Speece & Brent, 1984).

Ainda no campo da compreensão da morte entre crianças, Barret & Behne (2005) pesquisaram em crianças alemãs e equatorianas da tribo dos shuares com idade entre 3-5 anos, a capacidade de discriminação entre entidades capazes de ação (agente intencionais) e entidades não agentes, examinando padrões de inferências das crianças sobre organismos que estão mortos e outros que estão dormindo.

Os resultados demonstraram que por volta dos 4 anos as atribuições causais associadas a morte bloqueiam atribuições de agenciamento em animais e pessoas, enquanto as atribuições de sono, não. Traçando um comparativo, o estudo sustenta que a trajetória desenvolvimental desse padrão de inferências é idêntico em ambas as culturas estudadas (cultura alemã e cultura shuare), e neste sentido, consistente com a hipótese de que o mecanismo de discriminação entre entidades mortas e vivas é uma parte central do desenvolvimento da arquitetura cognitiva humana.

Também na área de estudos cognitivos da morte, só que com população adulta, Hales et. al (2012) levam a cargo estudo com o objetivo de compreender como cuidadores enlutados de pessoas com câncer em fase metastática avaliam a qualidade da experiência diante da morte e do morrer, explorando os processos cognitivos subjacentes às suas avaliações.

Após responderem um questionário padronizado com questões versando acerca da qualidade da morte e do morrer (QODD – Quality of death and dying questionnaire), os participantes responderam a uma entrevista cognitiva e os dados obtidos foram submetidos à análise de conteúdo qualitativa, cujo foco incidiu sobre a informação recuperada, as estratégias de julgamento utilizadas e as dificuldades relatadas pelos participantes.

As informações que formaram a base da entrevista se referiram às perspectivas do paciente, do próprio cuidador, outros amigos/familiares ou uma combinação de perspectivas. As estratégias de julgamento dos participantes foram classificadas em: 1) uma experiência que se espera, ou ideal de morrer; 2) um estado antes da fase de morrer; 3) um estado de sofrimento/não angústia, e 4) “normalidade/humanidade”.

Os resultados sugerem que a qualidade da morte e do morrer é um construto complexo, baseado em múltiplas perspectivas e padrões de comparação. Por fim, os achados guardam implicações para a área clínica de cuidados da saúde, sugerindo que esta área deve buscar garantir que a família seja uma unidade de cuidados na preparação para a experiência da morte, especialmente, no que concerne aos cuidadores de pacientes em estados críticos de saúde.

Widera-Wysoczańska (1999) seguindo uma abordagem hermenêutica empreende uma pesquisa de natureza clínica/qualitativa acerca da experiência consciente da morte (*death awareness experience*) na vida cotidiana de adultos, oferecendo descrições de tais experiências numa amostra composta por doze mulheres saudáveis, que não tinham, nos últimos cinco anos, passado por momentos de perdas de pessoas significativas em suas vidas.

A análise hermenêutica sugeriu três componentes da experiência consciente da morte. 1) *contexto da morte*: engloba as circunstâncias internas e vários eventos de vida externos que acompanham a experiência consciente da morte na vida do sujeito; 2) *fenômeno psicológico relacionado à morte do self e de pessoas próximas*: incluiu os sentimentos, pensamentos, associações, intuições e sensações corporais relacionadas às mortes imaginárias de si ou de pessoas próximas, ou da morte real de uma pessoa próxima e 3) *o impacto da consciência da experiência da morte na vida do sujeito*: esse componente se refere de um lado a aspectos passivos e ativos da proteção do self contra

sentimentos e pensamentos relacionados à morte; e de outro, à pensamentos e sentimentos ligados à condução do self e a realidade ao redor em suas relações com à inevitabilidade da morte. Os resultados do estudo foram discutidos à luz de suas implicações clínicas.

Note-se que, de acordo com a presente revisão bibliográfica, o campo dos estudos tanatológicos no campo da psicologia em geral e na psicologia cognitiva em particular, apresentam uma escassez de trabalhos focados numa investigação integrada dos aspectos sócio culturais, cognitivos e afetivos do processo de subjetivação da morte, em populações fora do campo dos profissionais da saúde. É neste sentido, que visa-se contribuir com a pesquisa neste âmbito.

## **PARTE II: ESTUDO EMPÍRICO**

## Capítulo 3

### Explorando os Aspectos Cognitivos e Fenomenais do Estado Consciente Direcionado à Morte entre Adeptos da Cultura Heavy Metal

#### 3.1. Introdução

Existe uma escassez de pesquisas sobre a subjetivação da morte que busquem rastrear a dinâmica de seus indexadores cognoscentes entre adultos na interface com os aspectos de expressão tanatológica próprias às suas culturas de pertença. Além disso, a literatura psicológica sobre a morte tem tradicionalmente estudado em separado os aspectos afetivos e cognitivos do processo de subjetivação da morte; conseqüentemente, tendo pouco a dizer sobre a integração dessas instâncias no processo.

No decorrer do capítulo 2 da presente dissertação, procuramos demonstrar em que sentido a morte é um objeto complexo e altamente responsivo às significações provenientes de dinâmicas culturais variadas. Também tentamos pôr em evidência, o modo como a morte se constitui como um tema de exploração no contexto da cultura heavy metal.

Talvez essa desatenção no campo tanatológico se deva à falta de um procedimento metodológico que proponha abarcar a sistêmica própria ao fluxo do funcionamento cognitivo humano. Com efeito, esta falta parece estar atrelada a um domínio teórico excessivamente interessado no estudo das dimensões languageiras de construção de significado, o que tem inibido a procura empírica por outros caminhos cognitivos de subjetivação.

Em face deste quadro geral, propomos realizar com a nossa pesquisa, uma incursão introspeccionista frente à experiência interna<sup>10</sup> constituída diante da morte,

---

<sup>10</sup> Experiência interna, experiência consciente e estado consciente serão terminologias utilizadas como se referindo a um mesmo objeto, sendo empregados como sinônimos ao longo de nosso texto. A saber, o objeto ao qual nos referimos é a consciência em seu aspecto integral, isto é, vista como constituída por propriedades físicas, psicológicas e fenomenais, vide Chalmers (1996).

acreditando que sua dinâmica é capaz de propiciar um exame mais abrangente em termos cognitivos, dos modos através dos quais os participantes de uma população específica (em nosso caso, adeptos do movimento heavy metal) subjetivam a morte.

A experiência consciente, como frisado no capítulo 1, é o locus fundamental do processo de subjetivação, à medida que abarca as três dimensões fundamentais da subjetividade, a saber: pensamento, afetividade e sensorialidade (Hektner, Schmidt & Csikszentmihalyi, 2007); por onde ocorrem a integração das qualidades próprias à vivência dos estados conscientes (seus qualia) e do processamento cognitivo de informações nas mais diversas instâncias da produção epistêmica em geral (imagética, discursiva, sensorial e afetiva).

O estudo objetiva, em suma, explorar a fenomenologia e atividade cognitiva subjacente ao estado de consciência caracterizado pelo direcionamento da atenção ao tema da morte, identificando o modo como o fenômeno se organiza a partir de sua indexação temporária no fluxo qualitativo de consciência de sujeitos integrantes da cena heavy metal underground da cidade do Recife.

Para isso, partimos da hipótese geral de que sujeitos que possuem vivências no âmbito de culturas permeadas por conteúdos tanatológicos específicos (em nosso caso, o heavy metal), quando se encontram imersos em um estado qualitativo de consciência caracterizado pelo direcionamento da atenção ao tema da morte (estado consciente direcionado à morte), podem tender a significar a morte a partir de tais conteúdos específicos.

Tomando seu caráter geral, a hipótese foi formulada, propondo dar o primeiro passo na investigação sobre se e como elementos tanatológicos peculiares à expressão da morte em culturas específicas em geral, interferem na fenomenologia do estado consciente dirigido à morte, constituído entre os sujeitos que dela fazem parte.

Levando em conta seu caráter particular, esta hipótese surge, considerando a possibilidade de existirem interfaces semióticas criadas pelos sujeitos envolvendo a dimensão da morte no metal e a dimensão da morte em suas subjetividades; no sentido em que as representações da morte presentes no universo conceitual do metal se relacionem ao processo de experiência da morte.

Não é a intenção do trabalho traçar uma etnografia da morte no heavy metal, uma vez que o escopo desta pesquisa está dirigido a averiguar se e como os significados atrelados à morte pelos sujeitos são espontaneamente mediados por algum (ou alguns) tipo (s) de elemento (s) que seja concretamente referido pelo participante como proveniente da cultura heavy metal.

Neste sentido, em nosso procedimento de coleta de dados, não propomos que o sujeito deliberadamente associe aspectos de sua perspectiva de morte à aspectos de suas vivências enquanto adepto da cultura heavy metal. O procedimento foi construído com base no princípio de livre associação, de modo a tão somente gerar um estímulo indutor de estados conscientes direcionados à morte. O fruto da livre associação, portanto, será a priori determinado pelas respostas subjetivas aliciadas pelo respondente ao estímulo indutor.

Na prática, isto significa que somente consideraremos como sendo um tipo de evento subjetivo no qual o sujeito associa a morte ao heavy metal, aquele tipo de evento em que o sujeito reporte que a morte esteve representada através de algum meio que diretamente remeta à presença da cultura heavy metal.

Por exemplo, no heavy metal é bastante comum observarmos a morte sendo representada pela imagem clássica do ceifador, ou pela imagem de cemitérios. Contudo, estas também são imagens que, no cotidiano ocidental, estão recorrentemente associadas à representação da morte em várias outras culturas de base artística tanatológica, como é

o caso na cultura cinematográfica de terror, bem como da conhecida literatura do horror, entre tantos outros exemplos possíveis.

Nesse sentido, a representação da morte por meio dessas imagens não é exclusividade do metal, e por isso não serão consideradas, por si só, como elementos do heavy metal presentes como conteúdo na experiência interna dos sujeitos, a não ser que esses conteúdos tenham vindo à tona a partir de algum episódio/objeto expressamente agregado ao heavy metal.

Aproveitado o mesmo exemplo, será considerado um evento subjetivo em que o significado da morte envolve o heavy metal, quando o sujeito reportar que a imagem do cemitério ou do ceifador esteve associada à imagem de um cenário de show de metal, de disco de metal, ou do som de uma música metal, ou a quaisquer elementos que declaradamente indiquem presença da cultura metal na experiência. Em suma, o heavy metal deverá estar expressa e declaradamente presente na experiência do sujeito, para que seja computado como um elemento de seu estado consciente direcionado à morte.

A ideia é preservar o aspecto da espontaneidade da aparição dos possíveis eventos associados ao heavy metal, no fenômeno investigado, verificando se e como estes ocorrem. A finalidade é verificar se e como, nas experiências internas direcionadas à morte entre adeptos do heavy metal, os significados da morte são diretamente mediados pelo heavy metal.

Sendo assim, mantendo uma coerência com o compromisso fenomenológico da pesquisa, utilizamos como critério para a identificação desta interferência do heavy metal no âmbito da experiência interna dirigida à morte, a constatação de que tais dados emerjam de modo espontâneo, ou não, da experiência dos sujeitos. Portanto, não buscamos investigar como os sujeitos intencionalmente relacionam as suas perspectivas sobre a morte com este meio cultural em específico que vivenciam. Visamos esperar

simplesmente que esta associação surja ou não, de modo claramente associado, nos componentes básicos e de alta ordem de suas experiências conscientes.

### **3.2. Método**

#### **3.2.1. Participantes**

A pesquisa contou com 30 participantes, que compuseram uma amostra de conveniência, para que fosse preservada uma representatividade de sujeitos por afiliação à cultura heavy metal. Dada a composição majoritariamente masculina do grupo social pesquisado, houve predominância de participantes do sexo masculino (80%) na composição final da amostra, em detrimento das participantes do feminino. Nenhum dos participantes possui filiação religiosa.

A idade dos participantes variou entre 20 e 40 anos (média: 28,06). A pesquisa teve como critério de inclusão a prerrogativa de o sujeito ter mantido o seu primeiro contato com a cultura heavy metal a pelo menos dois anos. A maioria dos participantes tinham como nível de escolaridade o nível superior incompleto (33%) e completo (27%).

#### **3.2.2. Procedimentos**

Os sujeitos foram convidados a participarem da pesquisa nos próprios locais dos shows de heavy metal ou pela internet, através de grupos do facebook ligados à cena heavy metal local. Em ambos os modos, no primeiro contato, o pesquisador apresentou sucintamente os objetivos da pesquisa ao provável participante, e em caso de anuência era então marcada posterior data e horário para a realização da coleta de dados.

A fase de coleta de dados foi iniciada após a aprovação da pesquisa pelo comitê de ética em pesquisa da UFPE (parecer nº 297.500). Na ocasião da coleta, os objetivos da pesquisa eram apresentados ao sujeito a partir do termo de consentimento livre e

esclarecido (tcle); após a assinatura do termo pelo participante, o procedimento de coleta era então iniciado.

Parte desta fase foi realizada no laboratório ao qual o pesquisador é filiado (LACCOS – Laboratório de autoconsciência, consciência, cognição de alta ordem e self), bem como em locais de escolha do participante. Em todos os locais em que aconteceram a coleta, estiveram resguardadas as condições ambientais para que não houvessem a ocorrência de estímulos detratores básicos que viessem a prejudicar o andamento dos trabalhos.

### **3.2.3. Instrumentos**

A fase de coleta de dados foi realizada por meio do uso de entrevista semiestruturada, denominada EFEM (Entrevista fenomenológicocognitiva dos estados conscientes direcionados à morte).

A entrevista semiestruturada é uma técnica qualitativa de pesquisa amplamente empregada nas ciências humanas, construída com base na preparação de perguntas abertas por parte do investigador, intencionando a exploração de escopos específicos de pesquisa. A mesma sucede respeitando-se o sequenciamento das questões integrantes de um roteiro previamente preparado com base nos fundamentos teóricos da pesquisa. Todavia, neste tipo de procedimento fica garantida a possibilidade de novas perguntas e intervenções não previstas anteriormente serem realizadas, conforme as circunstâncias de seu encaminhamento (Manzini, 1991 e 2003).

Esse tipo de procedimento faz com que as informações fluam de modo mais livre, à medida que as respostas dos participantes não estão condicionadas a uma padronização preestabelecida. Apoiadas no corpo teórico relacionado ao tema da pesquisa, a realização de entrevistas semiestruturadas pode propiciar o surgimento

de novas hipóteses a partir das respostas oferecidas pelos participantes às questões realizadas pelo investigador (Manzini, 1991 e 2003)..

O EFEM se baseia na estrutura e princípios do EFEA (Entrevista fenomenológica cognitiva dos estados autoconscientes; Nascimento, A.M, 2008), que é uma entrevista semiestruturada voltada à exploração dos aspectos cognitivos e fenomenológicos do estado autoconsciente, tanto em seus parâmetros de vigília, quanto em seus parâmetros incomuns.

O EFEM é um instrumento de pesquisa psicológica da consciência voltado à exploração de dados de primeira pessoa relacionados à experiência interna emergente do direcionamento da atenção à morte. Como base teórica de sua preparação, foi utilizada a taxonomia das ocorrências de consciência fenomenal elaborada por Hurlburt & Heavey (2008).

O EFEM é estruturado em três momentos sequencialmente organizados, a fim de gerar um estado consciente caracterizado pelo direcionamento da atenção à morte. Neste sentido, é organizado na seguinte ordem:

### **Momento I - Experimento de indução ao estado consciente dirigido à morte**

Neste primeiro momento da entrevista, é realizado um experimento de indução ao estado consciente direcionado à morte, no qual as pessoas são instruídas a focarem a sua atenção no tema em um espaço de tempo de trinta segundos. A partir disso, é esperado que os participantes experienciem um estado de consciência caracterizado pelo processamento cognitivo de informações verbais ou não verbais relacionadas à temáticas afins à morte.

O pesquisador, a partir da leitura da instrução, explica resumidamente ao participante os procedimentos que deverão ser realizados no decorrer do experimento psicológico proposto:

*"O experimento consiste em uma tarefa de focalização da atenção, ou seja, eu vou pedir que você direcione a sua atenção para um determinado objeto, darei o tempo de 30 segundos para que você preste atenção a esse objeto e depois eu farei algumas perguntas sobre a experiência que você teve durante esse tempo de 30 segundos de observação. É importante que você esteja bastante atento (a) ao que está passando em sua mente durante o tempo de observação, pois as perguntas que serão feitas em seguida deverão ser respondidas com base no que você pôde prestar atenção. O início da tarefa será marcado com a frase 'início da tarefa' e o término da mesma será marcado pela frase 'fim da tarefa'. Podemos começar ou você gostaria que eu repetisse a instrução?"*

Uma vez verificado que o participante compreendeu a proposta do experimento, logo na sequência é lida uma instrução específica:

*"Eu gostaria que você dirigisse a sua atenção para a morte. A partir de agora, a morte deve ser tomada como objeto de sua atenção. Procure estar atento ao que você sente, e ao que você pensa durante essa experiência, que terá o tempo de 30 segundos. Após o fim da tarefa, eu farei perguntas a respeito de sua experiência ."*

Do ponto de vista de primeira pessoa, este é o momento da geração do dado da pesquisa em si; este é o momento em que ocorre a introspecção propriamente dita. O conteúdo presentificado para o sujeito nesses trinta segundos será sistematicamente explorado ao longo das próximas duas fases.

### **Momento II - Autorrelato do estado consciente dirigido à morte**

Nesta fase, a partir de leitura de instrução específica, o participante é convidado a relatar, do modo mais completo possível, as coisas que se passaram em sua experiência interna durante o período de introspecção, reconstruindo a experiência de acordo com a sua sucessão no tempo e relatando as coisas que se passaram em sua experiência na mesma ordem em que lhe ocorreram.

*"Agora eu gostaria que você me relatasse da forma mais completa possível o que você sentiu e pensou durante a sua experiência. Seu relato deve, na medida do possível, dizer as coisas que aconteceram na mesma ordem em que lhe ocorreram durante a sua experiência. Para isso, procure lembrar com o máximo de detalhes a experiência que acabou de vivenciar."*

**Momento III – Questões direcionadas à exploração dos componentes cognitivo fenomenológicos do estado consciente dirigido à morte.**

Neste último momento, questões semi estruturadas são realizadas pelo pesquisador visando explorar os aspectos cognitivofenomenológicos básicos e de alta ordem que compuseram a experiência interna dirigida à morte dos participantes, tomando como base a classificação de Heavey & Hurlburt (2008). Como exemplo, fornecemos a seguinte questão, relacionada à visualização interna:

*“Quando nós pensamos sobre qualquer coisa, nossos pensamentos às vezes são formados por imagens que aparecem à nossa mente. Durante a sua experiência algum tipo de imagem lhe veio à mente? Você poderia recontar com detalhes sobre como essas imagens são? Caso tenham aparecido em sua experiência?”*

Este momento é crucial para a pesquisa, pois a partir das perguntas é que será possível identificar a existência ou não de interrelações entre as ocorrências de experiência interna (Heavey & Hurlburt, 2008) e conseqüentemente entre os sistemas cognitivos que as subsidiam (Paivio, 2007) na constituição dos eventos subjetivos dos respondentes; em termos da identificação dos pensamentos, afetos e sensações emergentes de seus estados conscientes direcionados à morte.

Em suma, o emprego deste tipo de instrumento é motivado pelos objetivos da pesquisa, possuindo o intuito de preservar, por um lado, a natureza êmica e fenomenológica dos dados; e por outro, o rigor empírico requerido pela pesquisa científica em consciência; resguardadas as condições de acesso do pesquisador (acesso indireto) ao conteúdo de experiência interna do participante, pontos já anteriormente discutidos na seção de fundamentação teórica desta pesquisa.

#### **3.2.4. Análise de Dados**

Preliminarmente à efetivação das etapas de análise, foram realizadas as transcrições dos dados áudio gravados. Durante a transcrição, seguiu-se as prescrições

elencadas por Biasoli-Alves, (1998) e Couto Rosa e Arnoldi (2006) para o processamento pré analítico de conteúdo, realizando-se leituras flutuantes e exaustivas do material; sempre buscando preservar fidelidade às expressões linguístico/discursivas características dos respondentes.

Na sequência, os dados foram submetidos à análise de conteúdo (Bardin, 2006), em sua modalidade categorial. A análise de conteúdo é uma conhecida estratégia de análise de dados derivados de material verbal escrito e/ou oral, amplamente empregada no desenvolvimento de pesquisas qualitativas de base quantitativa nas ciências humanas.

Compreendendo que os objetos de tais ciências possuem uma ontologia multifacetada, Bardin (2006) propõe que a finalidade da análise de conteúdo, uma vez admitida a polissemia instaurada em torno desses diversos objetos de pesquisa, consiste em prover um conjunto de técnicas de organização de informações que objetivam a exploração exegética de determinados conhecimentos, temas ou tópicos relativos a um objeto de pesquisa, cujo acesso seja possibilitado através de relatos, comunicações, documentos escritos e afins.

A análise categorial (Bardin, 2006) é realizada com base em critério temático, procedimento que visa reorganizar o material transcrito segundo a analogicidade semântica estabelecida entre os conteúdos, classificando-os sob categorias específicas conforme os critérios de 1) *exaustividade*: que prescreve a abrangência de todos os conteúdos; 2) *Exclusividade*: que orienta que cada grupo de itens fiquem sob a mesma unidade classificatória; e 3) *Manutenção de um mesmo nível de inferência*: que prescreve a existência de equilíbrio entre os pólos do continuum instaurado entre objetividade/subjetividade dos dados (Bardin, 2006; Biasoli-Alves, 1998).

É importante frisar que a classificação dos conteúdos também seguiu um critério teórico a priori, ou seja: um dado conjunto de conteúdos foi trabalhado para a classificação categorial, com base no critério de semelhança semântica, *a partir da certificação de que todos faziam parte da mesma modalidade de ocorrência de experiência interna*. Tal identificação, além de já ser preterida no EFEM, foi pormenorizada na pré análise, fase em que também ocorreu o agrupamento dos conteúdos conscientes de experiência interna em função de suas modalidades de ocorrência (isto é, visualização interna, consciência sensoria, entre outros).

Por exemplo, os conteúdos de visualização interna reportados como “cemitério”; “funeral”; “sepultura”, foram alocados sob a categoria “*Funebridade*”, que seguindo o critério de exclusividade, se tornou uma categoria específica de visualização interna. Além disso, seguindo-se os objetivos da pesquisa, realizamos a identificação da dinâmica cognitiva presente no fenômeno, a partir da leitura flutuante dos protocolos.

### **3.2.5. Resultados e Discussão**

A análise categorial (Bardin, 2006) classificou os conteúdos provenientes das diferentes fenomenologias conscientes em categorias, que aqui serão interpretadas como componentes da fenomenologia desse estado consciente, segundo seus respectivos tipos de ocorrência de experiência interna; sendo agrupados segundo critério temático (Bardin, 2006), isto é, segundo a analogicidade semântica de seus conteúdos. Os dados dos relatos dos participantes acerca do componente *pensamento não simbolizado*, foram excluídos da análise, devido à difícil operacionalização do construto junto aos participantes.

Por exemplo, os conteúdos de *visualização interna* referentes a *cemitérios*, *velórios*, *caixões*, etc. foram classificados sob a categoria “*funebridade*”, bem como os

conteúdos de *sentimento* relativos à *tristeza*, *angústia* e *pesar*, foram por sua vez alocados sob a categoria “*pesar*”.

Separamos os conteúdos de baixa ocorrência na amostra pesquisada, e que conseqüentemente não figuraram nesta análise, descrevendo suas fenomenologias ao final desta seção, classificando-os como “*conteúdos não categorizados*”. Apesar de não possuírem uma expressão quantitativa, esses conteúdos foram itens importantes na composição dos elementos que mediaram as experiências internas dos sujeitos pesquisados.

A partir da identificação das categorias fenomenológicas, identificamos os aspectos cognitivos subjacentes às suas emergências no fluxo de experiência interna. Os aspectos cognitivos mais salientes em nossa amostra estiveram ligados à atribuições de estados mentais a outras pessoas (teoria da mente), controle da emoção (regulação emocional), bem como outras atividades mentais envolvendo a fala interna, visualização mental, consciência sensorial e representações mentais de dados sensoriais.

Ao todo foram identificadas 28 categorias distintas relacionadas aos conteúdos dos estados conscientes pesquisados; subdivididas entre: 14 categorias relativas à ocorrências de *visualização interna*; 4 categorias referentes à *fala interna*; 6 categorias referentes à ocorrência de *sentimento* e 4 categorias relativas à ocorrência de *consciência sensorial*. Como podemos verificar na tabela abaixo:

---

**Tabela 1.** categorias de conteúdo de experiência interna direcionada à morte, e porcentagem de suas ocorrências na amostra pesquisada

---

**Visualização Interna**

Acidentes (12%)  
Amigos (15%)  
Escuridade (21%)  
Funebridade (53%)  
Guerra (6%)  
Heavy Metal (9%)  
Pessoas da família (45%)  
Pessoas da mídia (6%)  
Pessoas desconhecidas (9%)  
Palavras visualizadas (9%)  
Self (33%)  
Símbolos religiosos (6%)  
Sonhos (6%)  
Violência urbana (12%)

**Consciência sensória**

Alterações cinestésicas (6%)  
Frio (6%)  
Secura bucal e Alterações da respiração (15%)

**Sentimento**

Ansiedade(6%)  
Inanidade (6%)  
Medo (18%)  
Pesarosidade(39%)  
Saudade (15%)  
Serenidade (6%)

**Fala Interna**

Medo (9%)  
Morte (9%)  
Incerteza (6%)  
Inevitabilidade (6%)

---

A seguir, a partir de cada modalidade de ocorrência de experiência interna, realizaremos a apresentação dos resultados em seus aspectos fenomenológicos e cognitivos, seguida de discussões, também por modalidade de experiência interna, relacionadas às suas especificidades e outros resultados de estudos sobre a morte em distintos campos da psicologia.

***Visualização Interna***

No que diz respeito às ocorrências de visualizações mentais, identificou-se 14 categorias, que foram:

**Pessoas da família:** esta categoria reuniu eventos concernentes à visualização de parentes e entes queridos vivos ou mortos, em cenários diversos, tais como hospitais,

velórios, confraternizações, etc. como em “*O primeiro caso foi o momento que eu vi meu pai, que eu cheguei lá e tava lá né, imóvel né, foi a imagem que eu tive, a primeira né.*” (P16). **Funeridade:** agrupou episódios relativos à visualização de cenas e objetos funéreos como cemitérios, caixões, velórios e lápides, como em: “*É... que é uma das poucas imagens que eu tenho dela, é justamente ela no caixão e eu vendo a galera chorando, tá ligado?*” (P6).

**Escuridade:** esta categoria reuniu a ocorrência de imagens mentais relacionadas à visualização de matizes de cores escuras, acinzentadas, descritas como: “*(...) o nada: cor escura, preto, nada.*” (P7) e “*Primeiro aquela coisa de escuridão, meio entristecida, acinzentada (...) essa imagem que se formou, um clima meio sombrio, triste, acinzentado.*” (P8). **Violência urbana:** conglomerou cenários associados à eventos violentos do cotidiano, como assaltos à mão armada etc. encontramos um exemplo em “*Pensei em casos de violência, cenas corriqueiras tipo Cardinot e companhia.*” (Cardinot é apresentador de tv em um programa policial local)

**Acidentes:** esta categoria englobou a rememoração de cenas de acidentes pessoais ou ocorridos com outrem, como em “*É... no momento da aproximação da motocicleta na minha direção, é o momento que eu me lembro bastante também; a imagem que me veio foi eu sentado no meio fio, me apalpando pra ver se eu tava bem.*” (P9).

E ainda: **Heavy Metal:** reuniu visualizações mentais associadas ao universo imagético do heavy metal, tais como capas de discos e shows, como em “*Me veio à mente imagens, gravuras de bandas de heavy metal que a gente curte e que exploram essa... exploram a morte de forma artística mesmo. Me veio capas de tipo... trabalhos do Autopsy, do Death, me veio à mente.*” (P14).

**Self:** reuniu autoimagens dos sujeitos inseridos em situações diversas; em que estes se visualizavam mortos, no funeral de um ente querido, sofrendo um acidente, etc. como em *“Sim, aconteceu primeiro o abismo né, totalmente escuro, até chegar.. como é que se diz... um mausoléu né onde tava uma sepultura aberta e eu ali em decomposição.”* (P20).

**Símbolos Religiosos:** englobou imagens mentais de símbolos ligados ao universo religioso ocidental (cruz, igrejas) e oriental (imagem de divindade hindu), como em *“a questão do símbolo da cruz também, dado o universo simbólico que a gente tá imerso, a questão das representações que a gente tem de uma igreja enquanto esse símbolo da cruz também”* (P4).

**Palavras visualizadas:** categoria que reuniu imagens mentais de palavras, quase sempre referentes ao termo “morte”, como pode ser visto em *‘Basicamente como se tivesse visto assim... como se fosse um texto mesmo. Aberto assim, como uma manchete de jornal. Morte com uma exclamação, em letras garrafais: ‘morte’.*” (P16).

**Pessoas desconhecidas:** esta categoria englobou ocorrências de imagens mentais relacionadas à visualização de pessoas que foram declaradamente tidas como “estranhas”, ou que nunca foram vistas pelos participantes, como podemos ver em: *“Logo depois veio na minha cabeça a imagem de um acidente, né, eu vendo um capotamento de um carro e tendo uma vítima fatal lá que eu não sei quem, era, era uma pessoa qualquer que eu não sei quem é.”* (P2).

**Amigos:** envolveu a lembrança de momentos vividos com amigos, ou a inserção de visualizações de amigos em situações imaginárias, as quais se espera que aconteçam no futuro, ou que nunca aconteceram/acontecerão, como podemos perceber em: *“... a princípio me veio a ideia de um leito de hospital, e posteriormente um caixão sendo levado por parentes, etc. por amigos.”*

**Pessoas da mídia:** abrangeu a visualização de pessoas que passaram na tv, geralmente como objeto de notícia envolvendo sua própria morte; ou de artistas que circulam nos meios de comunicação em geral e que morreram, como pode ser visto em: *“Pensei também naquela tragédia dos mamonas, que foi pesado porque colocaram as fotos na internet.”* (P27).

**Guerra:** esta categoria englobou imagens atreladas ao espectro da guerra, em geral, imagens de tanques de guerra, soldados, ou imagens do holocausto nazista, como em: *“Aí a segunda né, foi quando o cara tava lá né, no palco cantando, aí tomou aquele tiro e caiu. Aí vi essa imagem na tv e depois na internet, do lance do mc funkeiro lá. Ele tinha levado o primeiro tiro de raspão, aqui embaixo, na região da axila e depois foi fatal né, que ele caiu de vez.”* (P16).

**Sonhos:** Envolveu a rememoração de imagens de um sonho marcante na vida do sujeito, ocorrido no passado; em cujo teor perpassaram elementos aos quais os sujeitos se referiram como envolvendo direta ou indiretamente a morte, como podemos ver em: *“A imagem que eu tive nesses trinta segundos foi a de um sonho. Eu, ao dormir(...),o sonho ele me mostrou, eu pensei nessa imagem e essa imagem que eu mais posso salientar é a questão do sonho, de eu ter lembrado desse sonho, de que foi um sonho muito real”* (P28).

Foi possível identificar imagens mentais mediando quase a totalidade dos estados conscientes pesquisados (94%). Houveram casos em que a experiência interna foi mediada somente por imagens mentais (6%), mas em sua maioria, os episódios subjetivos que envolveram visualização interna também envolveram, em uma medida ou outra, todos os outros tipos de ocorrências.

Encontramos no caso a seguir, o participante relatando que no momento em que recobrava as imagens de um sonho, sentiu a boca ficar seca, o que configurou a

intersecção entre visualização interna e consciência sensória na construção dos elementos de sua experiência interna: *“A questão do sonho que eu te falei, em relação até a ter sido real, fez gerar é... a sensação de secura na boca, entendeu? A questão de você lembrar de uma coisa tão conflitante pra você, e ao mesmo tempo a forma da sua reação ao sonho, você tentou se desvencilhar daquele momento que aparentemente não era tão prazeroso, não era tão legal; daí sentir a questão da secura e tudo mais.”* (P28).

Já neste outro protocolo, nos deparamos com um episódio de experiência interna em que ocorrências de sentimentos e fala interna ocorrem em concomitância com a visualização de imagens mentais: *“É... quando me foi solicitado pra pensar na questão da morte, de início foi algo meio que paralisante, tornando-se angustiante e assustador à medida que eu ia visualizando aquela questão da morte né, aquela coisa mais acinzentada, de... aquela coisa mais triste, alguém inerte no caixão e tal. E foi quando eu pensei: ‘ah, eu não quero morrer’. E a medida que esse tempo foi passando ele foi sendo substituído por algo mais claro, assim, talvez eu possa até dizer isso, de me sentir viva enquanto pensava: o movimento das flores, a claridade; vi mais colorida, mais vida.”* (P8).

As imagens mentais foram um ingrediente central destas intersecções, na medida em que a resposta criada pelo estímulo do experimento na atividade do sistema representacional visual foi gerando, na grande parte dos casos, índices de ocorrência de sentimentos, representações mentais sensoriais, sensações e também de fala interna que se sucederam a partir dos conteúdos de visualização interna; que neste sentido, atuaram como dispositivos geradores e integradores dessas outras ocorrências nas experiências dos participantes, como podemos ver em:

*“Primeiro, quando eu foquei o meu pensamento no objeto né, na morte, já veio direto na minha cabeça a questão do velório, eu vi um caixão com o meu avô lá dentro*

*e pessoas ao redor tristes, chorando, e eu lá também presente no velório. Isso continuou um pouco depois em contato com outras pessoas que estavam com o mesmo sentimento que eu, tipo... como se eu tivesse lá falando com essa gente no velório e trocando experiências. Logo depois veio na minha cabeça a imagem de um acidente, né, eu vendo um capotamento de um carro e tendo uma vítima fatal lá que eu não sei quem era, era uma pessoa qualquer que eu não sei quem é. Aconteceu o acidente, a pessoa morreu e tinha muito sangue e tal e enfim. E logo após isso veio novamente o velório, e novamente esse sentimento também de... aperto no coração, de tristeza, de saudade e pronto, foi isso.” (P2).*

*E também em: “Aí assim, não sei determinar a hora que me deu o embrulho no estômago e a garganta seca, mas eu acho que foi pouca coisa depois de ter descoberto na casa da minha tia o falecimento. Bateu também um certo sentimento de pânico, por saber que a partir daquele momento eu estava sozinho, que era eu e eu, basicamente foi isso, não teve mais nenhum pensamento não, foi isso.” (P24).*

Nos dois exemplos citados acima, podemos observar a imagem ocupando o papel de estímulo gerador de conteúdo emocional e sensorial, algo bastante comum na amostra pesquisada. Por outro lado, em alguns casos, as imagens é que foram evocadas a partir de outras ocorrências, fosse por fala interna ou a partir de sensações conjugadas com representações mentais sensoriais, como em:

*“Eu quando me foquei nos trinta segundos, no tema sugerido, eu associei primeiramente palavras e na sequência imagens associadas a essas palavras né. Eu organizei palavras e tinham imagens associadas.” (P7) e em: “Então primeiro veio o cheiro das flores, e a sensação fria. Morte tá muito associada na minha cabeça à frieza. O frio que dá no seu peito quando você pensa em morte. Veio essa ideia da floresta que tinha animais, e a floresta escura, e aquela coisa mórbida.” (P21).*

As imagens mentais também desempenharam um papel importante na construção da arquitetura temporal dos eventos subjetivos investigados, quando em alguns casos, assistimos a memória episódica operando na prospecção de cenários futuros e/ou na rememoração de eventos do passado da vida do sujeito, constituindo episódios de viagem mental no tempo (*mental time travel*, Suddendorf & Corballis, 2007b). A viagem mental através do tempo é a capacidade que os seres humanos (e talvez de outros animais) possuem de viajar mentalmente no tempo, relembando episódios do passado e antecipando eventos do futuro no momento presente (Dias, 2012).

Os dados apontam para três tipos de viagem mental no tempo ocorrentes entre os participantes. O primeiro tipo seria o prospectivo, no qual o sujeito age antecedendo eventos futuros; o segundo, o retrospectivo, no qual o sujeito retrocede no tempo, descrevendo eventos que fizeram parte do seu passado; e o terceiro tipo de viagem mental englobou tanto a prospecção quanto a retrospectiva no tempo, e por isso, pode aqui ser chamado de tipo misto, caracterizado por numa mesma experiência, o sujeito tanto retroceder ao passado, rememorando perdas familiares e acidentes, quanto prospectar o futuro, imaginando o evento de sua morte ou da morte de membros da família.

A fenomenologia dessas viagens mentais foi composta principalmente por lembranças de acidentes pessoais, pela antecipação ou rememoração da morte de familiares e pessoas próximas, e/ou a antecipação da própria morte, como podemos identificar em:

*“Veio o hospital, veio a família lá reunida, o último momento que liberaram assim pra... natal, ele podia estar com a gente, muito delicado, mas aí marcava presença lá sempre com a gente. Lembrei do processo até ele falecer. De momentos*

*antes de ele descobrir a doença. Esses dois anos, isso mexeu muito com a família.”*

**[P13; Tipo retrospectivo]**

*“Teve uma hora que eu pensei e veio o meu avô dentro de um caixão. Inconscientemente eu sei que isso é uma coisa que vai acontecer um dia né, provavelmente eu estarei nesse momento, futuro.”* **[P2; Tipo prospectivo]**

“ ‘De repente eu perdi um amigo né e eu lembrei assim, exatamente na hora que eu recebi a notícia, foi nessa cozinha aqui e assim, cai no chão e desabei em lágrimas **[passado] (...);** ‘Teve também uma parte que eu fico meio apreensiva, até fiquei meio gelada, quando eu penso na morte do meu pai, da minha mãe, né, porque são pessoas extremamente próximas e que a gente tem a base de sustentação da gente. Então assim, aí eu visualizei eles dois e me visualizei já na tensão né, que é uma coisa que você tem que dar uma distraída, você não pode ficar nessa vibe né, nessa coisa de focar nisso, porque senão você fica mal, você acaba antecipando as coisas **[futuro] (...)** ’ ” **(P24; Tipo misto)**.

Em alguns casos do tipo misto, foi comum observar episódios envolvendo situações vividas no passado participarem como modelos afetivos e cognitivos diretos na criação das situações futuras, o que evidencia o papel crucial da memória episódica neste tipo de evento, como podemos ver nos dois transcritos abaixo:

*“Não, eu imaginei eu num caixão morto lá, minha mãe sofrendo como eu vi quando eu cheguei em casa naquele momento que eu falei. Se eu tivesse morrido rapaz, ela tinha morrido junto”* **(P19; Tipo misto)**.

Neste caso, o sujeito antecipa o evento de sua morte, utilizando como modelo um evento que fez parte do seu passado, no qual sua mãe chorou quando o reencontrou após alguns dias, durante os quais o participante esteve fora de casa. Sua mãe pensou que, por não ter dado notícias por telefone durante esses dias, o participante estivesse

morto; conseqüentemente, indo até o iml em sua busca. O participante nitidamente atrelou os aspectos visuais e afetivos deste evento do seu passado na construção do provável comportamento da sua mãe no cenário de sua morte.

Em outro caso, que se encontra transcrito abaixo, o participante reporta a visualização de como seria o futuro funeral da sua mãe, utilizando dados da memória do funeral de uma tia como base para a criação do modelo dessa situação futurística.

*“Na hora que o pessoal pediu pra eu segurar em uma das pontas do caixão, e a gente leva até o jazigo né. Essa situação de levar o caixão pro jazigo eu já fiz a analogia ao que houve com a minha tia. Tipo, como se eu fosse desviado pro dia do enterro da minha tia. Acho que foi um modelo né que eu tinha de enterro que foi mais recente e que eu tomei como principal evento desse tipo na minha história recente.”*

(P24)

De um modo geral, se considera que a viagem mental no tempo ocorre quando o indivíduo encontra-se imerso em um estado de divagação mental (*mind wandering*, Smallwood, 2013), que é a experiência consciente caracterizada pela existência de pensamentos que não permanecem em um único tópico por um longo período de tempo, especialmente quando as pessoas não se encontram engajados em uma tarefa exigente de atenção. Basicamente, seria o transcorrer de pensamentos sem rumo, havendo a ausência de foco em um mesmo objeto durante um médio espaço de tempo, como se o sujeito estivesse sonhando acordado.

Nossos dados evidenciam, contudo, que alguns participantes estiveram de fato engajados em viagens mentais através do tempo durante o percurso de suas experiências, logo, sugerindo que tais eventos também são passíveis de acontecerem durante estados conscientes caracterizados pela ativação da atenção concentrada em um

objeto em geral, e em estados conscientes caracterizados pelo direcionamento da atenção ao tópico da morte em particular.

Um último ponto relacionado ao processamento cognitivo de imagens mentais no estado consciente explorado se refere à sua cinética. Podemos aqui identificar dois componentes básicos, que em geral, pareceram constituir todas as experiências em que houveram ocorrências de visualização interna. O primeiro componente, será aqui denominado *movimento de sucessão intervalar*, e diz respeito ao movimento imagérico marcado pelo surgimento de intervalos responsáveis por marcar o desaparecimento de uma imagem em detrimento do aparecimento de uma nova imagem no fluxo consciente, como podemos ver em:

*“Teve uma certa sucessão de imagens que vinham, entre uma imagem e outra, e intervalos de uma imagem e outra também. Não necessariamente esses intervalos estavam ligados por alguma ideia que 'linkasse' a imagem com a outra. Geralmente eu me concentrei nas ideias que vinham à mente e quando aquelas ideias perdiam a força, elas desapareciam e vinham à tona outras ideias. Elas vinham, sumiam e davam espaço para outras, e nesse intervalo que dá aquela parte vazia mesmo, esperando, é igual a um espaço vazio esperando colocar objeto ali pra preencher. De repente aparece uma cadeira, depois aparece uma mesa, então tira e volta a ser vazio, tira a mesa e volta a ser vazio.” (P4).*

O segundo componente, chamaremos aqui de *movimento de sucessão acelerada*, e se relaciona à movimentação rápida das imagens, caracterizada por uma dinâmica do tipo aparecimento-desaparecimento, indicada pelos participantes como imagens que sucediam em forma de “flashbacks”, como em:

*“Se mexiam, se mexiam, era meio frenético assim, foi meio rápido, veio à cabeça.” (P11).*

*“Veio imagem de capa de disco, veio imagem do meu pai, veio imagem da minha tia, veio imagem dos meus pais, veio imagem disso assim, de flashbacks né.” (P10).*

### **Sentimento**

Ao todo, foram identificadas 6 categorias relativas à ocorrência de sentimento na amostra de participantes, entre elas:

**Inanidade:** categoria que agrupou sentimentos relatados como sendo associados à ideia de nada, vazio, como em *“Sentimento de vazio mesmo. Quando eu penso em morte ou em uma coisa mais próxima, a única coisa que eu consigo pensar mesmo é nessa ideia de vazio mesmo. É uma coisa mais próxima de mim, eu só consigo sentir isso, não consigo sentir muita coisa além.”* (P1).

**Pesarosidade:** agrupou sentimentos ligados ao espectro da angústia, tristeza, melancolia, frustração, etc. como em *“E... quando eu vi o nada, eu senti também alguma coisa. Agora, não uma surpresa, por não haver nada, mas é como você olhar pra um horizonte e não ter nada, apesar de ter um horizonte. Falta de perspectiva eu diria, falta de perspectiva. Quando a vida acabou, quando tudo acabou, não existe reencarnação ou qualquer outra coisa, naquele momento foi o que eu pensei. É uma falta de perspectiva, e é uma frustração. Frustração no sentido de que se a pessoa tava esperando uma vida depois da morte, uma recompensa e não tinha. E... frustração e ao mesmo tempo destino mesmo assim, daquilo ali, de ser finito e pronto.”* (P12).

**Saudade:** reuniu sentimentos atrelados à lembranças de entes queridos já falecidos, como em *“Foi a questão de você, da saudade mesmo né de você ir lá na casa dele e não ter mais ele lá pra tirar brincadeira e ficar fazendo as palhaçadas que ele fazia, foi mais saudade mesmo e acredito que só.”* (P17).

**Ansiedade:** categoria que reuniu sentimentos ligados à inquietude e à sensação de aflição diante da morte, como em *“Que na medida que o fato de eu sentir esse imediatismo, sentir que eu deva agir de forma apressada, porque isso gera muita ansiedade.”* (P17). **Medo:** esta categoria se relacionou à preocupação dirigida ao temor da própria morte ou da morte de outrem, geralmente de entes queridos *“Sim, se medo for sentimento, eu tive medo.”* (P19).

**Serenidade:** reuniu sentimentos de amenidade referentes a sensação de alívio e a pensamentos ligados ao enfrentamento da morte; geralmente antecedidos por sentimentos de natureza pesarosa, esse manancial afetivo apresentou uma função de regulador emocional, à medida que sua aparição se deu no sentido de suprimir outros sentimentos causadores de certo pesar afetivo, tais como a angústia e a tristeza “*Depois aí eu dei uma respirada, senti uma coisa mais... um alívio, quando eu vi a perspectiva do morto e tal.*” (P12).

Os participantes relataram que durante o tempo de imersão, afetos negativos foram suplantados por afetos positivos, denotando a adoção à estratégias de regulação emocional no decorrer do processo. A regulação emocional é conceituada como a habilidade cognitiva de estabelecer estratégias conscientes e/ ou inconscientes para manter, aumentar ou diminuir um ou mais componentes de resposta emocional, incluindo os sentimentos, comportamentos e respostas fisiológicas que constroem as emoções (Gross, 2002).

Os participantes recorreram tanto a recursos cognitivos de visualização interna quanto de discurso interno no desenvolvimento de suas estratégias de regulação emocional. No protocolo de número oito (P8), observamos ambas as estratégias sendo empregadas. O participante relatou sentir tanto emoções positivas quanto negativas no percurso de sua experiência: “*Bom, de início foi algo assustador, angustiante, sufocante também. E depois foi sendo substituído por algo mais sereno, tranquilo, uma coisa mais natural assim, digamos.*” (P8).

De acordo com seu relato, ao longo de sua imersão no estado consciente, o participante trabalhou a regulação de seus sentimentos de modo aparentemente inconsciente, suplantando os sentimentos negativos em detrimento dos sentimentos

positivos, através do uso de imagens mentais e fala interna, como pode-se ver respectivamente, nos dois trechos do protocolo dispostos abaixo:

*“P8: Primeiro aquela coisa de escuridão, meio entristecida, acinzentada, também. E uma pessoa presa num caixão, inerte, imóvel, sufocada. Essa imagem que se formou, um clima meio sombrio, triste, acinzentado, e uma pessoa inerte.*

*E: Certo. Imagens só essas, ou houveram mais?*

*P8: Isso. E depois essa questão acinzentada foi clareando e uma coisa mais... assim... como eu posso dizer... na parte da calma né, não consigo lembrar com detalhes. Assim eu acho que toda aquela parte mais escura foi substituída por algo mais claro assim, em relação aos objetos eu acho que mais ventos, brisas mesmo, flores.”*

E no que se refere à pergunta sobre fala interna:

*“P8: 'Eu não quero morrer'.*

*E: Como foi que ocorreu?*

*P8: Visualizando a morte, né, os conteúdos que a gente tem assim de cemitério, essas coisas assim. A sensação como eu falei foi desagradável, angustiante. É... e um certo sufocamento né, por conta de um aperto na garganta, e pensando, focalizando nisso, o que eu fui pensando foi: "ah, eu não quero morrer".*

*E: Em termos de palavras ou frases foi essa ocorrência somente ou houveram outras?*

*P8: Bom, aí já aproximando-se do final, experimentando essa questão da tranquilidade, da calma, eu acho que assim... enquanto frase o que deve ter acontecido foi mais "ah, mas não deve ser tão ruim assim". Então... no começo foi algo "ah, eu não quero morrer" e no final foi "ah, mas não deve ser tão ruim assim, essa experiência todo mundo passa".*

*E: Essas frases ocorreram durante esse tempo de trinta segundos?*

*P8: Isso, uhum.”*

O fato de a faceta afetiva desse estado consciente se caracterizar, também, pela adoção à estratégias de regulação emocional, vai de encontro a dados de estudos da área clínica (Widera-Wysoczańska, 1999) e neurológica (Hun et. al, 2010) sobre a morte, no que se liga aos seus achados indicarem a regulação emocional enquanto um recurso

comumente utilizado pelos sujeitos no desenvolvimento de estratégias de coping frente à morte.

Levando-se em conta que estudos psicossociais baseados na teoria de gestão do terror (Pyszczynski, Greenberg & Solomon, 1999) - que é uma teoria sobre estratégias de coping produzidas diante da morte - sugerem que pensamentos relacionados à morte induzem emoções negativas como a ansiedade e agem provocando a evitação de estados auto focais; podemos considerar que nossos dados fornecem os primeiros subsídios oriundos de metodologia fenomenológica para a referida teoria, corroborando-a, à medida que menos da metade da amostra (36,6%) relatou algo como uma incidência de autoconsciência ruminante/reflexiva quando visualizaram o próprio self em suas experiências, e que boa parte da parcela afetiva desse tipo de estado consciente foi constituída por emoções negativas.

No que se refere à investigação da relação entre estados autofocais e morte, nosso estudo sugere que outras pesquisas empreguem instrumentos de coleta que possam tomar a morte como um estímulo possivelmente disparador de estados autofocais, para que a posteriori, isto é, através de procedimento retrospectivo, possa ser verificados e e como a morte se instaurou como um elemento centralizador de estados conscientes autofocados.

### ***Fala interna***

A fenomenologia da fala interna apresentou quatro categorias básicas:

**Incerteza:** englobou eventos de fala interna relacionados à angústia produzida diante da dúvida construída em torno do que ocorre quando a morte acontece, como podemos verificar em: "*E agora?*" (P5). **Inevitabilidade:** esta categoria reuniu discursos internos dirigidos à inexorabilidade da morte, enquanto evento não aberto à evasão por parte do sujeito, como pode ser visto no seguinte trecho: "*Então, é o que*

vinha à mente, era sempre isso: "é inevitável, e é algo que é inevitável, não há como evitar." (P11).

**Medo:** englobou o discurso interno no qual houve de fato a ocorrência do termo “medo”, como pode ser conferido em “*Veio, quando você falou ‘comece’, que eu perguntei se teria de pensar só naquilo. A primeira coisa que me veio: ‘medo’.*” **Morte:** englobou o discurso interno no qual houve de fato a ocorrência do termo “morte”, como em: “*Palavra veio a própria palavra ‘morte’, né.*” (P20).

Como já mencionado na seção referente às ocorrências de *sentimento*, a fala interna desempenhou um importante papel enquanto recurso cognitivo nas estratégias de regulação emocional dos participantes. Cabe ressaltar, que esses dados corroboram o que tem sido dito a respeito do papel da autofala na elaboração de estratégias de coping diante da morte (Hun et. al, 2010). Para ilustrar, abaixo, podemos verificar um trecho de protocolo que se engloba na categoria *inevitabilidade*, no qual o sujeito aparenta ter utilizado a fala interna de modo consciente na supressão de sentimentos negativos durante sua experiência:

“ P21: *Quando você sente a angústia, você sente logo a tristeza e fala 'ah, mas o que é isso, relaxa porque isso é uma coisa tranquila’.*

E: *Isso ocorreu em forma de palavras?*

P21: *Uhum, em forma de palavras.”*

Já encontra-se bem demarcada na literatura sobre o desenvolvimento cognitivo do conceito de morte, a tese de que a evolução do elemento biológico que o compõe tem seu início na infância, com a criação de teorias da teoria (theory theory) providas de uma lógica *biológica secular* (Roazzi, Dias & Roazzi, 2010); que fundamenta a construção de crenças ligadas à *universalidade* e a *irreversibilidade* da morte (Torres, 2002; Speece & Brent, 1984).

Estes componentes são internalizados tomando como base a crença de que a morte é um evento que *inevitavelmente* acomete todas as coisas vivas (*universalidade*), e de que uma vez que a coisa esteja morta, a sua volta à vida é uma impossibilidade, sendo portanto um evento *irreversível*.

Sendo assim, ainda no que se liga aos aspectos cognitivos das autofalas desenvolvidas pelo sujeitos de nossa amostra, devemos sublinhar o aparecimento de conteúdo de fala interna destacando a crença de *inevitabilidade* da morte, enquanto fenômeno *universal* e *irreversível*. Este achado ressalta o assentamento cognitivo do conceito de morte ao longo da fase formal do desenvolvimento ontogenético.

### ***Consciência sensória***

Os eventos subjetivos constituídos a partir de modalidades de informações sensoriais tiveram três categorias distintas de conteúdo:

***Frio:*** esta categoria está relacionada à descrição da sensação de frio em partes do corpo, associada à ideia de morte por parte dos participantes, como em "*E é frio né, a morte é uma coisa fria. Então você tem a sensação de frio.*" (P21). ***Secura bucal e alterações da respiração:*** englobou ocorrências subjetivas caracterizadas pelo ato de engolir seco e sentir a "garganta seca", além de reunir ocorrências caracterizadas pelos sujeitos direcionarem a atenção para alterações da respiração, como em: "*Tô até agora assim meio engolindo seco, engolindo seco até agora.*" (P12);

***Alterações Cinestésicas:*** esta categoria reuniu eventos subjetivos ligados à alterações no agenciamento proprioceptivo, descritos como a sensação de sair fora do corpo, de sentir o corpo levitando ou caindo, como em: "*Então, nesse momento aqui do exercício, eu tive somente a sensação de que eu tô descendo num abismo e caindo em direção ao que seria o pensamento mais rápido que eu tive agora com relação a morte.*" (P20).

Os dados de consciência sensória mais importantes foram os que se ligaram às alterações cinestésias. O fato de existirem alterações proprioceptivas (principalmente no que concerne às sensações de flutuação/levitação associadas a episódios de sair do corpo) em um tipo de experiência subjetiva relacionada à morte não é algo discrepante, se considerarmos que alterações dessa natureza também caracterizam a fenomenologia das experiências de quase morte (EQM, Fenwick, 2013).

Segundo Fenwick (2013), a fenomenologia da experiência de quase morte é composta por eventos que ligam-se à: *1) saída do corpo (a experiência fora do corpo – EFC); 2) viagem por um túnel em direção à luz; 3) calma, ausência de dor; 4) encontrar “seres” espirituais; 5) encontrar parentes falecidos; 6) visualização de paisagens bucólicas; 7) visão retrospectiva da vida; 8) reconhecimento de uma barreira ou limite para além do qual não se pode ir; 9) volta abrupta ao corpo.*

Todavia, é interessante notar que embora sejam experiências distintas, do ponto de vista da fenomenologia de primeira pessoa, essas experiências possuem semelhanças quanto a pelo menos quatro pontos citados por Fenwick (2013), que serão logo abaixo identificados e exemplificados, a partir dos participantes cujas experiências constituíram a categoria “alterações cinestésicas”, com exceção dos pontos 2 e 3, que se referem a um tipo de visualização interna que não englobada na análise categorial, por ter um número pouco expressivo:

***1) saída do corpo (a experiência fora do corpo – EFC)***

“Quando eu pensei na... como se tivesse flutuando de fato o meu corpo sabe, como se tivesse saindo, como se tivesse um... uma energia fluindo e eu tivesse levitando, é isso sabe.” (P26)

***2) viagem por um túnel em direção à luz***

“Sim, aconteceu primeiro o abismo né, totalmente escuro, até chegar.. como é que se diz... um mausoléu né onde tava uma sepultura aberta e eu ali em decomposição. E principalmente escuro em volta, como se tivesse um foco de luz no início do túnel direcionado ao meu resto né” (P20)

### **3) visualização de paisagens bucólicas**

*“Como eu disse, eu vi um sonho meu, que eu tenho muito né. Foi... é como se fosse um, uma terra que tem muita flor, mas ao mesmo tempo não é terra, e casas pequenas que não tem teto e que eu já tive lá, é como se fosse muito real.”* (P26)

### **4) volta abrupta ao corpo**

*E assim, se sente até meio perdido né, porque a pior coisa que se tem é fazer uma viagem astral e se perder do seu corpo né, você tem a sensação de tá morto, você cortou a linha da vida né.”* (P20)

Cabe aqui destacar a interessante semelhança entre as fenomenologias desses estados conscientes, que acentuam, de um modo geral, o estatuto da experiência subjetiva na construção do que a morte representa, enquanto elemento que compõe a subjetividade.

Nesse sentido, é esperado que os nossos dados encorajem a realização de mais pesquisas sobre a experiência da morte em estados ordinários de consciência, inclusive utilizando-se marcadores eletroencefalográficos, a fim de se traçar comparativos entre os mecanismos cerebrais associados às fenomenologias das experiências ordinárias e os mecanismos cerebrais que se associam às fenomenologias das experiências de quase morte.

### **Conteúdos não categorizados: conteúdos de outras representações mentais**

No total, três tipos de conteúdos não foram englobados sob categorias, e estão relacionados à tipos específicos de representações mentais, que se encontraram fora da

alçada das imagens mentais visuais e da fala interna, e ocorreram poucas vezes, não sendo possível traçar, portanto, uma semântica desses conteúdos e conseqüentemente alocá-los sob categorias, segundo preconiza a análise de conteúdo de base temática (Bardin, 2006). Os conteúdos não categorizados foram os que segue.

**Representação auditiva:** refere-se a ocorrências de representações acústicas, todas ligadas à audições de música, como em “*Eu ouvi assim alguns trechos de algumas músicas, tá ligado? Tocando.*” (P10). **Representação olfativa:** relacionou-se a memórias olfativas de odores outrora experimentados pelos participantes, ligados ao cheiro de animal morto, de pessoas e principalmente de flores, como em “*Então quando eu comecei a experiência desses trinta segundos eu lembrei desse cheiro, né, exatamente o cheiro dessas flores.*” (P21).

E por último, a **Representação tátil:** a ocorrência desse conteúdo esteve relacionada à memórias táteis associadas à rememoração da sensação de tocar no corpo de um ente querido, como em “*Eu tenho memórias de tocar assim, de um tio meu, que eu sempre, que foi o primeiro cadáver que eu toquei, num enterro lá e aquela coisa, e eu sempre lembro disso aí, sem as córneas, o olho branco assim.*” (P18).

A ocorrência dessas representações foi uma grata surpresa na pesquisa, uma vez que o EFEM não possui originalmente perguntas específicas sobre tópicos desta natureza. Os sujeitos reportaram a ocorrência dessas representações, durante a pergunta sobre consciência sensorial. Devido à questão versar sobre sensações, os sujeitos reportavam a memória de um cheiro, de um toque, entre outros, como destacados acima.

As representações mentais estiveram presentes em 26,64% da amostra (8 participantes), e estiveram geralmente associadas com todas as outras ocorrências de experiência interna, nos casos mais interessantes, associadas à sensações, como podemos ver em:

*“Então quando eu comecei a experiência desses trinta segundos eu lembrei desse cheiro, né, exatamente o cheiro dessas flores. E é frio né, a morte é uma coisa fria. Então você tem a sensação de frio, e o cheiro, associado ao cheiro dessas flores.”*  
(P21).

Neste caso, uma consciência sensorial (frio) esteve associada a uma memória olfativa (cheiro de flor, representação mental não verbal olfativa), destacando significados ocidentais corriqueiramente associados com a ideia de morte no ocidente: frieza e flores presentes em funerais.

### ***Considerações sócio-cognitivas***

Um dos objetivos desse estudo foi investigar a interferência direta da variável cultura heavy metal, no fenômeno da experiência interna dirigida à morte de seus adeptos. Consideramos como critério para a presença da variável, a existência da presença de artefatos semióticos tanatológicos presente no heavy metal, que estivessem de uma maneira ou de outra diretamente associados ao conteúdo da experiência consciente dos participantes da pesquisa.

Levando em consideração este critério, de acordo com o conteúdo dos reportes dos sujeitos, houve uma baixa expressão desta influência na amostra investigada. Apenas 10% da amostra (isto é, três sujeitos) reportaram algo que estivesse ligado à morte, a partir do heavy metal. Este dado, é de certo modo intrigante, e o trabalharemos de forma parcimoniosa, considerando as limitações metodológicas da pesquisa.

Dos três participantes, dois relataram visualizar capas de discos, e um afirmou ter ouvido uma música de um artista de heavy metal específico. A música veio à sua experiência no momento em que o sujeito trazia à mente a imagem de um ente querido, que já havia falecido; ao qual o sujeito reportou sempre ligar esta música à lembrança de sua imagem.

Considerando que todos os sujeitos da pesquisa são participantes deste meio cultural a pelo menos dois anos, e que o heavy metal é de fato uma cultura estética e discursivamente permeada por expressões mórbidas e terroríficas que constantemente remetem, de um modo ou de outro, ao espectro da morte, era esperado que os sujeitos que dela participam utilizassem o heavy metal como catalizador cognitivo e fenomenológico de suas experiências internas dirigidas à morte.

Em outros termos, levando em conta o papel exercido pela cultura na construção da representação da morte, esperava-se que o heavy metal, por ser uma cultura de base tanatológica, pudesse agir como referencial na construção da experiência interna dirigida à morte desses sujeitos.

Contudo, de acordo com a análise de conteúdo realizadas, os dados, em sua totalidade, não transparecem este tipo de fenômeno. O que podemos inferir, baseados na metodologia proposta, é que os elementos tanatológicos presentes no heavy metal não produziram efeitos na fenomenologia dos estados conscientes direcionados à morte entre participantes do movimento.

A quase ausência de elementos da morte que se ligam diretamente ao heavy metal no fluxo das experiências dos participantes sugere que ao longo do tempo de suas vivências nesta cultura, a morte tal como é semioticamente representada no heavy metal tenha sido internalizada muito mais em seu viés artístico/alegórico do que necessariamente vivencial; e do quanto a frequência do contato com os elementos tanatológicos de uma cultura específica pode não ser produtora de ressonâncias diretas na experiência cotidiana de as pessoas pensarem e vivenciarem situações que impliquem em experienciar a morte de algum modo.

Ao menos, no que se liga à expressão da subjetivação da morte no momento em que as pessoas se encontram imersas em seus estados ordinários de consciência na vida

cotidiana (âmbito de realização da pesquisa), a morte tal como é representada no heavy metal não alcançou impactos concretos na experiência dos participantes.

Por outro lado, dados que surgiram de forma espontânea no decorrer das entrevistas, provenientes das explicações oferecidas pelos participantes acerca da relação entre suas concepções de morte e os conteúdos de sua experiência interna, sugerem que as práticas culturais no âmbito do heavy metal parecem influenciar a construção da perspectiva de morte existente entre os participantes, uma vez que seus reportes informam uma concepção ora cética ora metafísica diante do tema, compreensões que se coadunam com o universo conceitual erigido em torno da morte na cultura heavy metal de um modo geral.

Todavia, devido ao escopo da pesquisa focar na aparição desses elementos durante a experiência interna, e não nas narrativas acerca da morte, não lidaremos de maneira afirmativa com esse dado. Ressaltamos que o tipo de dado obtido (dados sobre a fenomenologia dos estados internos direcionados à morte, e não, dados sobre a explicação da perspectiva de morte dos sujeitos) contribui para minimizar nossa capacidade de discutir os motivos pelos quais isto tenha ocorrido. Lidamos com o princípio de livre associação, e não com um princípio de explanação do sujeito acerca da relação entre sua perspectiva de morte, e no que ela se liga às suas vivências na cultura metal.

A falta de um grupo contraste/controlado também conta para a diminuição de nossa capacidade explanatória.

Todavia, se por um lado nosso escopo metodológico não permitiu um aprofundamento mais amplo na questão do significado da morte para essas pessoas, por outro, conseguimos alcançar resultados desejáveis, no que concerne ao mapeamento das

influências do cotidiano da cultura ocidental frente à morte, no fenômeno da experiência interna.

Ainda assim, sugere-se que outras aplicações do EFEM, sejam complementadas por perguntas semi estruturadas a respeito da perspectiva da morte do sujeito, visando atingir de forma mais concreto à dimensão psicossocial que enreda o seu modo de subjetivação. Esses resultados desejáveis, se configuraram de diversos modos, que a partir de agora passaremos a apresentar.

Em termos de influência cultural, o que é possível ser estabelecido em termos sócio-cognitivos, é o massivo impacto dos elementos tanatológicos ocidentais cotidianos nas crenças construídas sobre a morte entre essas pessoas. A todo o momento, a cultura aparece como elemento demarcador da estrutura fenomenológica constituinte dessas crenças.

Elementos tanatológicos presentes cotidianamente na cultura brasileira se expressaram na experiência desses sujeitos a partir da dimensão da violência urbana, acidentes, funerais, cemitérios; por meio da expectativa, e também lembrança, ante a morte de familiares e pessoas queridas; bem como a expectativa ante a própria morte, entre outros.

Apesar de elementos espiritualistas/metafísicos constituírem uma boa parcela das representações imagéticas e discursivas da morte no universo semiótico do heavy metal, elementos deste tipo não figuraram nem direta nem indiretamente nas experiências dos sujeitos investigados. Por outro lado, podemos pensar que talvez a baixa ocorrência de eventos internos constituídos por esses elementos seja devida à ausência de religiosidade na amostra.

Esta baixa presença de elementos religiosos nas experiências parece ser devida ao fato de a totalidade dos participantes não terem apresentado ligações com religiões É

uma característica comum da cultura metal, os indivíduos não apresentarem crenças religiosas, sobretudo cristãs (Weinstein, 2000). Isto influenciou diretamente o conteúdo de suas experiências, sobretudo, no que se dirigiu a uma permanente manutenção de um senso absoluto de finitude que permeou suas experiências.

Dos reportes dos sujeitos, é possível constatar o alto impacto exercido pelas representações da morte presentes no âmbito da cultura ocidental, na constituição de seus estados internos. Tal influência, se faz transparecer no senso de finitude que permeou principalmente a grande parte das ocorrências de fala interna, sentimento e visualização interna; e que em linhas gerais, ressaltaram um significado de inevitabilidade construído diante da imposição que o tema da morte evoca no ocidente, quando o encontramos sendo constantemente atrelado à ideia de interrupção da vida (Ariés, 1977; Kübler Ross, 1996; Cave, 2012).

Este senso de finitude, tão presente em nossa cultura, permeou boa parte das experiências dos participantes, fazendo emergir sentimentos de angústia, medo, ansiedade e tristeza; principalmente atrelados à visualização da própria morte, ou da morte de pessoas próximas, como familiares e amigos. As recorrentes visualizações de cenários e objetos fúnebres, como velórios, caixões, lápides e demais símbolos que resgatam à representação de ritualísticas da morte no contexto ocidental (Ariés, 1977), também são um marco da maciça presença da cultura nas experiências desenvolvidas por essas pessoas.

Por outro lado, como já mencionado anteriormente em outro momento desta dissertação, pôde-se observar os sujeitos evocando em suas experiências imaginativas a fugacidade que permeia o acontecimento da morte na vida cotidiana ocidental em geral e brasileira em particular; fosse por meio da rememoração visual de episódios de acidentes envolvendo a si mesmos e/ou outras pessoas, ou a partir da criação de

cenários visuais fictícios envolvendo acidentes ou violências diversas acometidas também contra o próprio self ou contra outras pessoas.

Esses eventos visuais foram quase em sua totalidade acompanhados de emoções que evolutivamente contribuíram para a construção de instintos de preservação da vida, tais como o medo e a ansiedade. Ao que tudo indica, a ocorrência dessas emoções foi um resultado automático do significado ameaçador reverberado por essas imagens mentais na experiência dos sujeitos.

O fato de haverem eventos deste tipo participando do modo como os indivíduos experienciam a morte, enquanto objeto recobrador da finitude humana, é um demarcador do quanto a violência e os riscos partilhados nos contextos da vida diária vem cada vez mais se impondo como uma ameaça à preservação da vida, sobretudo na conjuntura sócio-política contemporânea. Ademais, de um ponto de vista sócioevolutivo, vale salientar o papel ativo da cultura na modulação de novos elementos ambientais presentes no agenciamento das emoções de preservação, e de como isto interfere diretamente na vivência de qualidades subjetivas ansiogênicas/amedrontadoras nos dias atuais.

As ocorrências de sensações e representações mentais sensoriais também se consumaram de modo responsivo aos estímulos gerados pela atividade do sistema representacional visual. Também nesses casos, observou-se a marca dos elementos tanatológicos ocidentais, à medida que os sujeitos reportavam sentir em suas mãos a textura da pele de um ente querido outrora falecido, enquanto ao mesmo tempo recobravam ou criavam visualmente uma situação em que estavam de frente com a referida pessoa.

Essas situações, foram geralmente criadas ou lembradas a partir de cenários de funerais carregados de elementos tanatológicos tipicamente ocidentais, com o sujeito falecido deitado em um caixão, e apresentando um semblante de paz e tranquilidade.

Podemos ainda, observar a presença da cultura ocidental na experiência sensorial de alguns desses sujeitos, quando consideramos que suas sensações ligadas ao sentir cheiro de flor ou “cheiro de velhice”, acompanharam imagens mentais associadas aos ambientes do cemitério e do quarto de uma pessoa mais velha da família já falecida (a avó), respectivamente. No ocidente, é bastante comum se optar por morrer em casa, junto da família; e por outro lado, também é bastante comum a presença de flores de cheiros característicos nos ritos funerários ocidentais.

Ainda no campo sensorial, reportes de sensações de frio, e alterações no agenciamento corporal, também encontram-se entrelaçadas aos elementos tanatológicos desenvolvidos e preservados ao longo da construção do ideário de morte no ocidente; uma vez que a morte é muitas vezes reportada como sendo algo da dimensão da “frialidade”, e de que a morte é muitas vezes vista como uma passagem de uma condição física material para uma condição espiritual imaterial.

De acordo com as evidências obtidas, é possível inferir que se instaurou uma grande interface semiótica entre os modos através dos quais a morte é significada na cultura ocidental, e o modo como os sujeitos significaram a morte em suas experiências internas. Em termos sóciocognitivos, os dados sugerem a existência de um amplo impacto das bases tanatológicas ocidentais na subjetivação da morte entre os sujeitos da amostra pesquisada. A todo o momento, a cultura figura como um elemento demarcador da estrutura fenomenológica emergente do montante de conteúdos de experiência interna dos participantes.

Como vimos, esses elementos culturais se expressaram de várias maneiras na experiência desses sujeitos: a partir da dimensão da violência urbana e dos acidentes da vida diária, dos funerais; por meio da criação de expectativas, bem como de lembranças, ante a morte de familiares e de pessoas próximas, além da criação de expectativas diante da própria morte.

Por fim, ainda em termos sóciocognitivos, é importante destacar o desenvolvimento de teorias da mente (Premack & Woodruff, 1978) entre os participantes, no segundo e terceiro momento do EFEM (momento dos relatos da experiência). Por teoria da mente se compreende a habilidade de o indivíduo atribuir estados mentais (tais como intenções, crenças, desejos, etc.) à si próprio, bem como a outras pessoas, compreendendo que os outros possuem intenções, desejos e crenças, diferentes da sua própria (Premack & Woodruff, 1978). A construção de teorias da mente é uma marca de nossa vida mental cotidiana, e um aspecto fundamental do desenvolvimento sóciocognitivo nos diversos níveis da ontogênese.

O conferimento de estados mentais à outras pessoas, estiveram atrelados, sobremaneira, à rememoração das visualizações mentais de outros selves ocorridas durante o momento do relato, havendo especial enfoque na atribuição de estados afetivos, como podemos verificar em:

*“Primeiro, quando eu foquei o meu pensamento no objeto né, na morte, já veio direto na minha cabeça a questão do velório, eu vi um caixão com o meu avô lá dentro e pessoas ao redor tristes, chorando, e eu lá também presente no velório.”* (P2).

Bem como em: *“No primeiro momento seria a angústia das pessoas, a dor das pessoas, uma tristeza muito profunda diante de uma pessoa que tava morrendo alí, que tava indo embora e tal, que tava se desprendendo do convívio dessas pessoas.”* (P12).

### **3.3. Considerações Finais**

Esse estudo teve como objetivo proceder investigação acerca de como sujeitos adeptos à cultura heavy metal experienciam a morte, durante o espaço de tempo em que esta encontrou-se tomada como objeto de suas consciências. Conforme apontam os resultados das análises, pode-se observar uma variedade de conteúdos de experiência interna, que de forma integrada, configuraram uma rica fenomenologia da morte emergente da amostra pesquisada.

Entre os dados principais, além do conteúdo fenomenal, encontram-se os dados relativos ao modo como se deu a atividade dos subsistemas cognitivos envolvidos na mediação do estado consciente direcionado à morte; fosse o subsistema verbal a partir da atuação da fala interna na regulação emocional, ou o subsistema não verbal atuando a partir das imagens mentais, na estimulação de outras ocorrências de experiência interna, ou a partir dos dados sensoriais, gerando alterações no agenciamento proprioceptivo, o que assemelhou alguns episódios constantes da fenomenologia deste estado ordinário de consciência à fenomenologia experiência de quase morte (Fenwick, 2013).

De um ponto de vista sócio cognitivo, os dados apontam a presença de construção de teorias da mente na experiência interna, algo ainda não investigado até o momento no âmbito das pesquisas cognitivas da consciência. Em geral, os achados sóciocognitivos do estudo fornecem pistas de como as pessoas costumam pensar sobre a morte na vida cotidiana, retratando os impactos da cultura ocidental neste processo; e em particular, apontam para a discussão da relevância de elementos tanatológicos pertencentes à expressões culturais específicas neste processo.

Quanto ao aprimoramento de nosso instrumento de coleta de dados - a entrevista cognitivofenomenológica da morte (EFEM) - para a utilização em futuras pesquisas, propomos a criação grupos de novas questões semiestruturadas que visem aprofundar a

coleta de dados acerca de cada tipo de ocorrência de experiência interna, ao invés de manter somente uma pergunta de cunho mais abrangente por ocorrência, como atualmente está.

Sugestões de novas questões para o EFEM, poderiam girar em torno, por exemplo, do adicionamento de perguntas acerca da intensidade e cinética das imagens mentais, e sobre cada tipo de representação mental não verbal (representação olfativa, etc,etc). Isto ocorre, pois dados acerca desses pontos surgiram de maneira secundária durante os relatos dos sujeitos.

Além disso, propomos também a criação de perguntas que objetivem a identificação da perspectiva de morte desenvolvida pelo sujeito ao longo de sua vida, com vistas à se gerar mais subsídios para a discussão acerca do significado da morte na população investigada, no enlace entre os elementos tanatológicos próprios à cultura específica da população, e aos elementos tanatológicos emergentes de seu fluxo qualitativo de consciência.

Por fim, vale ressaltar a relevância da pesquisa para a área de estudos culturais e cognitivos da morte, especificamente, no que se relaciona a um primeiro passo rumo à compreensão do significado da morte em população de adeptos do heavy metal. O estudo parte por uma via pouco explorada nos estudos sobre o significado da morte, que em geral, encontram-se ligados ao âmbito da produção do significado a partir do discurso/narrativa do sujeito.

Contudo, a dimensão da linguagem, não obstante a sua função cognoscente integradora fundamental, possui suas limitações no seu modo de traduzir outras formas de significação do mundo, e vice-versa, dada a especificidade modal (Paivio, 2007) que as ancora no âmbito da singularidade de suas expressões. No âmbito da subjetividade, as emoções, sensações e demais eventos, se constituem como modalidades próprias de

conhecimento no processo cotidiano de transformação de nossas realidades subjetivas, e tanto como a linguagem, atuam constituindo nossos significados mais singulares diante das coisas que nos cercam.

Foi neste sentido, que objetivamos partir da exploração dos processos psicológicos mais básicos para tentar compreender a complexidade que engloba a experiência que a morte, enquanto objeto de nossa cognição, nos propicia.

### **3.4. Perspectivas Futuras**

A presente pesquisa envolveu a primeira investigação interrelacionada de dois construtos classicamente estudados de maneira separada na psicologia, a saber: morte e consciência.

Espera-se, em primeiro lugar, que este seja um primeiro passo rumo à construção de um programa de pesquisa focado na exploração sistemática dos aspectos fenomenais e cognitivos deste tipo de experiência interna; envolvendo outras populações - entre estas, profissionais que trabalham com a morte em seu cotidiano laboral, pessoas que passaram por experiências de quase morte, religiosos e não religiosos, espiritualistas e não espiritualistas, etc. - e triângulação de dados de protocolos com dados gerados através de métodos de terceira pessoa (utilizando-se técnicas não invasivas de dados neurofisiológicos, a partir de eletroencefalografia e ressonância magnética funcional, por exemplo).

Esta proposta implicaria diretamente em explorar, de maneira integrada: 1) os possíveis impactos de distintos elementos tanatológicos presentes nas diversas culturas, nos modos de subjetivação da morte de seus participantes a partir de dados de primeira pessoa e 2) a constituição de tais modos de subjetivação, empreendendo a identificação sistemática da dinâmica estabelecida entre os sistemas cognitivos na construção das

variedades de fenomenologias emergentes da experiência interna direcionada à morte, nas distintas populações.

Em segundo lugar, é esperado que se encoraje o início de uma linha de estudos da consciência pautada na investigação dos aspectos fenomenais e cognitivos envolvidos na emergência de estados ordinários específicos da consciência. Parte-se, neste sentido, da tese de que os estados ordinários da consciência emergentes do direcionamento da atenção à temáticas existenciais, revelam ontologias específicas, que merecem ser mais detidamente investigadas de um ponto de vista fenomenológico e cognitivo.

De um ponto de vista subjetivo, é bastante comum observar que a morte, assim como outros objetos significativos de nosso universo mental, tais como “felicidade”, “espiritualidade”, entre outros, faz-se experienciar através da interface estabelecida entre as diversas dimensões que constituem a fenomenologia de nossa experiência consciente cotidiana, tais como a dimensão das sensações, sentimentos, fala interna, entre outras, exploradas nesta pesquisa.

Sendo assim, pensamos que o passo dado nesta pesquisa abre espaço para a criação de um profícuo ramo de pesquisa temática da consciência, de recorte sóciocognitivo e fenomenológico, que venha a ser caracterizada pela exploração sistemática dos aspectos fenomenais e cognitivos peculiares a determinados estados específicos da consciência (Tart, 2000), como é o caso do estado consciente direcionado à morte, entre tantos outros.

Os ganhos deste tipo de estudo residiriam principalmente na construção de uma maior compreensão ante as variedades de fenomenologias emergentes do continuum consciente, quando do direcionamento da atenção aos objetos culturalmente construídos, e que são responsáveis pela constituição de um importante significado

existencial na vida das pessoas. Este tipo de pesquisa deve interessar a uma abordagem qualitativa de pesquisa da consciência, que inclua a cultura como variável importante, no estudo das variedades de constituição da experiência consciente na vida cotidiana.

## REFERÊNCIAS

- Araújo, S.F. (2009). Uma visão panorâmica da psicologia de Wilhem Wundt. *Scientia Studia*, 7(2), 209-20.
- Ariès, P. (1977). *A história da morte no ocidente*. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves.
- Baars, B.J. (1988). *A Cognitive Theory of Consciousness*. Cambridge University Press.
- Barbosa, Melchiori & Bueno Neme. (2011a). O significado da morte para adolescentes, adultos e idosos. *Paidéia*, 21 (49), 175-185.
- Barbosa, Melchiori & Bueno Neme. (2011b). Morte, família e a compreensão fenomenológica: revisão sistemática de literatura. *Psicologia em Revista*, 17(3), 363-377.
- Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barret & Behne. (2005). Children's understanding of death as the cessation of agency: a test using sleep versus death. *Cognition*, 96, 93–10.
- Bendassolli, P.(2001). Percepção do Corpo, Medo da Morte, Religião e Doação de Órgãos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 225-240.
- Bezerra et al. (2012). *Transformações: a cena metal no Recife "pós-mangue"*. Relatório final de pesquisa cultural nº 124/9. Fundarpe.
- Biasoli-Alves, Z.M.M. (1998). A pesquisa psicológica: análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In Romanelli, G. & Z.M.M, BiasoliAlves (Eds). *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. (pp. 135-157). Ribeirão Preto, SP: Legis Summa.
- Block, Ned. (1995). On a confusion about the function of consciousness. *Brain and Behavioral Sciences*. 18, 227—247.
- Boring, G.E.(1956). A history of introspection. *Psychological Bulletin*. 50(3), 169-189.
- Bourdieu, P. & Wacquant, L. (2002). *Réponses*. Paris: Minuit.
- Cave, S. (2011). *Immortality: the quest to live forever and how it drives civilization*. New York: Crown publishers.
- Chalmers, D. (1996). *The Conscious Mind: In Search of a Fundamental Theory*. New York: Oxford University Press.

- Chalmers, D. (2003). The content and epistemology of phenomenal belief. In Q. Smith and A. Jokic (eds), *Consciousness: new philosophical perspectives*. New York: Oxford University Press.
- Chalmers, D. (2010). *The character of consciousness*. New York: Oxford University Press.
- Churchland, P.M. (1995) *The Engine of Reason, the Seat of the Soul*. (MIT Press).
- Christe, I. (2010). *Heavy metal: a história completa*. São Paulo: Arx editora.
- Couto Rosa, M.V.F.P., & Arnoldi, M.A.G.C. (2006). *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Csikszentmihalyi, M., & Larson, R. (1987). Validity and reliability of the experience - sampling method. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 175, 526–536.
- Csikszentmihalyi, M., Larson, R., & Prescott, S. (1977). The ecology of adolescent activity and experience. *Journal of Youth and Adolescence*, 6, 281–294.
- Danziger, K. (1980). The history of introspection reconsidered. *Journal of History of the Behavioral Sciences*. 16, 241 – 262.
- D'Argembeau, A. & Van der Linden, M. (2004). Phenomenal characteristics associated with projecting oneself back into the past and forward into the future: Influence of valence and temporal distance. *Consciousness and Cognition*, 13(4), pp. 844–858.
- Dennet, D. (1991). *Consciousness Explained*. New York: The Penguin Press.
- Durkheim, E. (2007). *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes.
- Feifel, H. (1959). *The meaning of death*. New York: Mc Graw Hill.
- Freud, S. (1992). *Luto e Melancolia*. São Paulo: Novos estudos Cebrap. (original publicado em 1917).
- Graupmann et al. (2013). Culture and its neurofunctional correlates when death is in mind. *Neuroscience Letters* 548, 239– 243.
- Gross, J. J. (2002). Emotion regulation: Affective, cognitive, and social consequences. *Psychophysiology*, 39(3), 281-291.
- Hales et. al. (2012). Understanding bereaved caregiver evaluations of the quality of dying and death: an application of cognitive interviewing methodology to the quality of dying and death Questionnaire. *Journal of pain and symptom management*, 43 (2), 195-204.
- Han, Qin & Ma. (2010). Neurocognitive processes of linguistic cues related to death. *Neuropsychologia*, 48, 3436–3442.

- Hektner, J.M, Schmidt, J.A & Csikszentmihalyi, M. (2007). *Experience Sample Method: Measuring the Quality of Everyday Life*. California: Sage Publications.
- Hurlburt, R.T. & Heavey, C.L. (2008). The phenomena of inner experience. *Consciousness and Cognition*, 17, 798–810.
- Hurlburt, R.T. & Heavey, C.L. (2006). *Exploring inner experience: the descriptive sampling method*. John Benjamins publishing company.
- Jucá et. al. (2007b). Significando a morte, através de redes sociais, em um contexto de vulnerabilidade social: um estudo com crianças pré escolares, seus pais e professores. *Psicologia & Sociedade*, 19(2), 122-130.
- Jung, C. (2000). *A alma e a morte*. Petropolis, RJ: Vozes. (original publicado em 1934).
- Kastenbaum, R. & Aisenberg, R. (1983). *A psicologia da morte*. São Paulo: Pioneira.
- Klinger, E. (1978). Modes of normal conscious flow. In K. S. Pope & J. L. Singer (Eds.). *The stream of consciousness: scientific investigations into the flow of human experience* (pp. 225–258), New York: Plenum.
- Kovács, M.J. (2008). Desenvolvimento da tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. *Paidéia*, 18(41), 457-468.
- Kübler-Ross, E. (1996). *Sobre a Morte e o Morrer*. São Paulo: Martins Fontes.
- Magalhães, J.H.G. (2014). Vygotsky e Moscovici sobre o sujeito. *Psicologia em pesquisa*. (No prelo).
- Mandler, G. (2007). *A history of modern experimental psychology: from James and Wundt to cognitive science*. London: The MIT press.
- Manzini, E. J. (1990). A entrevista na pesquisa social. *Didática*, 26, 149-158.
- Manzini, E.J (2003). Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: Marquezine, M. C.; Almeida, M. A.; Omote; S. (Eds.) *Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial*. (pp.11-25). Londrina: eduel.
- Nagel, T. (1974). What is it like to be a bat? *The Philosophical Review*, 83 (4).
- Nascimento & Roazzi. (2007). A Estrutura da Representação Social da Morte na Interface com as Religiosidades em Equipes Multiprofissionais de Saúde. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (3), 435-443.
- Nascimento, A. M., & Roazzi, A. (2008). Polifasia cognitiva e a estrutura da representação social da morte. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), 499-508.
- Nascimento, A.M. (2008). *Autoconsciência situacional, imagens mentais, religiosidade e estados incomuns da consciência: um estudo sociocognitivo*. Tese de doutorado,

- Programa de pós graduação em psicologia cognitiva. Universidade Federal de Pernambuco.
- Paivio, A. (1990). *Mental representations: A dual coding approach*. New York: Oxford University Press.
- Paivio, A. (2007). *Mind and it's evolution: a dual coding theoretical approach*. Lawrence Erlbaum.
- Philips, W & Corgan, B (2009). *Encyclopedia of Heavy metal music*. Westport: Greenwood Press.
- Polito, V., Robyn, L. & Brown, J. (2010) The experience of altered states of consciousness in shamanic ritual: The role of pre-existing beliefs and affective factors. *Consciousness and cognition*, 4(19), 918–925.
- Pope, K. S. (1978). How gender, solitude and posture influence the stream of consciousness. In K. S. Pope & J. L. Singer (Eds.). *The stream of consciousness: Scientific investigations into the flow of human experience* (pp. 259–289). New York: Plenum.
- Premack, D. G.; Woodruff, G. (1978). "Does the chimpanzee have a theory of mind?". *Behavioral and Brain Sciences*, 4(4), 515-629.
- Pyszczynski, T., Greenberg, J., & Solomon, S. (1999). A dual-process model of defense against conscious and unconscious death-related thoughts: An extension of terror management theory. *Psychological Review*, 106, 835–845.
- Roazzi, Dias & Roazzi (2010). Mais ou menos morto: explorações sobre a formação do conceito de morte em crianças. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(3), 485-495.
- Rolf, R., Pascal, W. & Zimmerman, T. (2004). Exploring “fringe” of consciousness: The subjective experience of perceptual fluency and its objective bases. *Consciousness and cognition* 1(13), 47–60.
- Sass L., Pienkos E. & Nelson B. (2013). Introspection and schizophrenia: a comparative investigation of anomalous self experiences. *Conscious and cognition*, 3(22), 853-67.
- Schmidt, Gabarra & Gonçalves. (2011). Intervenção psicológica em terminalidade e morte: relato de experiência. *Paidéia*, 21(50), 423-430.
- Searle, J. (1995). *A Redescoberta da mente*. São Paulo: Martins fontes.
- Shannon, B.(2003). Os conteúdos das visões da ayahuasca. *Mana* 2(9), 234-276.
- Singer, J. L. (1993). *Experimental studies of ongoing conscious experience*. In *Experimental and theoretical studies of consciousness*. (pp. 100–122). New York: Wiley.
- Singer, J. L., & Antrobus, J. S. (1963). A factor-analytic study of daydreaming and conceptually related cognitive and personality variables. *Perceptual and Motor Skills*, 17, 187–209.

- Smallwood, J.(2013). Distinguishing how from why the mind wanders: A process–occurrence framework for self-generated mental activity. *Psychological Bulletin*, 3 (139), 519-535.
- Speece, M.W. & Brent, S. (1984). Children’s understanding of death: a review of three components of death concept. *Child Development*, 55, 1671-1686.
- Torres, W. C. (2002). *A criança diante da morte: desafios*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Valsiner, J. (2000). *Culture and human development: an introduction*. London: Sage.
- Velmans, M. (2008). How to separate conceptual issues from empirical ones in the study of consciousness. In R. Banerjee and B.K. Chakrabarti (eds.) *Models of Brain and Mind: Physical, Computational and Psychological Approaches*.Oxford: Elsevier.
- Velmans, M. (2009). How to define consciousness, and how not to define. *Journal of consciousness studies*, 16(5), 139-156.
- Veras & Moreira. (2012). A morte na visão do sertanejo nordestino em tratamento oncológico. *Estudos de Psicologia*, 17(2), 291-298.
- Weinstein, D. (2000). *Heavy Metal: the music and its culture*. Boston: Da capo press.
- Widera-Wysoczańska, A. (1999). Everyday awareness of death: a qualitative investigation. *Journal of Humanistic Psychology*, 39, 73–95.
- Zaleskiewicz et al. (2013). Money and the fear of death: The symbolic power of money as an existential anxiety buffer. *Journal of Economic Psychology* , 36,55–67.

## ANEXOS

### *Anexo A: Entrevista Cognitivofenomenológica do Estado Consciente Dirigido à Morte*

#### **Entrevista Cognitivofenomenológica do Estado Consciente Dirigido à Morte**

##### **EFEM**

#### **(Entrevista Cognitivofenomenológica do Estado Consciente Dirigido à Morte)**

#### **Momento I – experimento de indução ao estado consciente dirigido à morte.**

##### ***"Instrução preliminar"***

"O experimento consiste em uma tarefa de focalização da atenção, ou seja, eu vou pedir que você direcione a sua atenção para um determinado objeto, darei o tempo de 30 segundos para que você preste atenção a esse objeto e depois eu farei algumas perguntas sobre a experiência que você teve durante esse tempo de 30 segundos de observação. É importante que você esteja bastante atento (a) ao que está passando em sua mente durante o tempo de observação, pois as perguntas que serão feitas em seguida deverão ser respondidas com base no que você pôde prestar atenção. O início da tarefa será marcado com a frase 'início da tarefa' e o término da mesma será marcado pela frase 'fim da tarefa'. Podemos começar ou você gostaria que eu repetisse a instrução?"

##### ***"Instrução específica"***

"Eu gostaria que você dirigisse a sua atenção para a morte. A partir de agora, a morte deve ser tomada como objeto de sua atenção. Procure estar atento ao que você *sente*, e ao que você *pensa* durante essa experiência, que terá o tempo de 30 segundos. Após o fim da tarefa, eu farei perguntas a respeito de sua experiência ."

*['início da tarefa', dá-se 30 segundos de observação, 'fim da tarefa']*.

#### **Momento II – Autorrelato do estado consciente dirigido à morte.**

"Agora eu gostaria que você me relatasse da forma mais completa possível o que você *sentiu* e *pensou* durante a sua experiência. Seu relato deve, na medida do possível, dizer as coisas que aconteceram na mesma ordem em que lhe ocorreram durante a sua experiência. Para isso, procure lembrar com o máximo de detalhes a experiência que acabou de vivenciar.

**[Relato espontâneo do participante] Após a finalização do relato:**

"Seu relato está completo ou você gostaria de acrescentar ainda alguma coisa que consegue lembrar da sua experiência?"

**[Relato espontâneo de conclusão do participante]**

**Momento III – Questões direcionadas à exploração dos componentes cognitivo fenomenológicos do estado consciente dirigido à morte.**

1. Quando nós pensamos sobre qualquer coisa ou sobre nós mesmos, nossos pensamentos às vezes são formados por palavras ou frases. Durante a sua experiência, palavras ou frases lhe vieram à mente? Você poderia recontar com detalhes essas palavras ou frases caso elas tenham aparecido em sua experiência?
2. Quando nós pensamos sobre qualquer coisa, nossos pensamentos às vezes são formados por imagens que aparecem à nossa mente. Durante a sua experiência algum tipo de imagem lhe veio à mente? Você poderia recontar com detalhes sobre como essas imagens são? Caso tenham aparecido em sua experiência?
3. É bastante comum os nossos pensamentos virem acompanhados de emoções e sentimentos. Durante a sua experiência algum ou alguns tipos de emoção ou sentimento lhe ocorreu? Você poderia relatar o que você *sentiu* durante a experiência?
4. Durante o tempo em que a morte se tornou objeto de seus pensamentos, em alguns momentos, você desviou a sua atenção para aspectos de sua experiência sensorial, isto é, aspectos da sua experiência ligados ao que você estava a tocar, ouvir, enxergar, sentir sabores, gostos e cheiros? Você poderia me descrever como foi essa experiência?
5. Em alguns momentos, no decorrer de nossa experiência, nós pensamos sem fazermos uso de imagens, palavras, emoções, ou quaisquer outro tipos de mediadores. É como se não tivéssemos um objeto em nossa consciência, mas ainda assim, estivéssemos pensando em alguma coisa. Durante a sua experiência, você lembra de algum momento que possa ser caracterizado como um momento desse tipo? Você pode descrever como foi esse momento?
6. De acordo com o que você me relatou, sua experiência se acompanhou de vários acontecimentos mentais diferentes ligados a palavras, imagens, sentimentos, sensações, bem como àquele tipo de pensamento sem mediadores ao qual eu me referi antes. Eu gostaria que você detalhasse a relação entre eles e como eles se associaram na sua experiência, ou seja, que me relatasse em detalhes a ordem em que cada um aconteceu e se alguns deles pareceram estar ocorrendo ao mesmo tempo. Para auxiliar você, usarei as anotações que fiz durante os seus relatos, para reconstruirmos passo a passo como se deu a sua experiência.

## Anexo B: Parecer do comitê de ética

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
PERNAMBUCO CENTRO DE  
CIÊNCIAS DA SAÚDE / UFPE-



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Um estudo cognitivo fenomenológico sobre as variedades de experiências tanatológicas entre headbangers.

**Pesquisador:** José Hugo Gonçalves Magalhães

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 15833113.0.0000.5208

**Instituição Proponente:** CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 297.500

**Data da Relatoria:** 05/06/2013

#### Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa a ser desenvolvido na Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco.

#### Objetivo da Pesquisa:

Investigar como a morte se configura como objeto de representação para sujeitos integrantes da cultura heavy metal, sistematizando o modo como o fenômeno se organiza estrutural e funcionalmente entre os mesmos a partir de sua indexação no sistema cognitivo segundo o fluxo de consciência fenomenal.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequados

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Amostra: Trinta sujeitos maiores de 18 anos participantes da cena underground do heavy metal recifense. Os critérios de inclusão serão: 1) ouvir heavy metal há pelo menos três anos e 2) frequentar shows no circuito underground do heavy metal recifense há pelo menos três anos. Serão excluídos da pesquisa sujeitos que apesar de ouvirem heavy metal e frequentarem shows de metal no circuito underground recifense, não tiverem tais práticas por pelo menos três anos.

**Endereço:** Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600  
**UF:** PE **Município:** RECIFE  
**Telefone:** (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-8588 **E-mail:** cepccs@ufpe.br

Continuação do Parecer: 297.500

Material: Gravador de voz, papel e caneta.

Procedimento de coleta de dados

- Na fase de coleta de dados será utilizado uma entrevista semi-estruturada, nomeada: entrevista fenomenológica cognitiva do estado consciente dirigido à morte. Modelo de entrevista anteriormente elaborado por Nascimento (2008)..

- A realização da coleta vai se dar preferencialmente no Laccos (laboratório de autoconsciência, consciência, cognição de alta ordem e self), em caso de impossibilidade do participante, a coleta poderá ser realizada em local de sua preferência (em seu domicílio por ex.)

Procedimentos de análise de dados

Para a dimensão intra subjetiva: estudos de caso

Serão selecionadas 6 entrevistas para estudo de caso em profundidade, visando explorar aspectos fenomenais das experiências tanatológicas em questão.

Para a análise dos serão empregados princípios e técnicas de análise do conteúdo contidos em Moraes (1999) e Campos & Turato (2009).

Para a dimensão intersubjetiva: análise multidimensional do tipo SSA

Amostra completa: será realizada a análise dos dados via método estatístico multidimensional de escalonamento não-métrico do tipo SSA (smallest space analysis/análise dos menores espaços, vide Roazzi, 1995; Nascimento & Roazzi 2007 e 2008).

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Adequados

**Recomendações:**

Nenhuma

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Nenhuma

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600  
**UF:** PE **Município:** RECIFE  
**Telefone:** (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-8588 **E-mail:** cepccs@ufpe.br

Continuação do Parecer: 297.500

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O Colegiado aprova o parecer do protocolo em questão e o pesquisador está autorizado para iniciar a coleta de dados.

Projeto foi avaliado e sua APROVAÇÃO definitiva será dada, após a entrega do relatório final, através da PLATAFORMA BRASIL ou por meio de ofício impresso emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa/UFPE.

RECIFE, 07 de Junho de 2013

---

**Assinador por:**  
**GERALDO BOSCO LINDOSO COUTO**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600  
**UF:** PE **Município:** RECIFE  
**Telefone:** (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-8588 **E-mail:** cepccs@ufpe.br

## **Anexo C: Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

#### **UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA**

Convidamos o (a) Sr.(a) para participar, como voluntário (a), da pesquisa: ***Um estudo cognitivo fenomenológico sobre as variedades de experiências tanatológicas entre headbangers.***

**Pesquisador responsável:** José Hugo Gonçalves Magalhães.

**Contato do pesquisador:** Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n - Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), 8º Andar – Programa de Pós- Graduação em Psicologia Cognitiva – Recife – 50670-901 – PE/Brasil. **Telefone (inclusive ligações a cobrar)/e-mail:** (81) 8691-1158/hugo\_magalhaes88@hotmail.com.

**Informamos que a presente pesquisa se encontra sob a orientação de:** Prof.Dr. Alexsandro Medeiros do Nascimento.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar a fazer parte do estudo, rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

Em caso de recusa o (a) Sr.(a) não será penalizado (a) de forma alguma.

### **INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA**

#### **1. Finalidade da pesquisa**

Esta pesquisa tem como finalidade investigar os modos pelos quais sujeitos integrantes da cena metal underground de Recife compreendem e experienciam a morte, sistematizando o modo como se organizam estrutural e funcionalmente os seus indexadores cognitivos e fenomenais, através de realização de entrevista em formato semi estruturado.

#### **2. Participantes da pesquisa**

30 sujeitos partícipes do movimento headbanger do underground recifense, com idade mínima de 18 anos.

#### **3. Envolvimento na pesquisa**

Ao participar deste estudo você será convidado a responder a uma entrevista, tendo a liberdade de deixar a pesquisa em qualquer fase da mesma, sem qualquer prejuízo para você. Sempre que quiser você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa, entrando em contato com o seu coordenador através do telefones 8691-1158, e do endereço eletrônico [hugo\\_magalhaes88@hotmail.com](mailto:hugo_magalhaes88@hotmail.com) ou através do Comitê de Ética em Pesquisa (Av. Prof. Moraes Rego s/n, Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50670-901, Telefone 2126-8588).

#### **4. Riscos da participação na pesquisa**

Em pesquisas de cunho psicológico, os participantes confrontam-se, às vezes, com questões que podem lhes causar algum tipo de desconforto emocional e psicológico. Caso isso ocorra, você poderá a qualquer momento abandonar a pesquisa e, se julgar necessário, contatar o pesquisador a posteriori mediante os dados para contato fornecidos no TCLE. Então, os pesquisadores estarão aptos a avaliar a demanda e encaminhar o caso ao atendimento específico, caso seja necessário.

#### **5. Benefícios da participação na pesquisa**

Os benefícios da participação dos sujeitos neste estudo estão ligados ao ganho de autoconhecimento, associado a uma percepção mais ampla de sua concepção de finitude e morte.

#### 6. Armazenamento dos dados

O arquivamento dos dados gerados pela pesquisa será de responsabilidade do pesquisador principal, que manterá, sob sigilo, os protocolos impressos no banco de dados do laboratório LACCOS, sob responsabilidade imediata do Prof. Alessandro Medeiros do Nascimento, e, em última instância, da Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco à qual pertence. Os dados dos protocolos serão sigilosos e utilizados unicamente para fins de pesquisa, discussões científicas e atividades de pesquisa, sempre respeitando a privacidade do nome real do participante (para tal, usando-se nomes fictícios), e estará à disposição de outros pesquisadores que se interessem pelo estudo de temas semelhantes.

Os protocolos deverão ser arquivados por no máximo 5 anos, quando serão destruídos.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu \_\_\_\_\_ de forma livre e esclarecida, uma vez que obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação, manifesto meu interesse em participar da pesquisa.

Recife, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ .

\_\_\_\_\_ R.G. \_\_\_\_\_  
Participante

\_\_\_\_\_ R.G. \_\_\_\_\_  
1ª Testemunha

\_\_\_\_\_ R.G. \_\_\_\_\_  
2ª Testemunha

\_\_\_\_\_

(assinatura do pesquisador)

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – email: [cepccs@ufpe.br](mailto:cepccs@ufpe.br).**